

Obras de MICHEL ZEVACO

- | | |
|----------------------------------|------------------------------------|
| 1. Os Pardaillans (2 vols.) | 10. A Heroína (3 vols.) |
| 2. Epopsia de Amor (2 vols.) | 11. A Ponte dos Suspiros (2 vols.) |
| 3. Fausta (2 vols.) | 12. Os Amantes de Venexa |
| 4. Fausta Vencida (2 vols.) | 13. Borgia (2 vols.) |
| 5. Pardaillan e Fausta | 14. Triboulet (2 vols.) |
| 6. Amores de Nanico | 15. O Pátio dos Milagres (2 vols.) |
| 7. Filho de Pardaillan (2 vols.) | 16. Buridan (5 vols.) |
| 8. O Fim de Fausta (2 vols.) | 17. Nostradamus (3 vols.) |
| 9. O Fim de Pardaillan | 18. Capitan |
-

ROCAMBOLE, de Ponson Du Terrail

- | | |
|---------------------------------|---------------------------------|
| 1. A Herança Misteriosa | 5. A Ressurreição de Rocambole |
| 2. O Clube dos Valetes de Copas | 6. A Última Proeza de Rocambole |
| 3. As Proezas de Rocambole | 7. As Misérias de Londres |
| 4. A Desforra de Bacarat | As Demolições de Paris |
| Os Cavaleiros do Luar | 8. A Corda do Enforcado |
| O Testamento do Grão de Sal | As Maravilhas do Homem Pardo |
-

RESERVE SEU EXEMPLAR TOMANDO UMA ASSINATURA DE QUALQUER DESTAS DUAS COLEÇÕES

Se não encontrar em sua livraria ou bazar as obras desejadas, peça-as pelo REEMBOLSO POSTAL à

EDITORA MINERVA LTDA.

Rua da Quitanda, 25, 2º andar

Caixa Postal, 2798 — RIO DE JANEIRO

Peça catálogo completo da coleção MICHEL ZEVACO e condições de assinaturas.

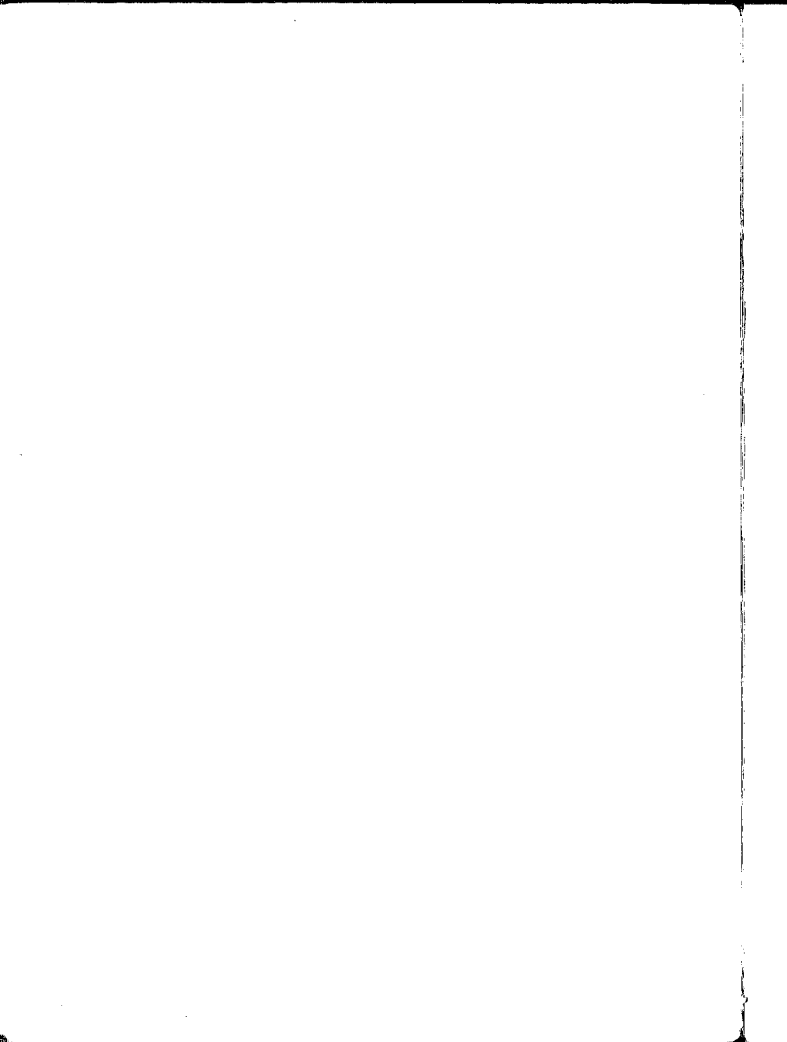
Rocambole

AS PROEZAS DE ROCAMBOLE



INSON
ERRAIL

PROEZAS DE
R O C A M B O L E



PONSON DU TERRAIL

PROEZAS DE

PRIMEIRO VOLUME

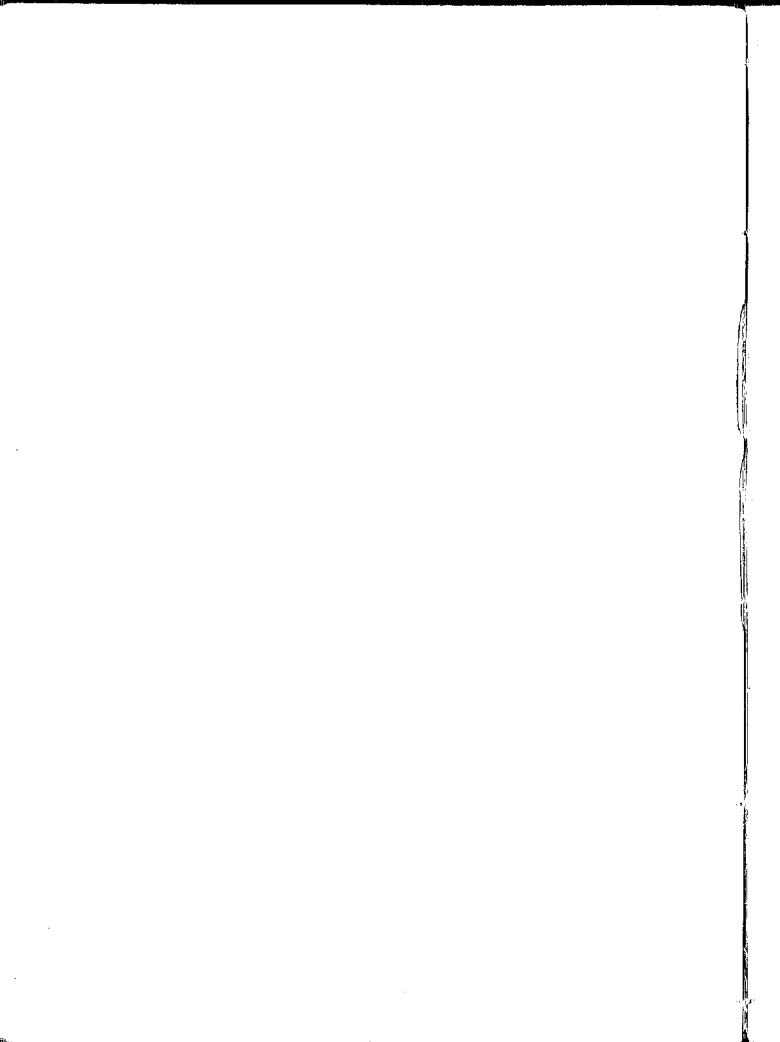
EDITÔRA

QUITANDA, 25 - 3º



MINERVA

RIO DE JANEIRO



A TEMPESTADE

O "Mouette", brigue mercante francês, ia em viagem de Liverpool para o Havre, e corria dez milhas por hora.

— Bom tempo e vento em pôpa! murmurava o capitão visivelmente satisfeito passeando no convés e fumando um charuto. Se isto continuar por mais doze horas, amanhã de manhã estamos no pôrto do Havre, que o "Mouette" não vê a França há quatro anos!

— Com efeito, capitão! Não vê a França há quatro anos?

Esta pergunta fôra feita por um passageiro, que andando igualmente a passear no convés, mas em sentido inverso, passara por junto do capitão no momento em que êle soltara as palavras que ouvimos.

— "No, sir..." respondeu o capitão, o que em inglês, é inútil dizê-lo, significa: "não, senhor".

Ora, ainda que a pergunta tivesse sido em francês, o capitão tinha desculpa de responder na língua britânica, atento ao aspecto do personagem que assim se tornara seu interlocutor.

Era um mancebo de estatura mediana, de vinte e seis para vinte e oito anos, louro, de fisionomia agradável, distinta, mas que transparecia a frieza que caracteriza os filhos da altiva Albion. O seu vestuário era perfeitamente o de um inglês em viagem: calça justa, de xadrez preto e branco, casaco curto com grandes algibeiras, boné cônico, do qual pendiam compridas fitas que lhe flutuavam nos ombros, e bolsa de viagem, junto da qual se viam pendurados sem escolha de lugar, um dicionário inglês-francês, um óculo de alcance, uma charuteira, e um frasco cheio de rum, e

no braço esquerdo, um grande xale-manta, eterno “vade-mecum” do viajante britânico.

— Não necessita falar em inglês, capitão, disse êle, com acentuação que denunciava ligeiramente o insular, eu passo os invernos em Paris.

O capitão inclinou-se.

— Naturalmente, prosseguiu o moço inglês, o capitão volta da Austrália, ou da América do Sul?

— Venho da China.

— E é do Havre?

— Sou natural de Ignoville.

— E’ pois de opinião que entraremos amanhã no pôrto?

— Só não chegaremos se houver contratempo... algum aguaceiro...

E o capitão assestou sucessivamente o óculo para todos os quatro pontos cardeais.

— O céu está azul como um lago de anil, disse êle; vou entregar o comando ao pilôto, e vou deitar-me. São seis horas da tarde; e como estive de quarto a noite passada, estou a cair com sono... Boas-noites, sir Arthur...

— Boas-noites, capitão.

E separaram-se, cumprimentando-se reciprocamente.

O capitão encarregou do comando o pilôto, e o inglês deixou-se ficar no convês, e foi encostar-se à amurada com aspecto melancólico e cismador.

— Palavra de honra! murmurou êle, fixando um olhar ardente no horizonte do azul que a lua iluminava brilhantemente, não sou sentimental nem poético, desdenhei sempre daqueles que cantam os pesares do exílio e os encantos da pátria longínqua e desejada, e não obstante sinto palpitar o coração no Havre. Que loucura! Ter-me-ei tornado um perfeito inglês, um “gentleman” “pur sang”, com vivo interesse pelas corridas d’Epson e por um romance de Charles Dickens, escrevendo versos no jornal do seu condado, e ambicionando ardentemente casar com uma “miss” vaporosa, de lábios vermelhos, olhos azuis, cabelos côr de açafrão, voltando da sua terceira viagem à roda do mundo? Qual história! Sinto palpitar assim o coração porque amanhã estarei no Havre e o Havre dista apenas de Paris umas cinco horas de viagem!

E sir Arthur pronunciou estas palavras com a comoção própria de um filho que proferisse em voz baixa o nome de sua mãe.

— Paris! prosseguiu êle; ó terra dos audazes e dos fortes, dos pensadores e dos soldados! Paris! pátria daqueles que têm no coração uma centella de dominação, e no cérebro um lampejo de gênio... Passei quatro anos envolto pelo nevociro inglês, e nesses quatro anos não houve uma hora, um minuto, em que me não bastasse fechar os olhos para ver em sonhos, e como que no meio de um celeste deslumbramento, essa Paris noturna, resplandecente pelo sol, êsse Eldorado que começa em Tortoni e acaba no Bosque, e que ostenta ao sol dos Campos Elísios os seus cavalos e carruagens consteladas de mulheres elegantes e formosas, como se não encontram em mais parte alguma do mundo!

Após isto, soltou sir Arthur um suspiro e continuou o seu monólogo:

— Passei quatro anos em Londres, cultivando a virtude, como um burguês do Marais cultivando um vaso de resedá, vivendo modestamente com as minhas dez mil libras de rendimento, não tendo sequer um cavalo, jantando nos hotéis, e indo à noite tomar uma chávena de chá na casa dos negociantes da "City", onde todos me cobiçam para suas filhas. Se me demorasse ali mais um ano, ver-se-ia sir Arthur, "gentleman" anglo-indiano, casar muito sèriamente com miss Ana Perkins, ou com a viúva mistress "Três Estrêlas", adquirindo assim foros de burguesia, tomando parte nas eleições, pronunciando discursos nos "meetings", e tornando-se qualquer dia vice-presidente de uma sociedade de temperança! Felizmente, sir Arthur lembrou-se de que foi outrora Visconde de Cambolh, e depois Marquês D. Inigo de los Montes, que presidira o extinto "Clube dos Valetes de Copas", e que o seu desventurado mestre sir Williams lhe predissera um brilhante futuro!

E Rocambole, porque era êle, o nosso antigo conhecido presidente do "Clube dos Valetes de Copas", desceu do convés para a câmara e fechou-se no seu camarote.

— Vejamos, disse êle, o que é preciso fazer. Não basta que eu diga para comigo, que não nasci para viver com um rendimento de dez mil libras como qualquer burguês vir-

tuoso; a minha ambição necessita da vasta cena de Paris, dos cavalos de raça, das amantes louras, e de um palácio. Nada, é preciso saber primeiro como hei de chegar a ter isto tudo e é esta a razão por que sinto mais do que nunca a perda do meu respeitável mestre sir Williams...

Rocambole julgou conveniente soltar um ligeiro suspiro, a modo de oração fúnebre por alma de sir Williams, que decerto havia muito tempo fôra assassinado no espêto, e devorado pelos selvagens das terras austrais. Depois, sentou-se à única mesa que tinha no camarote, na qual estavam espalhados vários papéis, e entre êles um caderno com tôdas as folhas cobertas de caracteres manuscritos. Pegou neste caderno, abriu-o, pareceu querer empregar tôda a sua inteligência e atenção em decifrar e compreender o sentido exato daquela escrita miúda e apertada, e que era um misterioso agrupamento de cifras e de caracteres vulgares. Este caderno era o que Rocambole achara detrás de um retrato de família, no solar dos Kergaz, na véspera da sua partida.

— Que vá para o diabo sir Williams, e a sua linguagem hieroglífica, murmurou êle após alguns minutos de absorção; há quatro anos que lhe procuro a chave, e estou hoje tão adiantado como no primeiro dia. Já me não resta, infelizmente, senão concluir que sir Williams tinha duas cifras, uma que eu entendia, e em cujos mistérios me havia iniciado havia muito, e outra que era só para êle. O caderno revela em cada página o gênio do meu pobre mestre, e está cheio de documentos preciosos, de indicações excelentes; e encerra o ponto de partida de vinte cometimentos. Por desgraça, falta-me exatamente a chave da fechadura, a que faz mover a mola misteriosa. De modo que estou na situação de um homem a quem dissessem: “Há em Londres, no primeiro andar de um prédio, e em um gabinete que dá para a rua, uma vasilha enorme cheia de ouro.” Como, porém, se não tinham lembrado de dizer ao homem o nome da rua, nem o número da porta... Sir Williams era na verdade um homem prudente; tinha uma cifra para os fatos, outra para os nomes e datas. Assim, eis o que eu leio:

“— Há em Paris um palácio, rua...

— O nome da rua, está escrito na segunda linguagem hieroglífica, na tal que eu não entendo.

E Rocambole prosseguiu:

"Neste palácio residem os marqueses de... — outro nome ilegível! — e sua filha. O Marquês tem sessenta anos, a Marquesa cinqüenta, e a filha dezessete. A casa tem de rendimento cem mil libras.

"O Marquês tem um filho, que deve contar vinte e quatro anos. Este filho embarcou aos dez anos em um navio inglês da Companhia das Índias; depois não tornou a aparecer. Estará morto ou vivo? A Marquesa ignora-o. Seu marido é a única pessoa que tem notícia da sorte da pobre criança, e levará para a sepultura este segredo, bem como talvez o do procedimento extraordinário de uma família rica e titular, que vota o seu herdeiro único à rude e miserável vida de um embarcadigo mercante. Esta família vive recolhida no seu palácio, e não visita quem quer que seja; o Marquês anda sombrio e taciturno, e sua espôsa agitada pela infundada mas ardente esperança de tornar a ver o filho.

"Se este filho voltasse, herdaria por morte do pai um rendimento de setenta e cinco mil libras; poder-se-ia, portanto..."

Aqui continuava a escrita hieroglífica, e inteligível para o possuidor dos apontamentos de sir Williams.

Era evidente que este, para quem a primeira maneira de crescer, e que o mancebo poderia decifrar, era mais corrente e familiar, não se servira da segunda, de pura convenção consigo mesmo, e além disso muito mais complicada, senão para os nomes dos personagens, para as datas e para as suas mais audazes inspirações.

Rocambole repeliu de si o caderno com um gesto de desânimo.

— Maldito sir Williams! exclamou êle. Fiquei sabendo que há uma Marquesa, a qual espera um filho, que não aparece; e que tem uma filha e cem mil libras de rendimento. Ignoro, porém, o nome da Marquesa e o da rua em que reside; e quanto ao partido que se poderia tirar de tudo isto... Com mil demônios! exclamou Rocambole, interrompendo-se; o que se poderia fazer sei eu... Reduzia-se tudo a tomar o lugar do filho da Marquesa; mas para isso seria necessário saber o nome dela, qual o lugar em que reside, e o nome

do filho, que já decerto não existe... Infelizmente não sei nada disto, e sir Williams levou o segredo consigo para a Austrália.

Rocambole ficou de novo pensativo, e aproximou-se, quase em seguida, da portinhola que lhe servia de janela no camarote.

— Pobre sir Williams! disse êle para consigo; um gênio daqueles! Mas que diabo de engenho! Magnificas inspirações, e fortuna nenhuma... Ah! que se eu tivesse aquêlê talento!

Rocambole, que terminara o seu monólogo com segundo suspiro, foi inopinadamente arrancado à sua meditação por um ruído insólito em todo o navio.

— Tôda a gente para cima! bradava a voz imperiosa e áspera do capitão!

— Olá! pensou Rocambole, então o capitão despediu-se de mim há pouco para se ir deitar, e já está outra vez em cima, e a gritar por tal modo!... Que demônio será isto?

Rocambole saiu do camarote e subiu para o convés. O capitão estava ao catavento, dando sucessivas ordens, os marinheiros carregavam o pano e os passageiros pareciam consternados. Contudo, o mar estava tranqüilo, o céu sereno, o tempo era magnífico; pelo menos assim o afirmaria quem não fôsse marítimo.

A primeira pessoa que Rocambole encontrou e a quem pediu explicação daquele ruído desusado, que perturbara tão repentinamente a tranqüillidade noturna de bordo, era um mancebo louro, alto e magro, envolto em uma japona de marinheiro, e de boné de oleado com um galãozinho de prata, que parecia indicar um oficial de marinha.

No meio de tantos restos consternados, conservava o mancebo fisionomia risonha e serena, e assestava um óculo para o horizonte, com a fleuma de um verdadeiro marítimo.

— Poder-me-á dizer o que significa êste movimento? perguntou-lhe Rocambole. Por que razão nos mandaram subir todos para o convés? Por que é que assim carregam o pano?... O que é que nos ameaça, para que tôda esta gente, — e apontou um grupo de passageiros, — csteja com o aspecto de quem caminha para o suplicio?

Rocambole disse isto tudo em excelente inglês.

— Isto tudo quer dizer, respondeu o mancebo igualmente em inglês, que em breve nos acharemos debaixo de tempo.

— Debaixo de tempo?

— Sim, que está propínquo um vendaval.

— Ora adeus! com o céu límpido como está!

— Para o senhor, decerto; mas para nós, que estamos habituados ao mar... Olhe, sirva-se do meu óculo... veja...

Rocambole pegou no óculo.

— Vê, no horizonte, a oeste, continuou o seu interlocutor, um pontozinho pardo, que parece uma vela?

— Vejo...

— Pois daqui a uma hora terá aquela nuvenzinha tolhado todo o céu, convertendo esta noite transparente e luminosa em uma noite opaca; vê-la-emos então vomitar raios e tempestade; e êste mar que nós vemos agora tão liso e sereno como um lago, enfurecer-se-á repentinamente. As ondas coroar-se-ão de espuma, o navio dançará sôbre elas, como a mais miserável casca de noz; e bastará que se tenha esquecido de carregar o mais pequeno farrapo de pano, para que naufraguemos.

O mancebo expressava-se com a clareza e sangue frio de um marítimo consumado.

— Pois que! disse Rocambole; então aquela nuvenzinha pode pressagiar isso tudo?

— Eu sou marinheiro; retorquiu o mancebo sorrindo-se; e os marítimos estudam o céu tão continuamente, que raras vêzes se enganam.

— Visto isso, vamos ter uma tempestade?

— Terrível...

— E achamo-nos realmente em perigo?

— Talvez...

— Diabo! murmurou Rocambole, que apesar de destemido, não tinha o mínimo desejo de ir dormir sob as águas do majestoso oceano.

— Ora! — continuou o moço marítimo, com um sorriso impregnado de melancolia. — Nós estamos de tal modo habituados, nós homens do mar, a votar a vida ao sacrifício, que olhamos sempre estas coisas pelo pior... Além disso, o capitão dêste navio, onde eu sou simples passageiro, sabe

do officio, e a tripulação é experimentada... E depois, — concluiu êle, estendendo a mão, — Deus é bom, e extingue as tempestades com um sôpro...

— Ah! então o senhor é apenas passageiro?

— E' verdade... Eu sou guarda-marinha da Companhia das Índias.

Esta resposta fêz estremecer Rocambole, que se lembrou dos apontamentos de sir Williams.

— Vai para o Havre?

— Vou para Paris, com o fim de abraçar minha mãe e uma irmã, que não vejo há dezoito anos... Não as vejo, concluiu êle súbitamente comovido, desde o dia em que embarquei, aos dez anos, em um navio da Companhia.

Ouvindo estas últimas palavras, esqueceu-se Rocambole da tempestade próxima e da perspectiva de um naufrágio; esqueceu-se do universo inteiro, para fitar avidamente o homem que tinha diante de si. Nunca, talvez, em tôda a sua vida, tão fértil contudo em peripécias, experimentara Rocambole comoção semelhante à que se apoderou dêle, ao ouvir as últimas palavras do moço official de marinha. Pareceu-lhe então, que o futuro, até ali envolto em trevas, se iluminava de repente, e que a explicação do enigma devia brotar dos lábios daquele desconhecido que o acaso lhe fizera encontrar.

— Então o senhor é francês? disse êle com uma voz, cuja alteração o seu interlocutor teria notado em qualquer outra circunstância.

O mancebo fêz um gesto afirmativo.

— Compreendo, — disse êle, sorrindo-se — que lhe cause admiração ser eu francês e estar ao serviço da Companhia das Índias; mas isso provém de segredos de família, que me não pertencem completamente.

Rocambole respondeu com um gesto ambíguo, que pareceu testemunhar ao mesmo tempo curiosidade e desejo de não transpor os limites da discrição.

O moço official de marinha recebeu novamente o óculo, com uma cortesia, e disse-lhe em seguida:

— Peço desculpa, mas tenho de o deixar por um momento... Preciso ir ao meu camarote buscar uns papéis que eu tenho o maior empenho em salvar do naufrágio...

se acaso o houver; papéis que estão encerrados em um canudo de fôlha de Flandres, e com os quais me deitarei a nado, se assim fôr preciso.

Rocambole retribuiu-lhe o cumprimento e o mancebo afastou-se; mas de então em diante não dominou o nosso herói senão um único pensamento, um desejo, enfim; seguir os passos do moço marinheiro, ganhar-lhe a confiança, arrançar-lhe o seu segredo, e talvez...

O fêcho dos projetos de Rocambole era tão vago, tão tenebroso ainda, que nem se atreveu a formulá-lo: mas lembrou-se de sir Williams, o qual, em outro tempo, lhe dissera muitas vêzes: "A vida é um campo de batalha, onde para se triunfar é indispensável fazer algumas vítimas, coisa de que um homem de tino se consola sempre, pensando que a população do globo é demasiadamente numerosa."

Rocambole passeou por uma hora no convés, indiferente a quanto ocorria em tôrno.

— Francês... murmurou êle, ao serviço da Companhia das Índias... tendo saído de Paris, para embarcar, há dezoito anos... Não há que duvidar, é o filho da tal Marquesa de quem falava sir Williams, há quatro anos, quando escrevia os apontamentos...

E Rocambole, absorto por um ardente e tenebroso pensamento, não se lembrava da sinistra verdade profetizada pelo moço marítimo. Com efeito, a nuvenzinha que em princípio não era perceptível no horizonte senão a ôlho armado, aumentara com extrema rapidez.

Primeiro alongara-se horizontalmente como uma faixa semicircular e depois toldara a pouco e pouco todo o céu, onde pouco antes brilhava esplêndida lua. Em seguida, de seus flancos, que assumiam de minuto para minuto as mais gigantescas proporções, tinham-se destacado outras nuvens, de aspecto acobreado e formas caprichosas, e a lua desaparecera inteiramente. Ao mesmo tempo, levantou as ondas um sôpro, em princípio frouxo, poderoso ao cabo de poucos minutos, e que passou pelo navio fazendo-lhe ranger os mastros.

— Ela aí está, com mil diabos! murmurou então um marinheiro.

Esta exclamação arrancou Rocambole à meditação que tanto o preocupava. Viu então que a tempestade principiava a esboçar-se, e reconheceu terem os passageiros direito de estar assustados; a tripulação aguerrida mostrava inquieta. À noite luminosa, estrelada, e cujo luar permitia que se assistisse, como se fôra dia claro, no convés do navio, a todos os pormenores da manobra, tinham sucedido as trevas; e no meio delas, mal dissipadas em um e em outro ponto pelo farol da pôpa, ou por uma lanterna, ouvia-se a voz estridente e imperiosa do capitão, em pé no banco de quarto, e ao mesmo tempo os gemidos de algumas mulheres dominadas pelo susto. Suplantando todos os ruídos, bramia a voz terrível da tempestade que se erguia ao longe e que corria estrondosa e sinistra por sobre a crista das vagas, que principiavam a desgrenhar-se, e a apresentarem-se cobertas de espuma lívida.

— Diabo! pensou Rocambole; parece que decididamente não estamos no Havre amanhã de manhã!

— Peça a Deus, disse atrás dêle uma voz, para amanhã pertencer a êste mundo, e creia que já obtém importante resultado se fôr atendido.

Rocambole olhou para trás e viu o moço oficial da Companhia das Índias.

O mancebo despira a japona de marinheiro, e ficara apenas com uma camisola de lã, as calças de brim e o boné de uniforme. Tinha, porém, a tiracolo um canudo de fôlha de Flandres, como os que usam os soldados com baixa. Tinha além disto um cinto, do qual Rocambole via sair as coronhas de duas pistolas e o cabo de um punhal.

— Êste é um traje para o mar, disse êle a Rocambole. Se tiver de me deitar à água, não me há de embarçar muito a bagagem.

— Parece-me que adotou precauções inúteis, retorquiu Rocambole. Nós não estamos tão perto do naufrágio como supõe.

— E' que o senhor não se lembra que estamos na Mancha, talvez a duas léguas da costa, que a violência do vento nos pode atirar para cima de um recife, e que o navio pode tocar e abrir-se... O senhor não vê a impetuosa rapidez com que o navio corre de norte para o sul, apesar de levar

o pano todo carregado? Ouça o capitão, que é um marinheiro experimentado, comandar as manobras extremas que indicam a máxima intensidade do perigo...

Quando o moço oficial assim acabava de falar com frio entusiasmo, com admiração de um homem que fôra tôda a sua vida embalado pela tempestade, ouviu-se gritar: "Pica o mastro grande"! e em poucos minutos caiu o mastro sob o machado, e estendeu-se no convés, com um ruído de veras sinistro. Quase ao mesmo tempo bradou um moço que estava de vigia na gávea de proa, mas no tom de susto: "Terra! Terra!"

Rocambole deixou imediatamente de hesitar.

II

O NAUFRÁGIO

Como dissemos, quando Rocambole viu que o navio dava infalivelmente à costa, sentiu cessarem tôdas as suas irresoluções. Afastou-se do moço oficial, correu para a câmara, derrubando quem achou no caminho, e entrou no camarote, arrombando a porta para perder menos tempo.

Apenas entrou no camarote apoderou-se de todos os objetos de algum valor que possuía; em primeiro lugar dos preciosos apontamentos de sir Williams, depois da carteira que encerrava os seus títulos de renda, e por fim da bolsa, que prendeu com o maior cuidado à cintura.

Feito isto, despiu parte da roupa, ficando em mangas de camisa, e voltou para o convés. O que êle não queria era perder de vista o moço oficial da Companhia das Índias.

A desordem, o tumulto e o susto a bordo tinham chegado ao auge. Até o próprio capitão principiava a perder a presença de espírito.

O navio, impellido com uma rapidez a que coisa alguma podia já obstar, corria pelo cimo das ondas como um cavalo enfurecido e desenfreado.

Rocambole aproximou-se do moço oficial, o qual lhe disse:

— Dessa vez é certo!

— Que quer o senhor dizer?

— Que daqui a uma hora, ou talvez antes, terá o navio socobrado.

E estendeu a mão para o sul, onde se via uma nesga do céu menos escura.

— Olhe, prosseguiu êle, além é a terra, de que não distamos mais de duas ou três léguas. Já não há manobra nenhuma que possa neutralizar o ímpeto do navio; e a costa para onde nós corremos é erizada de escolhos ao lume d'água, sobre os quais nos vamos provavelmente despedaçar...

O mancebo não concluiu a frase, que lhe foi cortada por um repelão medonho, seguido de um imenso grito de desesperação e susto. O navio tocara em um escolho.

— Ao mar! Ao mar!

— Arria os escaleres!

Tais foram os gritos que ao mesmo tempo se ouviram.

Mas ao cabo de um segundo já Rocambole e o seu companheiro do acaso se haviam lançado ao mar, nadando em seguida quase a par.

— Ou nos salvamos ambos, ou morreremos ambos, pensava Rocambole, que era hábil nadador; não largo assim o meu marquês...

Nadaram pelo espaço de uma hora, lutando com as vagas, no meio da mais completa escuridão, e sem deixarem de ouvir os gritos de angústia da tripulação e dos passageiros, que a um e um iam abandonando o navio. Afinal, apesar de ser bom nadador, principiou Rocambole a sentir-se fatigado.

— Está cansado? gritou-lhe o moço marítimo, que o viu cortar a água com menos fôrça.

— Estou... respondeu Rocambole.

— Coragem! faça um esforço... Distamos apenas meia dúzia de braças de uma massa negra que eu vejo aparecer entre as ondas...

— E' a terra? perguntou Rocambole, que sentia as fôrças abandoná-lo cada vez mais.

— Não, mas é um rochedo, uma ilhota em que podemos descansar.

Enquanto o marítimo assim falava, dizia Rocambole para consigo:

— Vamos, vamos!... Nada de sossobrar próximo do pôrto, como aquêlê estúpido navio... Lembra-te de que podes fazer coisa melhor do que ir dormir no fundo do mar... Lembra-te de que podes ser Marquês!...

Êste último pensamento impeliu-o a transpor mais meia dúzia de braças, mas foi o último esforço: apesar de sua energia moral conheceu que os membros principiavam a inteiricar-se-lhe, e afinal fechou os olhos.

Em seguida soltou um grito, e ia já desaparecer no meio de um enorme vagalhão, quando o moço marítimo, ainda cheio de força e vigor, e que lhe ouvira o grito de aflição, se dirigiu para êle e o agarrou pelos cabelos.

.....

Quando Rocambole voltou a si, o seu olhar admirado viu o sol ardente. Às trevas sucedera o dia, à tempestade a bonança.

Não lutava já com a morte, não diligenciava escapar às profundezas do oceano. Pelo contrário, estava deitado em areia lisa e fina, e erguendo-se um pouco, conheceu que se achava em um rochedo no meio do mar e só! Como fôra êle parar ali. Primeiro sentiu dificuldade em reunir as recordações, mas enfim, conseguiu-o. Recordou-se de que lutara enèrgicamente com a morte por muitas horas, nadando ao lado de um moço oficial de marinha; depois, que as forças se lhe haviam diminuído progressivamente até que o abandonaram; que, julgando-se morto, soltara um grito supremo, fechara os olhos, e sentira-se desaparecer sob uma vaga, ao passo que o desamparava absolutamente a consciência da vida.

De então em diante não se lembrava Rocambole senão de que lhe parecera, no momento derradeiro, sentir um violento repelão nos cabelos. Mas era esta a sua última recordação. Não obstante, compreendeu tudo imediatamente. O seu companheiro de infortúnio, mais vigoroso nadador do que êle, salvara-o e conseguira depô-lo naquele rochedo. Mas que fôra feito dêle? Continuará a nadar para terra? Rocambole assim o recebeu por um momento; não porque se sentisse amendrontado de se achar só em uma ilhota do

oceano, mas porque com a vida tinham-se-lhe despertado os instintos ambiciosos e cruéis. Salvo da morte, como que por milagre, já Rocambole prosseguira no seu sonho de ambição e futuro sonho cuja base era o homem que o salvara. O desaparecimento do moço marítimo era para Rocambole a perda do fio condutor que lhe devia abrir as portas da primeira sociedade parisiense, como êle audazmente imaginara.

Ergueu-se com dificuldade, porque estava despedaçado pela fadiga e molestado pelas asperezas do recife, contra o qual embatera repetidas vêzes, enquanto desmaiado e seguro pelo seu salvador; mas uma vez em pé, pôde andar, e deu alguns passos para reconhecer completamente o lugar em que se achava.

Era uma ilhota de um quarto de légua de circunferência, pouco distante da terra firme que se avistava no horizonte destacando-se do céu azul, como uma estreita faixa de nevoeiro. Por sôbre a ilhota, no espaço incomensurável, pairavam algumas aves aquáticas.

Rocambole percorreu a ilha, reconhecendo com desesperação que era deserta; estava já próximo do convencimento de que o seu companheiro de infortúnio conseguira chegar a terra, quando avistou um objeto luzente, que lhe arrancou uma exclamação de surpresa e alegria.

Era um canudo de fôlha de Flandres, o mesmo, sem dúvida, em que o oficial de marinha levava os seus papéis. Ao lado do canudo viu Rocambole outros objetos, dispersos na areia. Eram as pistolas que o maníbeo levava à cintura quando se lançara à água, e mais o cinto. Evidentemente o seu companheiro não podia ter abandonado aquilo tudo; por conseguinte, teve logo a esperança de que não saíra da ilhota, e de que estava decerto dormindo em alguma cavidade do rochedo.

Pôs-se então a caminho, continuando as suas investigações.

De repente chegou aos ouvidos do novo Robinson, primeiro frouxo, depois mais distinto, um ruído alheio ao murmúrio confuso das águas. Era uma voz humana clamando por socorro.

Rocambole dirigiu-se para o sítio de onde partia a voz, e lobrigou uma espécie de fenda, da qual pareciam sair os

brados que ouvia. Fôra ali que o oficial de marinha caíra; e Rocambole, aproximando-se da fenda, viu na profundidade de oito pés uma cavidade circular, com as paredes a prumo e desprovidas da mínima saliência.

— Até que enfim me ouviu! exclamou o mancebo, vendo aparecer Rocambole à beira daquele abismo em miniatura.

— Ouvi, ouvi, meu salvador... Também agora hei de poder...

E Rocambole interrompeu-se para examinar atentamente o lugar onde se achava o naufrago. Era, como dissemos, uma das cavidades que o mar abre muitas vêzes nos rochedos e em que as ondas batem eternamente. A fenda estava coberta de uma relva rasteira, e o oficial caíra nela, quando se propusera girar em torno da ilha, com a esperança de descobrir no horizonte alguma vela.

Depois, como a abertura tinha a forma de funil invertido, por conseguinte mais ampla em baixo do que em cima, debalde intentou o mancebo sair; não conseguiu senão rasgar inutilmente os joelhos e as mãos, que resvalavam no rochedo liso e polido.

— O acaso será inquestionavelmente meu escravo? pensou Rocambole.

— Esta manhã vi passar ao largo um navio, disse-lhe o seu companheiro... Então estava o senhor dormindo, deveras exausto, e eu deitado a seu lado; mas apenas avistei o navio, levantei-me e deitei a correr agitando os braços e gritando. Com a precipitação de chegar ao extremo do recife que o navio parecia querer dobrar, escorreguei e caí nesta cavidade, onde morreria de fome, se o senhor me não tivesse acudido...

— Felizmente aqui estou... Mas, acrescentou êle, como hei de tirá-lo daí? Se salto lá para baixo ficamos impossibilitados de poder subir, se me deito no chão e lhe dou a mão, estou demasiado fraco para o poder puxar para cima...

— A vinte passos do sítio em que o pus esta manhã, respondeu o mancebo, achará o senhor as minhas pistolas, e ao lado delas o cinto e o canudo em que tenho os papéis. O cinto é de pele de cabra do Tibete; tem oito pés de comprimento e dá-me cinco voltas à cintura. E' muito forte, não rasga...

— Vou procurá-lo, disse Rocambole, em cujo cérebro surgiu naquele momento uma idéia infernal.

— O senhor lança-me um dos extremos do cinto, concluiu o mancebo, e diligência fixar o outro extremo fora da fenda, em alguma anfractuosidade do rochedo...

— Sim... sim, não tardo aqui.

E Rocambole desapareceu. O nosso herói supusera poder correr; mas estava demasiadamente fraco e extenuado para o poder fazer. O que fêz foi encaminhar-se o mais depressa que pôde para o sítio designado pelo oficial, e onde vira, com efeito, os objetos mencionados.

Ora, durante o trajeto fêz Rocambole o seguinte raciocínio:

— E' evidente que se eu não tirar dali o meu amiguinho, êle por si nunca o poderá conseguir. Isto é um rochedo, onde decerto se passam meses sem que aporte um barco de pesca. Se eu, daqui a pouco me sentisse bastante forte para me deitar novamente a nado e poder chegar à terra levando comigo o canudo de fôlha de Flandres, podia muito bem ser Marquês dentro de vinte e quatro horas, um Marquês a valer, munido de excellentes pergaminhos e possuidor de um rendimento de setenta e cinco mil libras... Eu, afinal não contribuí nem de leve para que o pobre moço caísse no buraco... de onde não sou obrigado a tirá-lo... e depois, eu estou tão fraco, que tornaria a desfalecer só por ir buscar o cinto de pele de cabra... Anda, Rocambole, nada de pieguices... se vês diante de ti uma ocasião de ser Marquês, aproveita-a sem escrúpulo... E' verdade que aquêlê pobre Marquês anônimo obstou a que eu me afogasse esta noite; que se não fôsse êle teria eu hoje servido de almôço a algum tubarão; e decerto qualquer filantropo no meu lugar empregaria todos os esforços para tirar seu salvador do perigo em que êle está... Mas eu sou filósofo, e estou convencido de que a Providência tinha desígnios secretos impelindo aquêlê mancebo a salvar-me... Naturalmente queria-o no número dos santos e há de juntar-lhe o nome ao mártirológico...

Após esta reflexão ímpia, sentou-se Rocambole na areia, ao lado dos objetos de que o mancebo se separara, a fim de andar mais desembaraçado. Depois abriu o canudo de fôlha e tirou os papéis que êle continha. Em seguida pôs-se a

examiná-los um a um. O primeiro que pegou era uma nomeação de guarda-marinha ao serviço da Companhia das Índias, sob o nome de Frederico Alberto Honório de Chamery, nascido em Paris ao 25 de julho de 19... e de vinte e oito anos completos.

— Muito bem, pensou Rocambole, depois de ter examinado o documento, já sabemos que nos chamamos Frederico de Chamery e que servimos na Índia. Continuemos a instruir-nos...

Atraiu então a atenção de Rocambole uma carta, em cujo sobrescrito viu uma letra fina, alongada, e que denunciava mão de mulher. A carta principiava pelas palavras: "Meu querido filho", e concluía a assinatura "Marquesa de Chamery."

— Palavra de honra! murmurou o arrojado aventureiro; sir Williams não nos enganou com os seus apontamentos: minha mãe é realmente Marquesa:

E leu por baixo da assinatura:

"Rua Veunceau nº 27, no meu palácio".

— Sir Williams, continuou êle, perdeu deveras o tempo em escrever os nomes e os números em uma língua desconhecida.

E leu em seguida aquela carta de uma mãe a seu filho:

"— Meu querido filho, dizia a Marquesa de Chamery ao moço guarda-marinha, há dezesseis anos que me foste arrebatado, e só ontem, à cabeceira de teu pai moribundo, é que soube o que fôra feito de ti. O Sr. Marquês de Chamery faleceu esta noite, suplicando-me que te mandasse procurar pelo mundo inteiro, eu, que te julgava morto, e que consumira dezesseis anos a chorar a tua perda!

"Dirijo esta carta ao almirantado inglês, com a esperança de que te chegará à mão mais cedo ou mais tarde, e que correrás a lançar-te nos braços de tua mãe e de tua irmã, segundo o voto de teu pai, que no momento extremo se arrependeu do seu injusto rigor. Só no seu último momento, meu querido filho, é que eu soube a explicação do extraordinário procedimento de teu pai. Há dezesseis anos que o Sr. Marquês de Chamery habitava as águas-furtadas do palácio: não me dirigia nunca a palavra, e mandava-me

dar pelo nosso administrador cem luíses por ano. As minhas lágrimas, as minhas súplicas não tinham podido nunca triunfar do seu silêncio: debalde lhe perguntei até o seu último dia, qual podia ser o motivo daquele gênero de vida tão extraordinário.

"No decurso de dezesseis anos fomos os esposos mais bem unidos aos olhos da sociedade; mas na intimidade nunca troquei uma palavra com teu pai, nunca o Marquês deu um beijo na filha.

"Tua irmã e eu, julgamo-lo por muito tempo atacado de loucura... Ontem é que soubemos o segredo de tão horrível mistério. E este segredo meu filho, é que te vou contar.

"O Sr. de Chamery, teu pai, não possuía, há trinta anos, senão o rendimento de mil escudos e as suas dragonas de coronel de hussardos. Teu pai era meu parente afastado, eu era igualmente pobre, mas amávamo-nos, e por isso desposou-me. Fôste tu o primeiro fruto do seu amor. Tinhas tu cinco anos quando a situação de teu pai mudou inopinadamente. O Marquês de Chamery, seu primo, chefe do ramo mais velho da família, e riquíssimo, pois possuía de rendimento cem mil libras, foi morto em duelo. O Marquês Hector de Chamery tinha trinta anos, caráter fogoso, dominador e impaciente. Guiado pelos princípios levianos do nosso século, não acreditava na virtude nem na honra das mulheres. O Marquês era solteiro, e vivia em companhia de sua mãe. A Sra. de Chamery passava o verão em um castelo situado nas imediações de Blois, e denominado "Orangerie".

"Alguns anos após o nosso casamento, e poucos meses antes da morte do Marquês Hector de Chamery, foi teu pai nomeado para fazer parte da expedição de Argel, e não querendo deixar-me inteiramente só em Paris, confiou-me à Marquesa de Chamery, sua parenta. Passei, pois, na "Orangerie" o fim do verão e o outono de 1830. Hector de Chamery nutriu por mim uma paixão não menos violenta que criminoso, de modo que foi preciso o poder do amor que eu dedicava a teu pai para resistir às perseguições do Marquês. Felizmente, meu querido filho, teu pai regressou, porque a revolução de julho não lhe permitia continuar no serviço; dera a sua demissão porque queria permanecer fiel à sua

bandeira. Uma noite apareceu inopinadamente na "Orangerie", e disse, beijando-me:

— Nós somos pobres, muito pobres; mas como é necessário educar o nosso filho, não coras decerto ao saber que aceitei um emprêgo na indústria? Sou diretor de umas minas consideráveis que uma companhia vai explorar nos Vosges.

— Irei para onde quizeres, repliquei com alegria.

"No dia seguinte saímos da "Orangerie", com grande desesperação do Marquês Hector, que dois dias antes me ameaçara de vazar a si próprio os miolos com um tiro. Ao cabo de três meses, e ao tempo em que eu e teu pai nos estabelecíamos em uma aldeia dos Vosges, teve o Marquês uma estúpida dissensão em Paris, no bulevar, do que resultou bater-se, e atravessaram-lhe o pulmão com uma estocada, da qual morreu ao cabo de oito dias no meio de horrendo padecer.

"Tivera, porém, tempo de fazer testamento, no qual instituiu teu pai seu herdeiro universal, em detrimento — só ontem é que o soube — de uma irmã natural, cuja existência nós ignorávamos, e da qual é necessário que te fale, para poderes avaliar o abominável procedimento da velha Marquesa de Chamery.

"A Sra. de Chamery, ficando viúva ao vinte e sete anos, e não tendo outro filho além de Hector, que contava três anos, não tornou a casar-se, porque em tal caso, segundo uma cláusula do testamento de seu marido, ficaria privada não só da tutoria, mas da metade dos haveres de seu filho.

"A Marquesa, porém, cometera uma falta. Havia uma menina que fôra em princípio criada às ocultas, e depois introduzida no castelo da "Orangerie" como uma órfã, parenta afastada, na qual se haviam concentrado dentro em pouco tôdas as afeições da Marquesa, ao passo que Hector de Chamery, que tinha conhecimento do segredo de sua mãe, votava implacável ódio àquela filha da desonra. Assim, pois, o Marquês Hector de Chamery, instituindo teu pai seu herdeiro universal, em detrimento da irmã natural, desencadeou contra nós tempestades de ódio no coração de sua mãe.

"Já percebes agora, meu filho, a cruel vingança daquela mulher.

“Quis a fatalidade que três meses após a morte do Marquês eu desse à luz tua irmã.

“Decorridos cinco anos — tu tinhas então dez — faleceu a idosa Marquesa de Chamery, na sua propriedade da “Orangerie”.

“Teu pai, que se tornara Marquês de Chamery, partiu imediatamente, para lhe ir prestar os últimos deveres e tomar posse da porção dos bens de que Hector de Chamery deixara usufrutuária sua mãe...”

— Com os demônios! murmurou Rocambole, interrompendo a leitura da carta, é uma história interessantíssima.

E continuou a ler.

III

OS DOCUMENTOS

“Meu querido filho, prosseguia a Marquesa, teu pai estava ausente de Paris, havia oito dias, quando uma noite tu me foste arrebatado. Como? Por quem? Isto foi por muito tempo um mistério para mim, e por muito tempo te julguei morto. Tinhas então dez anos, eras tratado como filho de grande casa, e, para te satisfazerem todos os caprichos, deixavam-te dormir só, no pavimento baixo do palácio.

“Uma manhã o criado encarregado de te acordar todos os dias às cinco horas, para montares a cavalo, entrou no teu quarto e não te achou. Contudo, a tua cama estava desmanchada, e tinha os mais evidentes sinais de que estarias no jardim, mas debalde ali te procuraram. O palácio foi inútilmente revistado de alto a baixo.

“Impelida pela minha dor, dirigi-me ao comissário de polícia. Deu isto em resultado revolverem Paris para te acharem, mas nunca se pôde saber a explicação de tão misterioso desaparecimento.

“Escrevi a teu pai e dei-lhe parte de tão horrível desgraça, mas teu pai respondeu-me com uma carta, cujo sentido banal me espantou. De então em diante, nunca mais beijou tua irmã nem pronunciou o teu nome. Viveu assim dezesseis anos.

"No primeiro dia da semana passada a sua saúde, já muito alterada, inspirou-nos séria inquietação. No dia immediato deitou-se na cama para não tornar a levantar-se, proibindo a entrada no quarto a mim e a tua irmã. Ontem, porém, o prior de S. Tomás de Aquino, que lhe administrara os últimos socorros da religião, conseguiu que eu pudesse aproximar-me d'elle.

"— Marta, disse então teu pai, na minha hora extrema, perdão-te...

"— Perdoar-me! exclamei! mas que falta cometi?!

"E foi tal o assombro, o pasmo que se revelou na minha voz, que teu pai sentiu-se impressionado, e murmurou:

"— Santo Deus! Será possível que a Marquesa tenha mentido!

"Em seguida meteu a descarnada mão debaixo do travesseiro, tirou um papel muito amarrotado e estendeu-o para mim. Este papel, meu filho, era uma carta que a velha Marquesa de Chamery dirigira a teu pai dois dias antes de morrer, e que teu pai achara ao regressar da "Orangerie".

"Eis o que ella continha:

"Meu querido primo:

"O Hector instituiu-o seu herdeiro universal, e o primo, homem de bem como é, acha naturalissimo que o ramo mais novo dos Chamery succeda ao ramo mais velho, que se extinguiu.

"Não foi, porém, esse o motivo que determinou o testamento do meu filho, que Deus haja. O que elle quis foi despojar sua irmã Andréa, que tem hoje quinze anos, que eu tenho educado como uma parenta afastada, e que, posso confessar-lho, é minha filha. Estou convencida de que o meu querido primo há de proteger a pobre menina, a quem infelizmente não posso legar senão as minhas economias; e não deixará de a proteger, principalmente sabendo que o Hector amou a Sra. de Chamery, e que não foi ao primo, mas a sua filha, que elle legou um rendimento de cem mil libras.

MARQUESA DE CHAMERY."

“Decerto avalias, meu filho, o fulminante efeito que esta carta devia causar no espírito de teu pai. Tornei-me logo a seus olhos uma mulher que calcara aos pés todos os deveres. Dali em diante não viu mais em tua irmã senão a filha do crime, cujo nascimento coincidia com a minha estada em casa da abominável mulher, que quisera desonrar-me antes de morrer. Eu, como debes supor, apenas tive conhecimento daquela carta, ajoelhei-me e ergui as mãos ao céu, suplicando ao Todo-Poderoso que concedesse ao desventurado velho um raio de fé, para que morresse crente da minha inocência... Deus ouviu-me, decerto, porque me deu à voz, ao gesto, ao olhar um tal acento de verdade, que teu pai cessou absolutamente de duvidar de mim.

“— Perdão, perdão! murmurou êle.

“E apertando-lhe eu as mãos e beijando-lhas, disse-me:

“— Não continue a chorar seu filho, minha senhora, seu filho não morreu; fui eu quem o raptei, de noite, porque queria — peço-lhe que me perdoe... bem sabe que a supunha culpada — queria ao mesmo tempo que êle ignorasse sempre o crime da sua mãe, que não pudesse nunca gozar a riqueza que, a meus olhos, provinha de uma origem vergonhosa.

“Então, meu filho, teu pai deu-me vários pormenores acêrca do modo por que êle penetrara, de noite no palácio, quando eu o supunha ainda na “Orangerie”, e como, auxiliado por um criado velho e fiel, te surpreendera, ordenando-te que te levantasses, e que o acompanhasses ao Havre, onde embarcara contigo para a Inglaterra. Agora, meu querido filho, escrevo-te pedindo que venhas...

“Tu estás sem dúvida um interessante oficial e julgas-te órfão e pobre... Volta, meu filho, volta... volta ao braços de tua mãe que chora há dezesscis anos e que te espera no auge da impaciência.”

Terminava aqui a carta da Marquesa Marta de Chamery.

Rocambole colocou-a junto da patente de oficial do moço Marquês Frederico Alberto Honório de Chamery, e passou a ler cutro documento.

Êste, escrito decerto pelo próprio oficial, era um caderninho de oito a dez fôlhas, com letra miudíssima, mas muito legível.

No princípio da primeira página lia-se esta data:

"Bombaim, 18 de março.

E mais abaixo:

"Diário Marítimo".

Este documento dizia assim:

"Saímos daqui há uma hora, e o navio, a bordo do qual estou como simples passageiro, fêz-me de vela para a Europa. E' uma viagem de cinco meses. Vou, pela primeira vez, achar-me ocioso a bordo. Sou apenas passageiro. Dei a minha demissão de oficial da marinha da Companhia das Índias no dia em que soube ter ainda mãe e uma irmã; a chegada da carta, que veio revelar-me a existência que parece estar-me reservada, despertou de súbito em mim as mais longínquas recordações da infância.

.....

"No mar, 20 de março.

"Devia ter então dez anos, e residíamos em um grande palácio, onde havia um jardim com grande arvoredor.

"Eu dormia no pavimento baixo do palácio, em um quarto que dava para o jardim, o qual tinha uma porta para a rua de Lille.

"Uma noite, estava eu dormindo profundamente, quando acordei em sobressalto; sentindo tocarem-me em um ombro, abri os olhos e vi que era meu pai!...

"Meu pai estava ausente de Paris havia muitos dias, e minha mãe dissera-me que não voltaria senão na semana seguinte. Fiquei, portanto, muito admirado de o ver à minha cabeceira.

"Mas o que me impressionou mais ainda foi a tristeza profunda que lhe notei na fisionomia.

"Estava pálido e com aspecto severo, êle que tinha sempre nos lábios o sorriso da bondade; além disso, estava todo ves-

tido de prêto. Apenas eu abri os olhos, levou meu pai um dedo aos lábios, para que me conservasse silencioso; depois, ordenou-me em voz baixa que me vestisse.

"Ao mesmo tempo fêz um movimento que me deixou ver atrás dêle um antigo criado da casa, que fôra soldado e que me dava lições de equitação.

"O criado estava tão triste e severo como meu pai.

"Obedecei; e como me achasse ainda meio adormecido e como me não vestisse com bastante rapidez, ajudou-me o idoso Antônio, envolvendo-me afinal no seu capote. Em seguida, pegou-me meu pai na mão dizendo:

"— Vamos...

"E fêz-me subir ao quarto pela porta que dava para o jardim. Depois, voltou-se para o Antônio e perguntou-lhe:

"— Sabes quais são as minhas recomendações?

"— Sim, senhor...

"E atravessamos o jardim, diretos à porta que deitava para a rua de Lille.

"Ali tirou meu pai uma chave da algibeira e abriu a porta. Eu chegara ao auge do assombro, e quase do susto. Não sabia aonde meu pai me conduzia; e afinal disse-lhe:

"— Mais onde vamos, papai?

"— Vamos fazer uma viagem.

"— Com a mamãe?

"— Não... respondeu-me êle em tom sacudido e empalidecendo.

"E em seguida acrescentou:

— Tu já não tens mãe.

"E quando eu diligenciava explicar a mim próprio tão sinistras palavras, fêz-me êle sair do jardim, do qual o idoso Antônio, que ficara da parte de dentro, fechou imediatamente a porta sôbre nós.

"Na rua estava uma carruagem de posta, parada a pouca distância da porta. Fêz-me subir para ela, sentou-se a meu lado, e bradou ao cocheiro:

"— Roda!

"A carruagem saiu de Paris a trote largo rodou tôda a noite e metade do dia seguinte, e afinal parou à porta de uma estalagem onde tomamos algum alimento. Mal acabamos de comer, metemo-nos de novo na carruagem, e che-

gamos à noite a uma cidade à beira-mar e cujo ancoradouro estava cheio de navios.

— Estamos no Havre, disse-me então meu pai.

“E fomo-nos alojar em um hotel próximo do pôrto. Na manhã seguinte saiu meu pai, ficando eu ainda a dormir. Ao cabo de duas horas voltou, acompanhado de um homem com farda vermelha. Era um oficial da marinha inglesa.

“Meu pai sentou-me então nos joelhos, e disse-me.

— Tu, meu filho, decerto ouviste muitas vêzes dizer que eras rico, mas mentiram-te. És pobre e deves usar nobremente do nome que te transmito.

“Entrego-te a êste senhor, que há de fazer de ti um homem, um bravo e digno oficial como êle. Hás de, portanto, acompanhá-lo.

— E a mamãe?! exclamei!

— Tua mãe morreu... retorquiu êle, em tom colérico.

.....

“No dia seguinte embarquei.”

.....

Aquí termina o primeiro apontamento de viagem do Marquês Alberto Frederico Honório de Chamery.

Rocambole interrompeu, por conseguinte, a sua leitura.

— Por enquanto, disse êle para consigo, bastam êstes documentos para me convencer de que a Marquesa dos apontamentos de sir Williams e a de Chamery são uma e a mesma pessoa. Assim, pois, o filho esperado e destinado a gozar as setenta e cinco mil libras de rendimento, é êle. O que me parece é que se acha em um buraquinho de onde não poderá sair sem a minha licença e sem meu auxílio... Ora adeus! Eu sou pouco caritativo!

E olhou para o mar, examinando sucessivamente os quatro pontos cardeais. O mar serenava, o céu estava puro, no horizonte não se avistava nenhuma vela.

— E' evidente, disse Rocambole para consigo, que no estado de extenuação e fadiga em que se encontra aquêle pobre Marquês de Chamery, morre dentro de duas horas se acaso

lhe não acudirem. Não vejo navio, nem barco de espécie nenhuma, que mostre querer aproximar-se do nosso modesto escolho; é até provável que só em ocasião de temporal aporte a êle algum barco de pesca. Ora, o tempo está magnífico. Logo, só amanhã, ou quem sabe se no fim de oito dias, ou de um mês, ou nunca, é que algum marítimo, percorrendo a ilhota, descobrirá o cadáver do pobre diabo... Por conseguinte, dispensa-me isto de praticar uma ação má, quer dizer, de matar o pobre Marquês de Chamery, cuja existência me parece inútil.

Rocambole tornou a meter os papéis no canudo de fôlha de Flandres, pô-lo a tiracolo, cingindo-se com o cinto, que o desventurado julgara dever ser o seu instrumento de salvação, e entalou nêle as duas pistolas. Em seguida trepou a um rochedo que dominava o mar.

A duas léguas de distância avistava-se distintamente a terra da França.

— Tenho de desempenhar uma tarefa deveras árdua, murmurou Rocambole; mas desta vez hei de lembrar-me de Bougival e da máquina de Mearley. Além disso, quem é Marquês de Chamery, e oficial de marinha ao serviço da Companhia das Índias, deve ser bom nadador...

E em seguida lançou-se ao mar, com a coragem de um homem que vai apossar-se de um marquesado e do rendimento de setenta e cinco mil libras.

IV

O SELVAGEM

Em uma terça-feira gorda, em Paris, seriam três ou quatro horas da tarde, era compacta a multidão de povo no bulevar Saint-Martin, de povo que se entretinha, não com ver passar os fiacres e as carruagens cheias de gente mascarada, como se devia supor, mas a seguir atentamente com a vista as peloticas de vários saltimbancos, estabelecidos com as suas barracas em um terreno devoluto entre a rua Chateau-d'Eau, e a do arrabalde do Templo.

No próprio local onde há hoje um aquartelamento, não estava então menos de uma dúzia de teatrinhos de feira, disputando uns aos outros os favores da turba. Havia, porém, um que parecia ser terrível concorrente para os vizinhos. Os amadores subiam os cinco degraus da sua escada exterior, e desapareciam dois a dois, e às vészes quatro a quatro, e quase sem interrupção, por detrás do pano que ocultava sem dúvida muitos mistérios aos que não tinham quinze cêntimos para o poderem transpor. Era uma grande barraca pintada de verde e amarelo, à porta da qual se via uma rapariga de pantalonas de meias avermelhadas, saia de veludo, dançando com castanholas ao som de um pandeiro, e interrompendo de quando em quando a dança para dizer ao público o seguinte:

— Entrem, entrem, minhas senhoras e senhores. Entrem, se querem ver o grande chefe indiano, todo sarapintado, e a quem os seus inimigos cortaram a língua e arrancaram os olhos!... Entrem, entrem... São apenas quinze cêntimos, e é coisa que merece ser vista!

A rapariga dançava após isto um bolero, e depois de fazer maravilhosas piruêtas, continuava, nos seguintes termos:

“— Entrem, minhas senhoras e senhores! O’Penny é um homem selvagem das terras austrais, cuja história lhes vou contar, acompanhada por música do seu país.

Então a jovem cigana tirava o pandeiro das mãos do saltimbanco, vestido de verde e amarelo como a barraca, e que até ali lhe estivera acompanhando a dança, e contava, ou antes, declamava o seguinte reclamo:

“O’Penny é um grande chefe, valente no combate, e tão prudente no conselho como o Serpente Azul, seu avô.

“O’Penny embarcou, a lua passada, na sua piroga, com trinta dos seus guerreiros, e partiu para a ilha da Nana-Kiva, onde reina o Grande Abutre, seu mortal inimigo.

“Entretanto, não é o reino de Nana-Kiva, o que O’Penny cobiça; tão pouco o colar de pérolas que o Grande Abutre traz ao pescoço...”

Aqui julgava a cigana dever interromper-se, e dizer, continuando a dançar:

— Entrem, minhas senhoras e senhores... Cá dentro saberão o fim da história na presença do próprio O'Penny!

E a multidão entrava, e dali a um quarto de hora saía, convencida de que vira um chefe selvagem das raças australianas, um pele-vermelha do Pacífico.

Ora, entre os espectadores que estacionavam defronte da barraca, tateando grave e alternadamente a sua curiosidade e o seu bolso, achava-se um mancebo bem vestido, de luvas finíssimas, e de excelente charuto na bôca, o qual, depois de se ter aproximado, principalmente para ver mais de perto a rapariga, que lhe parecera bonita, entrara a prestar a maior atenção ao que ela dizia.

Depois, quando a rapariga anunciou que o fim da história do chefe australiano O'Penny não seria contada senão dentro da barraca, resolveu-se o mancebo a entrar. Assim, pois, subiu os cinco degraus e deitou cinco francos no boné do homem que estava à porta fiscalizando as entradas.

— O seu trôco, meu senhor... gritou-lhe o homem.

Mas o mancebo entrou, mostrando não ter ouvido, e penetrou no teatro de feira.

O interior da barraca era um grande recinto, guarnecido de bancos, e em cujo centro tinham deixado certo espaço desembaraçado, e circundado por uma grade de madeira de um metro de altura. Era o extremo limite que os espectadores não podiam transpor. No meio dêste espaço estava uma espécie de trono, coberto de veludo muito velho, e guarnecido de lantejoulas, que a três passos de distância cintilavam qual palhêta de ouro. No trono estava O'Penny, com a cabeça coroada de penas de galo e de papagaio formando um diadema, com o ventre envolto em um pano amarelo, as pernas e o tronco perfeitamente nus, e tendo irrisoriamente ao ombro um arco e um carcás.

Era raro o espectador que não soltava uma exclamação de horror, tão hediondo e espantoso era o rosto do chefe australiano. Imagine-se um rosto coberto de traços azuis, vermelhos, verdes, e lívidos: olhos meio fechados, por detrás de cujas pálpebras intumescidas parecia deslizar ainda um último raio de vista; uma bôca, cujo lábio superior estava furado verticalmente por debaixo do nariz, e guarnecido com um anel de cobre; nariz e orelhas estavam enfeitados com

argolas e amuletos. O'Penny conservava-se imóvel, na atitude de um homem a quem tudo é indiferente, e que nem mesmo sabe que está sendo alvo da atenção universal. Atrás dêle continuava o dono da barraca a história do chefe australiano, exatamente no ponto em que a rapariga a interrompera, e explicava ao público como fôra que O'Penny, tendo-se apaixonado pela mulher do Grande Abutre, seu inimigo, intentara arrebatá-la. O'Penny caíra por fim nas mãos do Grande Abutre, o qual lhe cortara a língua, e vazara um ôlho, deixando-lhe o outro, do qual via apenas o necessário para poder andar encostado a um bordão, vendendo-o depois ao capitão de um navio mercante francês, o qual o trouxera para a Europa.

Ora, o mancebo da luvas côr de lilás, que se deixara seduzir pelo palavrório da rapariga, depois de ter experimentado, como sucedia a todos, um movimento de repulsão, ao contemplar tão horrenda fisionomia, pusera-se a observar O'Penny com a mais extraordinária atenção. Parecia que no meio daquelas devastações, diligenciava reconstituir no espírito as feições primitivas do chefe australiano.

Demorou-se no exame mais de uma hora. Parecia esperar que o chefe fizesse um movimento, ou intentasse articular um único som.

O'Penny, porém, permanecia impassível.

Enfim, o elegante mancebo, que não notara terem-se os espectadores sucedido de continuo pelo espaço de uma hora, nem haver o proprietário do monarca repetido pela vigésima vez a sua história, resolveu-se a fazer um sinal ao saltimbanco, e atrair-lhe a atenção.

O saltimbanco, pouco habituado a ver luvas no seu público ordinário, interrompeu-se bruscamente, fitou o mancebo com uma espécie de orgulho a que aliava o reconhecimento, e disse-lhe ao acaso:

— Estou às ordens do senhor...

O saltimbanco hesitou, mas como homem convencido de que o seu extraordinário espectador devia ter um título.

— Marquês... disse simplesmente o mancebo de luvas côr de lilás.

— Estou às ordens do Sr. Marquês, tornou o saltimbanco.

- O chefe selvagem entende línguas européias?
- Entende inglês.
- Muito bem.

O mancebo, importando-se pouco com o movimento de curiosidade que se operou em torno d'ele entre os demais espectadores, dirigiu-se em inglês ao chefe australiano.

— Sr. O'Penny, disse-lhe êle, faz-me o favor de me dizer em que navio veio para a Europa? Veio no "Fulton", na "Perseverante" ou no "Fowler"?

O'Penny estremeceu ouvindo êste último nome, fêz um movimento brusco, e o saltimbanco exclamou imediatamente:

— Bem vêem, meus senhores, O'Penny entende inglês, e se tivesse língua teria respondido ao Sr. Marquês.

Mas o Sr. Marquês não esperara a exclamação do saltimbanco, e saíra imediatamente da barraca; e ao sair inclinou-se para a rapariga que estava fora da porta, e disse-lhe ao ouvido:

— Queres ganhar dez luíses?

— Dez luíses! exclamou ela deveras deslumbrada. Como é que hei de ganhá-los?

— Onde é que moras?

— Moro aqui... Eu sou mulher do palhaço. Ficamos de noite de guarda a O'Penny; o patrão é que dorme fora... Tem um quarto na Grande Villette.

— A que hora fecham a barraca?

— À meia-noite.

— Muito bem. Se eu bater à porta, às duas horas da manhã, tu ou o palhaço abrem-na?

— Sim, senhor... respondeu deslumbrada a cigana.

O mancebo deixou-lhe cair um luís em cima do pandeiro, e atravessou a multidão, scandalizada por tão descarada sedução.

A cigana, esquecendo-se um tanto da sua perlanga, ficou a olhar para êle, que a pouca distância se meteu em um elegante "faeton", tirado por um cavalo inglês, que estava seguro por um "groom" de três pés e meio de altura, e vestido de azul.

— Aqui está o que são os filhos-famílias! exclamou do meio da turba uma mulher corpulenta, e já durázia; são des-

carados como os ajudantes do carrasco! Como êles corrompem a mocidade nas bochechas de tôda a gente!

— Cala o bico... cala o bico... não interrompas o espetáculo... replicou o palhaço. Vá... toca a música!

E o marido filósofo tirou o pandeiro das mãos da sua leviana metade, a qual continuou a contar as histórias do chefe australiano.

.....

Às duas horas da manhã, a despeito dos bailes de máscara nos vizinhos teatros da Gaité e do Ambigu, estava o bulevar quase deserto naquele sítio, onde, durante o dia, tinham as barracas dos saltimbancos atraído constantemente a multidão

De repente, parou um cupê mesmo defronte da barraca, onde estava o chefe O'Penny. Do cupê apeou-se um mancebo com um amplo paletó, e o rosto oculto por um cachênê, foi direito à barraca, que estava quase hermêticamente fechada, mas através de cujas fendas se via luz; subiu os cinco degraus e bateu à porta.

— Quem é? perguntou de dentro a voz fraca da cigana.

— A pessoa a quem espera, respondeu o mancebo.

A porta abriu-se e o mancebo entrou.

A sala de espetáculo transformara-se em dormitório.

O mancebo viu a rapariga sentada, com as pernas cruzadas, em cima de uma espécie de grabato que tinha a pretensão de ser o leito conjugal do palhaço e da sua jovem e sedutora metade. Pouco mais longe, no outro extremo da sala, avistou êle a luz de uma vela, que estava em cima de uma banca coberta com os restos da parca ceia, o chefe australiano O'Penny, dormindo sôbre um feixe de palha, coberto com uma péssima manta.

Quanto ao palhaço, estava ausente.

— Meu marido foi acompanhar o patrão, que estava um tanto "torto", disse a boêmia com extrema naturalidade.

— Em primeiro lugar, devo declarar-lhe, disse o mancebo tornando a fechar a porta, que apesar da menina ser deveras bonita, não foi exatamente com a intenção de lho dizer, que vim aqui.

A rapariga fêz uma caretinha acomodada às circunstâncias, e o mancebo tirou dez luíses do bôlso, e alinhou-os em cima da banca, com a destreza de um jogador de roleta.

— Aqui tem o que lhe prometi: e agora conversemos... Eu desejo informações acêrca do selvagem.

— Ai senhor... disse a boêmia cada vez mais admirada da feição que ia tomando aquela entrevista; eu não sei a respeito dêle mais do que o senhor me ouviu. Não há muito tempo que o Fanfreluche e eu estamos ao serviço do Sr. Bobino.

— Quem é Fanfreluche e quem é Bobino? perguntou o mancebo com o maior sangue frio.

— Fanfreluche é o palhaço... é meu marido.

— E Bobino?

— E' o patrão.

— Muito bem.

— Fanfreluche e eu dançávamos na corda, mas aquilo não deixava quase nada, e nem todos os dias se jantava. Há de haver três meses encontramos em Bolonha o Sr. Bobino, que vinha de Londres com o seu selvagem, e que nos contratou para o acompanharmos... O Sr. Bobino sustenta-nos, a dá a cada um de nós vinte francos por mês.

— E' pouco... retorquiu o mancebo. Não sabe então onde foi comprado o selvagem?

— Parece-me que foi em Londres; mas o Sr. Bobino é um homem que nunca diz nada.

— Diga-me uma coisa: se lhe dessem mil francos deixaria levar daqui o selvagem?

— Mil francos! exclamou atordoada a rapariga. Eu estou convencida de que o Fanfreluche, por êsse dinheiro, dava-lhe em cima o Sr. Bobino e a própria barraca.

— Bem! prosseguiu o mancebo, abrindo uma carteira, e tirando dela duas notas de quinhentos francos. Vou acordá-lo, e perguntar-lhe se quer ir comigo...

— Mas, exclamou a rapariga, no auge da alegria e do assombro, que quer o senhor fazer dêle? O senhor não parece homem que viva de mostrar tais horrores!

— Está enganada, retorquiu o mancebo; sou diretor do circo imperial de S. Petersburgo.

E encaminhou-se para o grabato em que dormia o chefe selvagem.

— E' verdade... perguntou êle, voltando-se para a rapariga, sabe inglês?

— Não, senhor...

Em seguida bateu o mancebo no ombro de O'Penny, e acordou-o.

— O Marquês de Chamery, disse êle, deseja apresentar os seus respeitos ao desventurado sir Williams.

Ouvindo êste nome, deu O'Penny um salto no grabato, e ergueu-se, como se a isso o impelira uma descarga elétrica. O rosto e o aspecto de O'Penny apresentaram então o que quer que era de medonho. Ouvindo aquela voz, e aquêlê nome, que lhe ressoava ao ouvido havia muito tempo, experimentou o suposto chefe australiano uma comoção terrível, das que ninguém saberia traduzir. Intentou falar, mas não fêz mais do que soltar uma espécie de uivo.

Em seguida concentrara no ôlho que ainda via um quase nada, tôdas as suas faculdades, e dardejou um raio meio extinto para o homem que por tal modo o acordara.

— Vamos, meu pobre velho, disse o Marquês de Chamery, senta-te... Quero que me reconheças para depois conversarmos à vontade.

E apoiando uma das mãos no ombro do selvagem, obrigou-o a sentar-se no grabato. Feito isto, aquêlê que se inculcava Marquês de Chamery voltou junto da bcêmia, cujo assombro subira ainda de ponto, vendo o selvagem O'Penny aplicar o ouvido às palavras do mancebo, qual velho cavalo de batalha tornado sendeiro de charrua, que fita as orelhas e relincha ouvindo ao longe os sons do clarim.

— Você afirmou-me que não sabe inglês?

— Não sei, não, senhor...

— Crê em alguma coisa?

— Creio em Deus.

— Então, jure que falou a verdade.

— Juro que não sei inglês! disse a rapariga, em tom de franqueza, com o qual ninguém poderia rozoavelmente enganar-se.

— E seu marido?

— Não sabe mais do que eu.

O Marquês de Chamery voltou para o pé do homem sarapintado, e disse-lhe em inglês:

— Sossega, meu velho, sossega, que sou teu amigo, eu quero que reconheças Rocambole, aquêle que te chamava tio; e uma vez que te cortaram a "taramela", farei as perguntas e darei as respostas.

O selvagem continuava a agitar-se na palha; mas o seu horrendo rosto parecia ter assumido repentinamente certa expressão de cruel alegria.

O Marquês prosseguiu:

— Chorei por ti durante cinco anos, meu pobre velho, e tinha suposto, palavra de honra! que os selvagens te haviam pôsto no espêto. Vejo agora que se contentaram com sarapintar-te, operação que, reunida à que te fêz suportar aquela excelente Baccarat...

O Marquês deteve-se e quis julgar do efeito que aquêle nome causaria no horrendo velho.

Este entrou a tremer, e soltou ao mesmo tempo um rugido de furor.

— Bem... muito bem!... murmurou o mancebo; vejo que te não embruteceram demasiadamente, e que te resta ainda um tanto ou quanto de sir Williams... Muito bem... muito bem...

E passou de novo a mão pelo ombro de O'Penny de modo acariciador.

— O fato, porém, prosseguiu êle, é que não és já o sedutor Visconde Andréia, o interessante baronete sir Williams, o homem que desorientava tôdas as raparigas. Os selvagens e a Baccarat desfiguraram-te de modo que foram precisas as minhas entranhas filiais para te poder conhecer... Com os demônios! E' uma história infernal! Quase que faz acreditar na Providência, de que tanto zombávamos em outro tempo!

O Marquês de Chamery, ou para melhor dizer, Rocambole, porque era êle, sentou-se familiarmente no grabato de O'Penny, e prosseguiu:

— Imagina que de dia passei por aqui de tîlburi, olhando distraidamente para um e outro lado. De repente, atraiu-me a atenção a rapariga que está de guarda a ti... Bonita rapa-

riga, palavra de honra!... Sim, por que eu sou ainda o mesmo que era dantes...

E Rocambole como que sublinhou estas palavras.

— Aproximei-me, prosseguiu êle. A rapariga estava contando a tua história, que na verdade me excitou a curiosidade. Bom... disse eu para comigo, é necessário ver como são os medonhos selvagens da Austrália, que devoraram assado o meu pobre tio sir Williams... Entrei, e apenas entrei, reconheci-te!

Rocambole bateu por terceira vez no ombro do chefe australiano.

— Como deves supor, meu tio, disse logo para comigo que o Marquês Chamery não podia deixar o seu parente, o seu benfeitor, o homem a quem devia tudo, na mísera posição em que o achara.

O nome de Chamery parecia causar no hediondo rosto do sarapintado uma impressão idêntica à que provém de uma recordação meio apagada, e que uma única palavra despertou.

— Admiras-te de me ver Marquês de Chamery... E' um título muito teu conhecido, não é assim? Estava registrado nos teus apontamentos.

O selvagem, ouvindo estas palavras, pareceu estremecer.

— Hei de contar-te isso tudo; por agora mostremo-nos sérios e aviemmo-nos.

O'Penny continuou a fitar tenazmente Rocambole com o olho meio cego.

— Ora, eu suponho que não tens grande empenho em permanecer aqui?

— Não... disse o selvagem com um gesto, em que pareceu revelar os terríveis tratos que suportara na companhia de saltimbancos.

— E preferes ainda ir comigo, que hei de tratar-te com todo o carinho?

O selvagem fêz novo sinal afirmativo.

— Então, vamo-nos quanto antes, porque pode chegar o dono da barraca, e seria ainda preciso parlamentar com êle.

E Rocambole dirigiu-se em seguida à rapariga dizendo-lhe:

— Tu, naturalmente tens uma capa, ou coisa que o valha, que me vendas?

E atirou-lhe mais outro luís para cima da banca.

— Aqui está a de Fanfreluche... Como vê, já não é nova...

— Ora adeus! exclamou Rocambole; em campanha como em campanha!

E lançou a capa aos ombros de O'Penny, que se deixou envolver nela, com a docilidade de uma criança. Depois, lobrigando em um canto o toucado de penas do pobre "fenômeno", pôs-lho na cabeça, com o cuidado com que o faria uma criada de quarto enfeitando sua ama.

— Hoje é dia de entrudo, por conseguinte, podes sair com êste traje... Julgar-te-ão um californiano que regressa do baile da ópera.

Em seguida, enrolou o Marquês de Chamery duas notas de quinhentos francos, e deixou-as cair delicadamente na mão da espôsa ilegítima do palhaço Fanfreluche.

— Adeus, pequena, disse êle; se nos tornarmos a ver renovarei de bom grado o meu conhecimento contigo.

A rapariga abriu a porta da barraca.

— Vamos, meu tio, disse Rocambole, dando o braço a O'Penny, fazendo-o sair do teatro de feira e atravessando com êle o passeio da rua até se meterem ambos no cupê.

O cocheiro apeou-se da almofada, aproximou-se da portinhola, e perguntou:

— Aonde quer ir o Sr. Marquês?

— Rua de Suresnes, respondeu Rocambole.

O cupê partiu imediatamente.

V

OS DOIS AMIGOS

Apenas Rocambole se sentou ao lado do selvagem, continuou a conversação.

Conversaremos agora à vontade; estamos sós. Já lhe tinha dito que sou Marquês de Chamery, não é verdade?

A resposta do pobre mutilado foi um som gutural, que, podia passar por uma afirmativa.

— E' uma história muito comprida, continuou Rocambole. Imagina em primeiro lugar, que o teu filantrópico irmão, o Conde de Kergaz...

O'Penny deu um salto do assento do cupê.

— Muito bem... prosseguiu Rocambole, vejo que voltaste das terras austrais com os teus ódiozinhos de outro tempo. Ainda és quase o mesmo sir Williams que conheci outrora...

E o suposto Marquês de Chamery, continuou:

— Imagina que o Conde de Kergaz, com quem me bati uma hora depois de me haver separado de ti, sabia tão bem como eu o famoso bote secreto, denominado golpe dos mil francos, e a prova é que me estendeu ao comprido, quase pronto de todo, enquanto a menina Baccarat se avinha contigo. O Sr. de Kergaz, porém, é um homem completo. Depois de me deixar quase morto, sentiu necessidade de me mandar curar. Passei portanto um mês em Kerloven na companhia de um honrado médico que me tratou. Quando me achei em estado de partir, lembrei-me de que tu tinhas uns apontamentos muito interessantes, dei volta ao palácio, e por fim achei o caderno... Percebes?... Ora, concluiu Rocambole, foi no teu caderno que eu achei o gérmen do cometimento Chamery. O acaso foi um tanto a meu favor, ajudou-me também soavelmente, e tornei-me Marquês de Chamery.

Então Rocambole contou ao seu companheiro o que nós já sabemos, quer dizer, o seu encontro a bordo do "Mouette" com o verdadeiro Marquês Frederico Alberto Honório de Chamery, oficial de marinha ao serviço da Companhia das Índias; depois o naufrágio, a sua estada no Recife, e o que daí se seguira.

— Ora, decerto percebes, meu tio, que não bastaria convencer-me de que o verdadeiro Marquês de Chamery não tornaria a aparecer; não bastava parecer-me suficientemente com êle para que ao cabo de dezoito anos ninguém se recusasse a reconhecer-me; não bastava possuir todos os papéis necessários para a justificação da minha identidade. O Marquês passara a mocidade na Índia, onde eu nunca pusera os pés. Além dos papéis do Marquês de Chamery, que eu me abstinha cuidadosamente de mostrar, os papéis perfeita-

mente em regra de sir Arthur, foi com êles que me apresentei imediatamente às autoridades marítimas de Fecamp, e que no dia imediato tornei a partir para a Inglaterra. Em Londres achei um pobre homem que fôra sargento de cipaes indianos, o qual obtivera baixa, e andava em busca de uma occupação. Tomei-o para o meu serviço na qualidade de secretário. O homem sabia o que era a Índia de cor e salteado. De Londres fomos para Plymouth. Em Plymouth dei-me a frequentar a companhia de marítimos; comprei livros, segui como curioso o curso de "midshipman", e ao cabo de seis meses estava consumada a minha educação, e conhecia a Índia inglesa como se já lá tivesse estado. Despedi então o meu secretário, e dei ao rosto ligeiro tom de açafrão, a fim de mostrar os efeitos de um sol tórrido. Depois, deixando de ser sir Arthur, voltei primeiro a Londres, onde o almirantado visou sem difficuldade todos os papéis do Marquês de Chamery, e sem mais demora embarquei para a França.

Chegara Rocambole a êste ponto da narração, quando o cupê parou.

O'Penny e o seu condutor tinham chegado à rua de Suresnes.

Rocambole apeou-se e ajudou o homem sarapintado a aprear-se.

— Vou conduzir-te à minha residência extra-official, disse-lhe êle; bem sabes que o Marquês de Chamery mora no seu palácio da rua Verneuil, mas tem uma casa "incógnita", onde recebe os seus amigos...

E Rocambole bateu à porta de uma casa de excellente aparência.

A porta abriu-se.

O suposto Marquês impeliu o selvagem para o vestibulo, cujo gás estava havia muito apagado, chamou o porteiro, que mesmo no meio da escuridão perguntou quem era que se recolhia fora de hora, dissera-lhe ser o Frederico, e subiu com O'Penny para a sobreloja, onde mandara mobiliar um quarto em que estava sempre um criado, o qual lhe não chamava, como o porteiro, senão o Sr. Frederico.

O criado, acordando em sobressalto pelo som da campainha, recuou estupefato e quase assustado ante a horrenda fisionomia de O'Penny.

Mas Rocambole, disse-lhe imediatamente em tom breve e imperioso:

— Vai à casa do doutor Albot, meu médico, que reside perto daqui, na rua Miromesnil, e faze com que êle se levante e te acompanhe.

— Sim, senhor... respondeu o criado, que saiu sem demora, e que se meteu no cupê de seu amo para ir buscar o médico.

Entretanto levou Rocambole o seu companheiro para o quarto de cama, cujo fogão estava aceso.

— Tu, disse-lhe êle, fazendo-o sentar-se em uma grande poltrona, deves ter fome e sede... Decerto que há muito não comes nem bebes a teu gôsto; vou portanto, servir-te o resto de um pastelão e um copo de Bordeaux. Far-te-á lembrar isto o nosso bom tempo do Clube dos Valetes de Copas, quando tu ias à casa do teu Rocambole para te indenizares dos permanentes jejuns que ostentavas em casa de teu irmão.

Rocambole dirigiu-se à casa de jantar, e voltou ao cabo de dois ou três minutos, trazendo uma banquinha perfeitamente servida, que colocou em frente do selvagem.

— Pobre velho! prosseguiu êle, sentando-se ao lado, vês tão pouco, que é necessário servir-te como se fôras uma criança.

E ao passo que o selvagem se lançava ao alimentos que lhe ofereciam com a avidez de fera esfaimada, acrescentou Rocambole:

— Mandei chamar o meu médico. Arranjarei uma história preliminar, e entregar-te-ei nas mãos dêle. E' evidente que te não tornarás um bonito rapaz; mas sempre conseguirá livrar-te dessas pinturas. Ficarás sendo um velho a quem a explosão de uma mina, ou de uma caldeira de vapor deixou nesse estado.

Nisto ouviu Rocambole abrir a porta da escada. Era o criado que voltava acompanhado do doutor.

— Deixa-te estar aí, meu tio, disse o mancebo, vou predispor o médico para o espetáculo pouco agradável da tua presença.

Em seguida, deixou O'Penny comendo àvidamente no seu quarto, e dirigiu-se para a sala, onde o Dr. Albot o esperava.

O doutor era um mulato, natural de Guadalude, que depois de ter exercido por muito tempo a sua profissão no Brasil e no Paraguai, fôra procurar fortuna em Paris, dando-se à especialidade das doenças peculiares dos trópicos, e que conseguira realizar o seu intento.

— Como está, doutor? disse Rocambole; peço-lhe desculpa de o incomodar a esta hora...

— Não me incomodou, Sr. Marquês... respondeu o mulato, com o mais profundo respeito, ia entrar em casa quando encontrei o seu criado.

— Diga-me uma coisa, doutor... prosseguiu Rocambole; creio que tem um remédio infalível para destruir as pinturas usadas pelos selvagens no rosto?

— Conforme, Sr. Marquês...

— Expliquei-me mal. Deveria perguntar-lhe se julga poderem-se apagar as tais pinturas.

— Nem sempre... As que são feitas com tintas das árvores da Austrália desaparecem com o auxílio de certos reagentes.

— Ah! julga- o assim?

— Já tratei e curei um marinheiro inglês, que fôra aprisionado pelos selvagens da Oceânia.

— Pois é exatamente um caso idêntico que vou apresentar-lhe. Encontrei um marinheiro que serviu comigo na Índia, e que embarcando depois a bordo de um negreiro teve a mesma sorte do tal a quem o doutor curou.

E Rocambole conduziu o médico ao quarto de cama.

Antes de nos adiantarmos mais, e de assistirmos à consulta do médico crioulo, necessitamos retroceder cêrca de três meses, e de metermos em cena os novos personagens desta narração.

.....

Na tarde de uma quarta-feira de fevereiro, eram numerosas as carruagens que percorriam os Campos Elísios. O sol de primavera, o ar estava agradável, o céu não tinha nuvens, e as pobres árvores doentes e encravadas no asfalto dos passeios já tinham rebentões. Parecia uma tarde dos fins de maio. Assim, pelas duas horas, via-se girando na

meia-laranja uma aluvião de landaus, de vitórias, de caleches a quatro e conduzidos à Daumond, e de lindos "dog-carts", guiados por um elegante e moço "sportman". Pelo centro andavam bem montados cavaleiros, que cumprimentavam na passagem as damas mais da moda. Nas aléias laterais era numerosa a multidão de peões, burgueses que só podiam aspirar ao fiacre domingueiro, artistas amigos de passear, elegantes empobrecidos, lojistas que tinham podido confiar os estabelecimentos a caixeiros de confiança, dirigindo-se todos pausadamente para o Arco do Triunfo, admirando e criticando ao mesmo tempo o bom gosto de tal ou qual carruagem, a fineza de tal ou qual cavalo e a destreza ou imperícia de tal ou tal cavaleiro. A ausência de fortuna consolava-se sempre descobrindo um ligeiro defeito na fortuna alheia.

Contudo, no meio de tôdas aquelas carruagens apareceu uma que promoveu prolongado murmúrio de admiração e respeito. Os cavaleiros cumprimentaram-na, e as damas que iam recostadas nos coxins dos seus trens inclinavam-se.

Era uma grande caleche azul-celeste, com guarnições brancas, e tirada por duas parelhas de lindíssimos cavalos baios. Na traseira iam dois lacaios vestidos de preto; dentro da caleche duas senhoras cobertas de luto. Não era o luto pesado dos primeiros dias de aflição, mas o luto já um tanto mundano que não exclui o passeio nem o concêrto, e que só priva do baile.

Uma das senhoras teria, pouco mais ou menos, cinquenta anos; era muito pálida e mostrava na fisionomia todos os indícios de uma doença de consunção. A outra era uma menina de dezenove ou vinte anos.

Em Paris, terra em que, por mais que digam, se encontra a beleza profusamente pelas ruas, e que é o único ponto do mundo em que as mulheres formosas são aos milhares, mal se poderia imaginar uma beleza correta e pura, uma perfeição mais realmente completa. Aquela menina era Branca de Chamery.

Era loura como a Fornarina; nos olhos azuis escuros, notava-se o olhar profundo e meigo das mulheres do Oriente; o rosto, do mais puro tipo grego, era alvo e rosado como o de uma inglesa.

Branca de Chamery tinha a estatura mediana, elegante e flexível, que parece apanágio exclusivo das filhas da Índia. No formoso rosto parecia pairar-lhe uma espécie de melancolia grave, mas não triste. Branca de Chamery devia ser uma mulher das que encaram a vida pelo seu lado mais solene e mais sério. Dir-se-ia, ante o reflexo de devaneio que lhe dominava as feições, dever ter uma alma em harmonia com aquela beleza severa e majestosa, que não tinha nada de mundano nem fútil.

No momento em que a caleche das Sras. de Chamery chegava à meia-laranja e tomava pela direita da ponte, vinha do lado oposto um bonito landau, que passou muito próximo dela.

No landau vinha uma senhora, de cabelos louros, ostentando sôbre os resguardos do estribos a vasta roda de um vestido "moire antique" azul, sôbre o qual caía, com uma arte que já não possuem senão as rainhas de teatro, um xale de Cachemira, daqueles pelos quais, infelizmente, tantas mulheres se trocam, lastimando não poderem fazer mais ainda.

A menina de Chamery era loura, qual madona de Rafael; a dama do landau era loura como a deusa Juno, de um louro ardente, quase vermelho, que parece ter transposto o Estreito para surgir na nublosa Escócia, e nas planícies da verdejante Irlanda.

Branca de Chamery era a beleza casta e pudica, na qual as vistas se fitavam respeitosas. A dama do landau, pelo contrário, tinha a beleza arrojada, o olhar meio velado, e contudo repleto de relâmpagos magnéticos, que autoriza as homenagens.

Tinha vinte e cinco ou trinta anos? Era um mistério, mesmo à luz do sol. No momento em que o landau passou pela caleche, olhou a jovem descaradamente para a Marquesa de Chamery e para sua filha.

As duas senhoras suportaram aquêlê olhar, mas não lhe deram importância. Foram andando, sem que nem ao menos erguessem os olhos.

— Deixem estar! murmurou a dama do landau, mordendo os lábios; hei-de obrigá-las a encarar-me!

Quando a caleche e o landau passaram um pelo outro, houve dois moços cavaleiros que pararam quase ao mesmo tempo.

Os dois cavaleiros iam pela avenida em direção opostas.

O primeiro fitara e cumprimentara a dama do landau, que ia tirado com extrema velocidade pelos seus cavalos ingleses. O segundo olhara para a caleche, e fitara Branca de Chamery.

O primeiro contentara-se com levar as pontas dos dedos à aba do chapéu; o segundo fizera um cumprimento rasgado.

Os dois mancebos que tinham parado pouco distante um do outro, olharam-se, conheceram-se, e, aproximaram-se, apenas a caleche se afastou.

— Pois és tu, Fabien! exclamou o primeiro.

— Adeus, Rolland... respondeu o segundo, que pareceu um tanto contrariado por aquêlê encontro fortuito.

Mas aquêlê a quem êle chamara Rolland aproximou-se-lhe mais ainda, e perguntou-lhe:

— Vens do Bosque?

— Venho.

— E vens para casa?

— Não sei... Estou com desejo de dar mais uma volta pelos Campos Elísios... O tempo está soberbo...

— Está... disse Rolland, sorrindo; além disso poderás...

— O quê? perguntou sêcamente o Visconde Fabien d'Asmolles.

— O que! tornou Rolland, seguir a caleche azul, em que vai a encantadora menina que há pouco cumprimentaste tão respeitosa e modestamente.

— Meu caro Rolland de Clayet, disse o Visconde Fabien em tom sobremodo frio, as senhoras que eu cumprimentei são a Marquesa de Chamery e sua filha, de modo que o sorriso que te vejo nos lábios está deslocado, ou, pelo menos, não tem significação possível.

— Como tu encaras estas coisas, Fabien! És porventura noivo da menina de Chamery?

— Não... respondeu o mancebo, com visível tristeza.

E cumprimentou Rolland, com visível intenção de se afastar; mas êste último deteve-o, dizendo:

— Uma palavra...

O Visconde tornou a parar.

— Notaste aquêlê landau com uma parelha picarça?

— Em que ia uma dama, que tu cumprimentaste?

— Sim.

— E então?

— Conheces a tal dama?

O visconde fêz um sinal afirmativo.

— Denomina-se menina de Chamery, e é prima...

O Visconde Fabien d'Asmolles ouvindo estas palavras empalideceu e pareceu lançar relâmpagos dos olhos. Estendeu a mão, pegou no braço de Rolland de Clayet, e disse-lhe:

— Meu pobre Rolland, dize-me imediatamente que crês no que disseste, firme e honestamente, como qualquer fidalgo de província que vem a Paris pela primeira vez, e a quem mostram cortesãs, dizendo-lhe serem duquesas; dize-me isto, porque depois perdoar-te-ei.

Fabien proferira estas palavras em um tom de surda irritação e de ironia, que causou extravagante impressão no seu interlocutor.

Rolland permaneceu silencioso.

— Então não respondes? perguntou Fabien.

— Meu querido Sr. Fabien, respondeu afinal o mancebo tão bruscamente interpelado, vou responder-lhe segundo os seus desejos. A senhora a quem cumprimentei é a menina de Chamery, irmã do falecido Marquês Hector de Chamery, que foi despojada dos haveres que lhe pertenciam, por um tal Conde de Chamery...

— Basta! retorquiu Fabien com tranqüilidade mais assustadora ainda do que a sua recente irritação; e em seguida acrescentou:

— Nós, meu querido Rolland, trocamos agora frases mais do que suficiente para nos destruírmos um ao outro.

— Como quiser... disse orgulhosamente Rolland.

— Contudo, prosseguiu Fabien, como tenho mais sete anos do que tu, por isso que conto trinta e tu vinte e três, e mesmo porque me foste recomendado pelo teu idoso tio, não me deixarei arrastar a um extremo lastimoso senão de-

pois de ter exaurido todos os meios de conciliação, e de te haver dito primeiro que a tua suposta menina de Chamery não passa de uma descaradíssima aventureira.

Estas palavras fizeram empalidecer Rolland.

— O Sr. Visconde Fabien insulta uma mulher... logo é um covarde!

O Visconde Fabien estremeceu de furor e vacilou no selim.

— Bem... disse êle; não terei remédio senão matá-lo... Amanhã!

— Eu vou para casa esperar as suas testemunhas, disse Rolland.

— Mais uma palavra! tornou Fabien, no momento em que o mancebo se afastava.

— Que me quer?

— O senhor insultou-me, e conhece-me suficientemente para saber que não deixarei de me bater, suceda o que succeder. Contudo, como o senhor é um moço honrado, como fomos amigos e vizinhos nas nossas terras de privíncia, estou convencido de que não se recusará a ouvir-me por dez minutos.

— Mas de que serve isso?

— Coloque o seu cavalo a par do meu, e sigamos pela avenida, fazendo-me o senhor a bondade de me ouvir por dez minutos.

No tom em que o Visconde dissera isto transparecera uma espécie de autoridade, cuja ascendência não pôde Rolland, malgrado seu, deixar de suportar.

Obedeceu, colocou-se ao lado do Visconde e disse-lhe em seguida, dando ao mesmo tempo à mão o cavalo.

— Acredite que condescendo por mera cortesia.

— Creio que agora já se não trata de nós...

— De quem é então que se trata?

— Da honra de uma família, de quem pretende zombar uma mulher, acêrca da qual eu desejo abrir-lhe os olhos.

— Eu prometi ouvi-lo, replicou Rolland; por conseguinte, pode falar, na certeza de que a minha convicção é inabalável.

— Convenho que assim seja, mas ouça-me.

E dirigindo-se ambos a passo para a barreira da Estrêla, expressou-se o Visconde Fabien do seguinte modo:

A PROVOCAÇÃO

— A minha família tem ligações com a família de Chamery, e portanto, dou-lhe a minha palavra de honra que é pura verdade o que vou dizer-lhe.

— Bem... vamos a ouvir... disse Rolland assumindo certo ar de importância.

— O falecido Marquês de Chamery, por quem andam ainda de luto as damas que eu cumprimentei, foi herdeiro de seu primo, o Marquês Hector de Chamery, morto em um duelo, há oito anos.

— Sei isso perfeitamente...

— A propósito... continuou Fabien em um tom ligeiramente zombeteiro, que idade atribui à tal menina de Chamery, como o senhor lhe chama?

— Tem vinte e cinco anos, e não o oculta.

Fabien reprimiu dificultosamente um sorriso.

— E diz o senhor que é irmã do Marquês Hector?

— Tenho a prova disso.

— E segundo a sua convicção, é filha do Marquês de Chamery, pai de Hector?

— Naturalmente.

— Mas o Marquês, meu querido Rolland, faleceu em 1816, um ano após a Restauração... Como quer então que a menina de Chamery tenha vinte e cinco anos? Lembre-se de que estamos em 1851... Bem vê que tem, pelo menos trinta e seis.

— E' impossível! O Marquês morreu muito depois...

— Peço perdão, mas lembro-me perfeitamente das datas, que não mentem. Tranqüilize-se porém, Sr. Rolland, tranqüilize principalmente o seu amor-próprio, porque o senhor ama apaixonadamente a suposta menina de Chamery, e...

— Sr. Visconde Fabien... disse o mancebo interrompendo-o, encolerizado, peço-lhe que ponha de parte a palavra "suposta"... Eu vi cartas da falecida Marquesa de Chamery dirigidas à sua filha Andréa, e por conseguinte é assunto sobre que não posso ter duas opiniões.

— A menina Andréa, retorquiu Fabien, é, com efeito, filha da Sra. Chamery, mãe do Marquês Hector.

— Logo, bem vê...

— Mas é ao mesmo tempo de um tal Sr. Brunot, advogado em Blois, por quem a Sra. de Chamery se apaixonou durante a sua viuvez.

Rolland soltou uma exclamação de surpresa.

— A menina Andréa Brunot, prosseguiu desdenhosamente o Visconde Fabien, educada em casa de sua mãe como órfã, não deveu por muito tempo os seus meios de subsistência senão ao Sr. Conde de Chamery, primo e herdeiro do Marquês Hector, o qual lhe legara doze mil libras de renda vitalícia, coisa que o Marquês Hector não julgara conveniente fazer.

— Verdade é, acrescentou Fabien d'Asmolles, enquanto o seu moço companheiro parecia presa de vivíssima agitação; verdade é, que falecida sua mãe adotou a menina Andréa, imprudentemente, um nome que lhe não pertence, que os pais lhe não tinham concedido, e que não contente com tal usurpação, arrastou êsse nome pela lama...

— Senhor! exclamou o mancebo inteiramente fora de si.

— Ora, deixe-me concluir, retorquiu Fabien muito friamente: amanhã matar-me-á, se isso lhe agradar, mas hoje há de ouvir-me. Eu sustento o dito: a suposta menina de Chamery é uma mulher das que vivem fora das leis sociais, às quais nenhuma casa honesta abriria as suas portas, em cujas salas nós entramos de esporas, e de charuto na boca. O senhor ama a menina Andréa Brunot, e eu sinto sincero desgosto em o iludir um tanto acêrca do seu amor. Mas que quer? Para que havia essa rapariga de fitar insolentemente a Marquesa e sua filha?

Ouvindo estas últimas palavras, fêz Rolland de Clayet parar rapidamente o cavalo.

— Tenho ouvido pacientemente, Sr. Visconde; mas não poderia continuar a ouvi-lo por mais tempo... Há de dar-me cabal satisfação...

— De tudo, menos da honra da menina Andréa Brunot... respondeu Fabien em tom de escárnio.

E chegando levemente as pernas ao cavalo, fêz uma cortesia a Rolland e partiu a meio galope.

Rolland, dominado por violenta excitação, tornou a percorrer em sentido contrário a avenida dos Campos Elísios, atravessou a praça da Concórdia, tomou pela rua de Saint-Florentin, e entrou em uma casa, cuja porta tinha o nº 38.

— A menina de Chamery já voltou para casa? perguntou êle ao porteiro.

— Já, sim, senhor...

O mancebo apeou-se e subiu ao primeiro andar, onde residia a menina de Chamery.

Rolland de Clayet entrou em casa da menina de Chamery com uma sem-cerimônia, que poderia até certo ponto servir de apoio às asserções mais desabusadas ainda, do seu ex-amigo Visconde Fabien d'Asmolles. Entrou, como entraria em sua casa, puxou uma orelha ao *groom* que lhe abriu a porta, e afagou as rosadas faces da criada de quarto que achou à porta da sala.

— Tua ama, disse-lhe êle, segundo me afirmaram lá em baixo, já voltou... Faze favor de me anunciar.

— A senhora ainda está recolhida, respondeu a criada.

— Heim?! exclamou estupefato o mancebo.

— Salvo se o senhor quer esperar.

— Então está com visitas?

— Está, sim, senhor...

— Leva-lhe um cartão meu.

E Rolland adotou esta resolução, convencido de que a menina de Chamery lhe receberia imediatamente a visita.

A criada pegou no cartão e desapareceu; e Rolland entrou para a sala, e pôs-se ali a passear de um a outro extremo. Ao cabo de dois minutos voltou a criada.

— A menina, disse ela friamente, tem absoluta impossibilidade de poder receber neste momento a sua visita. Se o senhor quiser voltar às oito horas...

O mancebo não pôde conter um gesto de cólera e impaciência.

— E' a primeira vez que Andréa me faz isso... murmurou êle.

E retirou-se deveras enfurecido, tornou a montar a cavalo, e dirigiu-se para a rua da Provença, onde tinha uma bonita casa de rapaz solteiro.

Rolland encontrara-se um dia com a menina de Chamery em uma sociedade duvidosa; apaixonara-se loucamente por ela e oferecera-lhe a sua mão. Sucederia isto havia cêrca de três meses.

Nestes três meses representara Andréa para com êle tôdas as comédias do sentimento e da garridice. Umas vêzes, impressionada pelo seu amor, mostrava-se a ponto de aceder à união proposta, apcsar, segundo afirmativa, de sentir profundo horror pelo matrimônio, desde muito nova; outras vêzes, chamava-lhe louco, e dizia ser já uma velha, porque em breve teria vinte e cinco anos completos.

Havia três meses que Rolland se isolara pouco a pouco das suas relações e dos seus amigos, que alterara todos os seus hábitos, por causa da menina Andréa de Chamery, de quem não via — tão verdade é ser o amor cego — a vida independente e excêntrica. Mas Andréa apresentara-se-lhe como artista, como mulher que pintava de modo notável, e que, por êsse motivo recebia em sua casa homens da primeira sociedade, escritores, pintores e atrizes.

Rolland ia a casa dela muitas vêzes por dia, de manhã, de tarde, a tôda a hora. Por conseguinte como era aquêla a primeira vez que se recusara a atendê-lo, julgou Rolland que endoideceria.

E como não há namorado que não tenha o furor de escrever, pegou na pena e escreveu a seguinte carta, que fechou apressadamente e que cntregou ao seu *groom*, com ordem de a levar imediatamente à rua de Saint-Florentin.

Eis a carta:

"Saí agora de sua casa, onde a senhora se achava... e onde se recusou a falar-me.

"Recolhi-me repassado de dor, não sabendo, não me atrevendo a adivinhar o motivo do seu rigor, temendo não ser já amado, e vendo tudo negro em tôrno de mim...

"Entraram-me no íntimo todos os tormentos do inferno! Padeço mais do que se morresse mil vêzes!

"Uma palavra, peço-lhe de joelhos, uma só palavra de compaixão... Que foi que sucedeu?... Fico esperando.

ROLLAND".

E enquanto o *groom* levava esta fraseologia empolada selada com as armas de Rolland, ficou o nosso herói esperando, em um estado de inquietação difícil de escrever.

Na meia hora, porém, que durou a ausência do *groom*, não pôde Rolland abster-se de refletir, e refletindo, disse para consigo mesmo que devia bater-se no dia seguinte com o Visconde Fabien d'Asmolles, que lhe servira de mentor e de piloto no mar parisiense. E involuntariamente lembrou-se das palavras desdenhosas de Fabien a respeito da que êle denominava suposta menina de Chamery. Por mais fechado que estivesse o coração de Rolland, por mais absoluto que fôsse o seu amor, e por mais inteira que fôsse a sua confiança na virtude de Andréa, não pôde obstar a que a suspeita, nódoa de azeite, em princípio imperceptível, mas que depois vai alastrando, lhe penetrasse no espírito.

Felizmente para a pobre imaginação do pobre apaixonado, que não parava no campo das conjecturas, voltou o *groom* trazendo-lhe um bilhete que foi para as suspeitas de Rolland e a recordação das palavras de Fabien d'Asmolles, o que o sol nascente é para os nevoeiros da madrugada. A menina Andréa dizia-lhe que o imprevisto aparecimento em sua casa do Barão de Chamery, seu parente de província, fôra a causa única que obstara a que ela recebesse a visita dêle Rolland; mas que, para o indenizar da contrariedade que devia ter suportado, convidara-o a ir naquela mesma noite, às oito horas, tomar em sua companhia a chávena de chá da reconciliação.

Eram cinco horas.

Ora, como dissemos, a menina de Chamery não devia receber Rolland senão às oito horas; por conseguinte, tinha o mancebo de esperar três horas.

Três séculos!

Tem-se notado que na linguagem dos namorados, não seria fácil comparar decentemente uma hora de espera com outra coisa que não fôsse um século. O amor gosta de metáforas épicas.

Rolland começou por perguntar a si próprio em que empregaria aquelas três mortais horas.

Felizmente lembrou-se da sua dissensão com Fabien, e de que era necessário procurar testemunhas. Saiu, portanto,

e foi jantar ao seu clube, na rua Royale. Depois de jantar, passou para a sala de jogo, onde achou dois mancebos de vinte anos, que estavam jogando o xadrez.

— Olha! disse um dêles, deixando cair no peito a luneta de um só vidro que tinha em um olho, e olhando para o recém-chegado; és tu, Rolland!

— Adeus, Otávio; adeus, Edmond, disse Rolland: eram vocês quem eu procurava.

— Nós?

— Vocês, sim...

— Logo, temos duelo! disse Otávio em tom de escárnio.

— Exatamente.

— E quando é isso?

— Amanhã de manhã.

— Com quem?

— Com Fabien d'Asmolles.

— Oh! homem, isso é extraordinário! exclamou Edmond.

— Achas?

— Pudera! Fabien é teu amigo...

— Foi, mas já não é.

O mancebo a quem Rolland chamara Otávio levantou-se gravemente, e pousou-lhe a mão no ombro, dizendo-lhe:

— Meu amigo, uma vez que nos fazes a honra, e nos dás a prova de amizade de nos escolheres para testemunha, é necessário que nos faças a tua confissão...

— Ora essa?

— O dever das testemunhas é coisa muito séria. Não consentiremos que te batas enquanto não soubermos...

— Pois, meus amigos, respondeu Rolland muito friamente, puxando pelo relógio, tenho ainda uma hora... querem jogar um *whist*? Quanto a mim é o único meio responder às suas perguntas.

— Singular meio, na verdade!

— Eu bato-me amanhã com Fabien d'Asmolles, meu amigo, como vocês dizem; mas nem eu nem êle podemos dizer por que... Agora, digam-me, querem acompanhar-me e guardar segredo?

— Bem, já sei... murmurou Otávio; trata-se provavelmente de uma mulher...

— Talvez... Logo, aceitam o convite?

— Está claro!

— Por conseguinte, devem estar em minha casa amanhã, às seis horas da manhã.

— Lá estaremos.

Rolland pediu pena e tinteiro, e escreveu a Fabien:

“Sr. Visconde:

“Não me é possível estar esta noite em casa, e por conseguinte, receber a visita das suas testemunhas; mas, não o contrariando, estarei amanhã, às sete horas, com as minhas testemunhas, e com as espadas, no Bosque, por detrás do pavilhão d’Armenonville.

Seu criado

ROLLAND DE CLAYET.”

Rolland saiu do clube às sete horas, e foi à casa para se vestir.

Em casa achou uma carta datada de Besançon. Esta carta era do cavalheiro de Clayet, seu idoso tio.

“Meu sobrinho, dizia o cavalheiro, pedes o meu consentimento para um casamento, que, segundo a tua carta, me parece aceitável em todos os pontos, com exceção de um único: a idade da senhora que desejas desposar. Toma sentido! Lembra-te de que devemos escolher sempre espôsa mais nova do que nós, pelo menos, dez anos.

“Além, porém, desta reserva, julgo não poder recusar aprovação à tua escolha. Os Chamery são de boa ténpera, eram dos que iam para Malta; e vinte mil libras de rendimento acompanham sempre um bom nome...”

Rolland não quis ler mais, e cheio de alegria, vestiu-se e correu à rua de Saint-Florentin.

Andréa esperava-o.

A formosa loura estava meio deitada em um sofá, junto do fogão, e no mais encantador gabinete de toucador que se

poderia imaginar. Tinha na mão um livro, as "Meditações Poéticas", de Lamartine, e mostrava, tanto no olhar como na atitude, tal ou qual melancolia.

Andréa olhou para o mancebo, que se lhe lançou aos pés, dizendo-lhe:

— Veja... veja... leia esta carta... Continuará a rejeitar-me?

E entregou-lhe a carta do tio.

Andréa pegou na carta, e leu-a até o fim com a maior seriedade.

— Está louco! disse ela mal acabou de ler.

— Louco!

— Sem dúvida... Para que escreveu a seu tio?

— Era indispensável...

— Devia consultar-me primeiro. Já porventura lho tinha prometido?

— Então, exclamou Rolland, é ponto averiguado que me repele?... Ainda ontem...

— Ontem era ontem, e hoje é hoje, retorquiu a menina de Chamery, com infernal garridice: além disso, necessito ainda refletir... Conceda-me oito dias e faça-me um juramento.

— Que juramento?

— Jure não me interrogar daqui até lá, nem mesmo sobre qual é a minha resolução. Venha visitar-me todos os dias, mas não me fale em casamento; talvez lucre com isso.

Andréa acompanhou estas últimas palavras com um olhar e um sorriso, em que Rolland julgou ver a mais formal promessa.

— Pois seja assim, disse êle.

E cumpriu a sua palavra. Durante o serão, embriagou-se com a voz, com o sorriso e com o espírito daquela mulher, que, a falar a verdade, possuía maravilhosos segredos de sedução. Afinal, soaram onze horas.

— Valha-me Deus! disse ela. Onze horas, e o senhor ainda aqui. Vá-se... vá-se depressa!

Rolland levantou-se.

De repente, lembrou-se das palavras de Fabien, e impedido por uma espécie de ávida e fatal curiosidade, disse a Andréa:

— A propósito, conhece um amigo meu chamado Fabien d'Asmolles? Desejava saber...

E fitou a jovem com os olhos escrutadores.

Andréa permaneceu impassível.

— Guarde-se dêle, retorquiu em seguida. Fabien d'Asmolles perseguiu-me pelo espaço de dois anos com o seu tólo amor, e o despeito tornou-o infame. Calunia-me em toda parte, e o mais que pode... Adeus...

E quase que mandou retirar Rolland, sem querer dizer-lhe mais nada.

Rolland voltou para casa, dizendo para consigo.

— Amanhã, mato-o... é indispensável!

VII

O DUELO

Rolland de Clayet recolheu-se a casa, prêsa de terrível excitação nervosa, devida a diferentes causas: em primeiro lugar, ao amor que lhe inspirava a suposta menina de Chamerly; e depois, à irritação que lhe causava a procedimento do Visconde Fabien.

Ora, aos olhos de Rolland, depois do que Andréa lhe dissera, não era o Visconde mais do que um homem desleal e odiento, que se vingava do merecido desdém de uma mulher, com baixíssimas calúnias. E como Rolland acreditava nela, entrou em casa jurando matar o caluniador do anjo a quem tão loucamente amava. A mulher a quem amamos é sempre um anjo.

Quando se tem vinte e três anos e um duelo para o dia seguinte, julga-se haver a obrigação de dormir; Rolland era bravo. Meteu-se, pois, na cama, adormeceu e não acordou senão às cinco horas, quando o seu *groom* lhe entrou no quarto.

Dali a uma hora chegaram as testemunhas.

Os dois criancolas, deveras ufanos por já serem tidos em tamanha conta, tinham-se vestido segundo as circunstâncias, e de modo que teriam causado inveja a um preboste

d'armas. Calção justo e pardo muito carregado, casaco azul, militarmente abotoado até ao pescoço, e chapéu ao lado; na fisionomia expressão grave e fria. Nunca houve galã dramático, desempenhado um papel de testemunha em uma comédia de Scribe, que tivesse tomado mais a sério o vestuário e o respeito.

Rolland esperava-os sentado em um divã. Como tinha mais três anos, era um pouco menos ridículo; o seu trajo era menos pretensioso.

— Meu querido amigo, disse Otávio entrando, parece-me que somos exatos qual cronómetro.

— Não há que dizer... respondeu Rolland sorrindo-se.

— E ainda podemos dispor de vinte minutos, acrescentou o outro mancebo.

— Mas convém sempre chegar primeiro ao terreno do que o adversário.

— Bem... partamos.

Rolland mandara aparelhar um bonito *dog-cart* de quatro rodas e três lugares de frente.

As espadas foram colocadas no cofre dos cães, por baixo da almofada do *groom*.

Aparelhado e pronto o carro, subiram para êle Rolland e os dois padrinhos.

— Meu querido amigo, disse Otávio, tirando as rédeas da mão de Rolland, quem vai bater-se a espada deve conservar os nervos em repouso, e não fatigar o antebraço... Eu guio o carro.

— Como quiseses, respondeu Rolland.

E partiram.

O ponto para o combate, como sabemos, era no Bosque, por detrás do pavilhão d'Armenonville. O *dog-cart* tranpôs a porta Maillot às sete menos um quarto, de modo que foi Rolland o primeiro que chegou ao ponto indicado.

Os três mancebos, como homens que sabem o que fazem, e que não dão a coisa nenhuma maior importância do que realmente tem, sentaram-se muito tranqüilamente na relva e esperaram, conversando sobre assuntos indiferentes, da ópera e das últimas corridas, a chegada do Visconde Fabien d'Asmolles. Contudo, como soaram sete horas, e a porta Maillot

continuava a mostrar-se deserta, encrespou Rolland as sobancelhas.

Ao mesmo tempo exclamou o moço Otávio, em um tom soberbo:

— O Visconde parecc-me que é leviano; naturalmente supõe-nos dançarinas.

— Sim; parece-me que zomba de nós... acrescentou Edmond, completando o pensamento do seu companheiro.

— E os relógios vão caminhando, como é natural, murmurou Rolland.

E esperaram perto de vinte minutos.

Felizmente, porque já os três faziam singulares observações acêrca da coragem de Fabien d'Asmolles, que contudo possuía uma péssima reputação de bravura incontestável, felizmente appareceu no fim da avenida uma carruagem fechada, um modesto fiacre, do qual viu Rolland de Clayet apearem-se o Visconde Fabien e dois officiaes de hussardos, em pequeno uniforme.

— Hum!... murmurou agastado Otávio; então o Visconde zomba de nós?

— Hem? fêz Rolland.

— Em primeiro lugar, fêz-me esperar vinte minutos... observou Edmond.

— Depois, apresenta-se acompanhado de dois officiaes, o que parece dar receio de que pretenda intentar uma conciliação.

— Certamente! acrescentou Edmond, muito colérico, os duelos conosco são tão sérios como com militares...

Entretanto, aproximou-se o Visconde Fabien, e cumprimentou os três mancebos.

— Meus senhores, disse êle, permitam-me que lhes apresente os meus primos, Conde e Visconde d'Oisy.

Os dois tenentes cumprimentaram as testemunhas de Rolland, e Fabien afastou-se. Em seguida um dos officiaes aproximou-se de Rolland, e disse-lhe:

— Conquanto isto esteja fora de tôdas as praxes, parece haver circumstncias imperiosas que fazem com que o Sr. Visconde Fabien olhe como um dever e pedir-lhe um minuto de conversação antes de cruzarem as armas.

Rolland mostrou nos lábios um sorriso de arrogância, sorriso que o official percebeu perfeitamente.

— Não tenha receio... disse êle; Fabien não deixa nunca de se bater quando o insultam; mas, segundo parece, é de seu tio que se trata.

— Pois seja... disse Rolland.

O official fêz um sinal ao Visconde.

Êste, que estava conversando com os dois mancebos, aproximou-se de Rolland e afastou-se para um lado, causando grande pasmo em Otávio, que disse com ar muito importante ao outro official:

— Principio a achar isto tudo, pelo menos singular; mas o que é fato é que afinal torna-se ridículo o papel que eu e o meu amigo estamos representando. Dar-se-á o caso que aquêles senhores se vão agora abraçar?

— Peço-lhe que seja paciente, e que se conserve tranqüilo, replicou o official com a mais perfeita cortesia; creio que hão de bater-se. Além disso, antes de tomarem o caso tanto a peito, lembrem-se os senhores de que são simplesmente testemunhas e que se têm a seu cargo a vida do seu amigo, e se se sentem incomodados por isso, as conveniências obrigam-os a dissimulá-lo.

E o official voltou as costas ao franganote.

Ora, eis qual era a conversação do Visconde Fabien d'Asmolles, e do seu amigo de outrora, Rolland de Clayet:

— Eu, disse-lhe o Visconde, dando o braço ao adversário, coisa que scandalizou sobremodo o moço Otávio, eu não costumo fazer-me esperar, e até sou quase sempre o primeiro a chegar; mas se hoje me demorei, a culpa foi sua.

— Minha?

— Sua.

— Ora essa!

— Queira ouvir... disse Fabien com altivez. O senhor tem um tio, que é o cavalheiro de Clayet. Meu tio é amigo de meu pai; e mesmo o senhor quando veio para Paris, há cinco anos, foi portador de uma carta dêle para mim.

— Não continue... murmurou Rolland com mau-humor.

— Peço perdão, disse Fabien, há de ouvir-me até ao fim. Esta manhã, quando ia sair recebi uma carta de seu tio.

Rolland fêz um gesto de assombro.

— Esta carta, chegada ontem, fôra colocada pelo criado de quarto em cima da mesa da sala; e como me recolhi muito tarde, deitei-me sem perguntar se tinham vindo algumas cartas.

— Mas pelo que vejo, disse Rolland interrompendo-o em tom sobremodo atrevido, a carta de meu tio era muito volumosa... Gastou vinte minutos a lê-la...

— Não gastei vinte minutos a lê-la, mas a escrever a resposta.

— Para meu tio?

— Para seu tio. Pode suceder que o senhor me mate...

— Assim o espero.

— Não é essa a minha opinião, replicou o Visconde em tom desdenhoso; mas enfim, deve-se prever tudo.

— Bem; e então?

— Então, como seu tio me fêz a honra de me escrever a seu respeito...

— A meu respeito?

— A seu respeito. Aqui está a carta.

Fabien entregou a Rolland uma carta em que êle leu o seguinte:

“Meu querido Fabien, dizia o cavalheiro, como lhe confiei um tanto o estouvado do meu sobrinho, tomei a resolução de lhe escrever confidencialmente para o consultar.

“Rolland fala-me de um casamento. Segundo diz, ama uma menina de Chamery, e quer desposá-la. Os Chamery são de boa casa. A jovem, diz Rolland que possui vinte mil libras de renda; mas Rolland é muito moço, e fácil de se entusiasmar; e conquanto eu lhe dê o meu consentimento, de que êle em rigor não necessita, escrevo ao meu amigo para que me tranqüilize, dizendo-me o que pensa sôbre êste assunto.

“Entretanto, aperto-lhe cordialmente a mão.

CAVALHEIRO DE CLAYET.”

— Permita-me, Sr. Visconde d’Asmolles, disse Rolland, mal acabou de ler a carta, que ache meu tio, pelo menos

singular, por lhe parecer que não podemos tratar do que nos interessa, sem ouvirmos a opinião de V. Exa.

— Talvez tenha razão, retorquiu Fabien; mas enfim, como seu tio julgou dever consultar-me, eu julguei do meu dever responder-lhe.

— Oh!...

— Aqui tem a cópia da minha carta.

“Meu amigo e senhor:

“Não tenho mais de meia dúzia de minutos para lhe responder, e por isso vejo-me obrigado a ser breve.

“O verdadeiro nome da menina de Chamery, com quem pretende casar o Sr. Rolland de Clayet, é Andréa Brunot. É uma mulher com quem “se não pode casar”, e sublinho o dito.

“Diligencie! prová-lo ontem a Rolland; mas Rolland suscitou uma contestação comigo e insultou-me, de modo que vou partir para o Bosque, onde continuaremos, com as armas na mão, a nossa conversação de ontem. No ponto a que chegou o coração do pobre moço, é inútil qualquer pregação de moral; de modo que vou prestar-lhe um valioso favor, ministrando-lhe uma estocada que o obrigue a estar seis semanas de cama. Espero que bastará este tempo para que pense mais sèriamente acêrca do casamento, e das aventuras que usam nomes pomposos.

“Se infelizmente fôsse outro o resultado do nosso encontro, nem o cavalheiro nem eu obstaríamos a que o nosso pobre Rolland desposasse a menina Andréa Brunot.

“Aperta-lhe respeitosamente a mão o seu amigo

Visconde de **FABIEN D'ASMOLLES.**”

Rolland de Clayet tornara-se lívido de cólera, com a leitura da carta; e mal acabou de a ler restituiu-a a Fabien, dizendo-lhe:

— Há de custar-lhe a vida o que aqui escreveu!

— Ora adeus! retorquiu tranqüilamente Fabien.

— Há de morrer, concluiu Rolland, ébrio de raiva, como morrem os caluniadores... Se a nobre mulher a quem o

senhor insultou tivesse cedido às suas instâncias... se houvesse dado ouvidos... ao seu amor...

— Bem! murmurou Fabien, voltando as costas a Rolland; a menina Brunot, segundo parece, previu o caso...

E aproximou-se das testemunhas de Rolland.

— Peço-lhes mil perdões, meus senhores, disse-lhes êle, o Sr. de Clayet e eu estamos à sua disposição.

— Até que enfim! disse Otávio, que parecia decididamente empenhado em mostrar-se atrevido; já não é cedo... Julguei que não chegaríamos ao fim.

— Que idade tem V. Exa.? perguntou-lhe Fabien, encolhendo imperceptivelmente os ombros.

— Tenho vinte anos.

— Pois é muito moço, e por isso não deve vir aqui sem a companhia do seu preceptor. Na sua idade não é bom andar só por Paris.

E Fabien voltou igualmente as costas ao rapazelho, despiu o casaco, e empunhou a espada que estava na mão de uma das suas testemunhas.

Rolland, que se achava êbrio de furor, fizera outro tanto.

— Vamos, meus senhores! disse um dos oficiais.

E os dois adversários cruzaram os ferros.

Rolland, dominado pela sua irritação, precipitou-se impetuosamente sobre o Visconde e atacou-o com um vigor sem igual. Fabien, porém, estava sereno, frio, senhor de si; nem por um momento lhe desaparecera dos lábios certo sorriso desdenhoso.

A espada de Rolland encontrava por todos os lados a espada do Visconde.

— O senhor, disse-lhe êle, apressa-se demasiadamente... a cólera cega-o... está atirando mal... pior do que costuma... Se continua assim faz com que o mate... e eu não tenho essa intenção.

Rolland respondeu-lhe com um grito de furor.

— Se não fôsse o maldito casamento, prosseguiu Fabien, que aparava os golpes do adversário com admirável destreza, se não fôsse o maldito casamento, contentar-me-ia com fazer-lhe uma arranhadura que não exigisse nem o socorro de uma ligadura... mas o demônio do casamento... Não há remédio senão proceder mais sèriamente.

E como Rolland se descobrisse ao proferir o Visconde estas últimas palavras, estendeu êste último o braço. Ferido em um ombro, soltou Rolland um grito, largou a espada e caiu.

— Aprendi esta estocada com um mestre d'armas italiano, disse Fabien, espetando a espada no chão, e curvando-se sôbre o adversário para o levantar. E' uma excelente estocada! Ninguém morre dela, ao cabo de dois meses está-se capaz de outra.

As testemunhas tinham corrido também para junto de Rolland.

O ferido desmaiara. Sem mais demora transportaram-no para a carruagem em que fôra o Visconde, ao passo que uma das testemunhas corria aos Ternes, no *dog-cart*, em busca de um cirurgião.

O cirurgião examinou a ferida, e declarou que respondia pela vida do ferido.

— Tem com que se entreter por dois meses, disse êle.

— Bem vê, meu jovem amigo, disse Fabien, cumprimentando o padrinho de Rolland que se mostrara atrevido para com êle, bem vê que não perdeu nada por esperar. Convença-se de que a paciência é uma virtude.

E afastou-se, deixando o criança um tanto atordoado pelo seu gracejo à queima-roupa.

.....

Decorridos oito horas, achando-se Rolland de Clayet de cama, com um pouco de febre mas com inteira presença de espírito, recebeu uma carta deliciosamente perfumada.

A letra alongada e fina, o sinête armoriado e o sobrescrito côr de lilás fizeram-no estremecer de alegria, e quase esquecer-se da dor que a ferida lhe causava.

A carta era "dela"!

Quem sabe! Talvez ela soubesse ter-se êle batido por sua causa.

Trêmulo de comoção, rasgou o sinête, e leu o seguinte:

"Senhor de Clayet.

"Soube que se bateu esta manhã com Fabien d'Asmolles; e a recordação de que conversamos ontem não me deixa a mínima dúvida sôbre os motivos de tão triste encontro.

Em sendo menos moço, Sr. de Clayet, há de compreender que o meio mais seguro de um cavalheiro pôr em risco a reputação de uma senhora é tornar-se seu campeão; e como eu me acho já suficientemente arriscada com as suas loucuras, permita-me participar-lhe, significando-lhe ao mesmo tempo o meu sincero pesar, que me retiro de Paris hoje mesmo.

Sua serva

ANDRÊA DE CHAMERY."

Para sabermos a explicação desta carta, que por pouco não matou o apaixonado Rolland de Clayet, é necessário penetrar mais profundamente na vida íntima da mulher que ousava impudentemente chamar-se menina de Chamery.

VIII

ESCLARECIMENTOS

Na manhã do dia imediato ao que Fabien d'Asmolles e Rolland de Clayet tinham combinado o encontro nos Campos Elísios, por efeito de uma troca de palavras pouco corteses, apeou-se de um cupê de aluguel, à porta nº 18 da rua de Saint-Florentin, um homem baixo, barrigudo, calvo, de óculos, com uma pasta de marroquim debaixo do braço, vestido de preto, com gravata branca, em uma palavra, com perfeito aspecto de procurador de causas.

O porteiro era a única pessoa que se achava à porta, magistralmente encostado ao cabo da vassoura. Quando êle viu o tal homenzinho resolvido a entrar, fitou-o primeiro com curiosidade, e depois com visível desdém, como se perguntasse

a si mesmo a qual dos seus aristocráticos locatários poderia procurar personagem de aspecto tão sórdido.

— A menina de Chamery está em casa? perguntou entretanto o home da pasta, olhando para o porteiro por cima dos óculos.

— Está, sim, senhor.

E o porteiro cumprimentou respeitosamente o sujeito sebento e vestido de preto, que pouco antes medira de alto a baixo de modo quase insultante.

— Em que andar?

— No primeiro, lado direito.

O homem subiu, e levou a mão ao botão de cristal da campainha.

A limpeza minuciosa da escada, o luxo da porta em cujo patamar o homem parara, a excelente aparência do prédio, tudo parecia indicar ser pelo menos cômoda, senão opulenta a posição da menina de Chamery.

A porta foi aberta por um pequenino *groom*, de botas de canhão e colête escarlata, o qual imitou o porteiro, medindo de alto a baixo o homem da gravata branca.

— A Sra. de Chamery? perguntou êle, em tom claro e firme, que era prova da sua importância.

— A senhora ainda está recolhida; queira voltar às três horas. Não se levanta antes do meio-dia.

— Peço perdão... retorquiu o homem, em tom de autoridade, faça chegar à mão de sua ama um cartão meu, e verá que não deixa de receber a minha visita.

O *groom* mirou-o novamente.

— Será acaso o Sr. Rossignol? perguntou-lhe o *groom*.

— Em pessoa.

— Então queira entrar. Tenho ordens especiais a seu respeito.

O *groom* conduziu Rossignol para a sala, levantou um reposteiro e desapareceu.

Ao cabo de um instante ouviu o procurador, porque o era com efeito, abrir as janelas de uma casa contígua, correrem as cortinas, e dizer uma voz de mulher:

— Justina... dá-me a minha peliça, e manda entrar o Sr. Rossignol.

Dali a dois minutos levantou uma bonita criada de quarto o reposteiro por onde o *groom* desaparecera, fez um sinal a Rossignol, que logo se levantou, e introduziu-o em um quarto de cama, forrado de veludo azul emoldurado em delgadas varinhas douradas, mobiliado com delicadíssimo bom gosto, e no fundo viu o procurador a menina de Chamery na cama, mas sentada, e com os ombros agasalhadamente cobertos com uma excelente pelica de marta-zibelina. Apenas o homem entrou, indicou-lhe ela com o gesto uma cadeira ao lado da cama.

Depois do Sr. Rossignol se haver sentado com a sem-cerimônia da gente que passa dois terços da vida na chicana, mandou retirar com um gesto a criada e o *groom* que tinha ido acender o fogão.

— Eu não estou em casa, disse ela.

— Para ninguém? perguntou Justina.

— Para ninguém, absolutamente...

— Nem mesmo para o Sr. Barão?

— Se êle vier, pede-lhe que espere.

Em seguida, retiraram-se a criada e o *groom*.

— Agora, Sr. Rossignol, disse a menina de Chamery, podemos conversar.

O homenzinho inclinou-se.

— A falar verdade, disse êle, o sentido da sua carta dá-me a entender que tem coisas muito graves para me confiar.

E recostou-se cômodamente na poltrona.

— O Sr. Rossignol, prosseguiu a menina de Chamery, está à testa de uma agência de reivindicações, de compra de dívidas mal paradas, e de processos mal fundados ou abandonados, não é assim?

— Quer dizer, replicou o Sr. Rossignol, sem se mostrar o mais levemente ofendido pelo tom de desprezo com que a menina de Chamery lhe definira a profissão, quer dizer que sou diretor da "Sociedade mútua e judiciária de seguros contra a perda de dívidas."

O homenzinho pronunciara estas palavras enfaticamente.

— Pois seja assim... disse a menina de Chamery; não discuto o valor real das palavras, não foi para isso que o mandei chamar.

— V. Exa. fêz-me a honra de me escrever ontem, dizendo-me que viesse aqui entre as nove e dez horas, afim de encarregar a sociedade que eu dirijo de um negócio importante.

— A sua sociedade não, mas sim o senhor.

— Eu!

— Sr. Rossignol, disse friamente a menina de Chamery, o senhor é de Blois, não é assim?

Rossignol estremeceu.

— O senhor foi ali primeiro escrevente do cartório de Corbon, tabelião da família dos Chamery?

— E' verdade, minha senhora, respondeu Rossignol, um tanto confuso.

— De onde foi despedido, por efeito de vários desvios, no ano, creio eu, em que morreu a Sra. Marquesa velha de Chamery?

— Mãe de V. Exa.... disse Rossignol, com aprumo.

— Exatamente.

E a menina de Chamery fitou friamente o procurador.

— Vindo para Paris, exerceu sucessivamente quase tôdas as profissões, e mudou de nome por diversas vêzes. Por diversas vêzes também foi sentenciado...

— Minha senhora...

— Mas como o senhor é um homem inteligente, conseguiu afinal restabelecer o seu crédito, e hoje o Sr. Rossignol, outrora Júlio Mauloin, é aos olhos da justiça um homem irrepreensível, gozando até da reputação de ter a habilidade de dar solução aos negócios mais complicados e espinhosos.

Rossignol ouvira tranqüilamente a menina de Chamery. E depois dela concluir, respondeu:

— Uma vez que me conhece tão bem, permita-me provar-lhe que possuo igualmente alguns dados acêrca da sua existência.

— Queira dizer... retorquiu ela, com indiferença.

— V. Exa. é filha natural do Sr. Brunot, advogado, e da Sra. de Chamery, que na época em que V. Exa nasceu era viúva havia seis anos.

— Que mais, Sr. Rossignol?

— Foi criada no castelo da “Orangerie” em princípios como órfã, mas depois o Marquês Hector de Chamery tolerou que sua mãe lhe chamasse filha.

— Bem... e depois?

— Falecido o Marquês, passaram os seus haveres para o Coronel Conde de Chamery, seu primo. O Marquês Hector detestava V. Exa. o mais que seria possível.

— Isso é verdade!

— A Marquesa, mãe de V. Exa, não pôde legar-lhe por sua morte senão cinqüenta mil francos, fruto da suas economias e produto das suas jóias. O Conde de Chamery, porém, quando tomou posse da herança e se tornou Marquês, assegurou a V. Exa. uma pensão vitalícia de doze mil libras.

— Está muito bem informado, Sr. Rossignol!

— Queira ouvir, continuou o homenzinho em tom insolente; tenho ainda muito mais que dizer.

— Vamos a ouvir...

— Assim, pois, não há razão nenhuma para que V. Exa. use do nome de Chamery, que não lhe pertence. V. Exa. gozava de um rendimento de pouco mais ou menos dezenove mil libras, de modo que quando sua mãe faleceu, tinha V. Exa. então quinze anos, podia ter achado um marido muito conveniente; preferiu, porém, viver vida aventureira.

— Sr. Rossignol, disse sêcamente a menina de Chamery, interrompendo-o, creio que não tem nada com o meu procedimento...

— O que eu digo, replicou o procurador, não tem por fim senão provar-lhe que estou tanto a par do seu passado, como V. Exa. do meu.

— Muito bem... disse a menina de Chamery, uma vez que assim é, suponho podermo-nos entender maravilhosamente.

— Estou às suas ordens.

— Quer ganhar duzentos mil francos?

— Boa pergunta! Como hei de ganhá-los?

— Ouça primeiro a história que lhe vou contar.

— Queira dizer, minha senhora.

E Andréa prosseguiu:

— O Marquês de Chamery, pai de meu irmão Hector e marido de minha mãe, devorara o seu patrimônio antes

da primeira revolução. No seu regresso de emigração, herdou do seu tio, cavalheiro de Chamery, que fôra oficial de marinha e que adquirira avultados haveres na Índia, desde 1760 a 1790, junto do rei de Lahore.

— Já sabia isso, disse Rossignol.

— Ouça... Voltando à França, no princípio do Império, resgatou o cavalheiro de Chamery tôdas as propriedades senhoriaes que tinham pertencido à sua família, reconstruiu a casa dos Chamery, e morreu ao cabo de dois anos, deixando quanto possuía a seu sobrinho, por um testamento ológrafo, concebido nos seguintes têrmos:

“Nomeio meu herdeiro universal, Antônio José Fernando, Marquês de Chamery, meu sobrinho. Desejo que os meus haveres permaneçam nas mãos do ramo mais novo dos Chamery, representado atualmente pelo Conde de Chamery.”

Aqui interrompeu-se a jovem, e em seguida acrescentou:

— O Sr. Marquês de Chamery transmitiu os seus haveres a seu filho Hector, o qual, fiel ao testamento de seu tio, chamou a suceder-lhe o Conde de Chamery, seu primo.

Mas o testamento do cavalheiro tinha um codicilo, o qual dizia assim:

“Se os meus haveres, tendo passado ao ramo mais novo dos Chamery, êste vier a extinguir-se, ou pelo menos a ser representado unicamente por meninas, então a minha vontade formal é que êles saiam dêsse ramo para pertencerem a parentes afastados, mas que tenham o nome; o nome dos Chamery-Chamerroy, fidalgos vendeenses. O nosso parentesco com os Chamery-Chamerroy remonta ao reinado de Francisco I; mas, apesar de muito afastado, foi sempre comprovado pelas duas famílias”.

— Eis um testamento deveras extraordinário! Onde está êle?

— Em meu poder.

— Oh!

— Achei-o entre os papéis de minha mãe, logo após o seu falecimento.

— Mas, disse Rossignol, não vejo muito claramente... de que lhe possa servir.

— Vá ouvindo...

E a menina de Chamery sorriu-se, e prosseguiu:

— O último Marquês de Chamery, tinha um filho de dez anos quando minha mãe morreu.

— E esse filho desapareceu, bem sei...

— Morreu...

— Nunca apareceu prova disso.

— Pois é exatamente essa prova o que nos falta, ou para melhor dizer, necessitamos de uma certidão de óbito perfeitamente em regra. Na sua oficina supponho que se forjarão também certidões de óbito.

— Veremos... veremos se é possível obter essa...

— Espere ainda. Não há neste mundo senão um Chamery-Chamerryoy.

— Há ainda um?

— Um único.

— Então?

— O qual há de ser meu marido dentro de quinze dias. Rossignol deu um pulo na cadeira.

— Já percebo... disse êle em seguida.

Depois pareceu refletir, e acrescentou:

— E' evidente que podendo-se provar no tribunal o falecimento do moço de Chamery, irmão da menina Branca de Chamery, e filho da Marquesa...

— Isso é com o senhor... Não se ganham duzentos mil francos sem fazer nada.

— Também é verdade.

— Assim, pois, prosseguiu a menina de Chamery, espero que me procure daqui a quinze dias, trazendo a certidão de óbito.

— Há de tê-la, creia... O que peço é o favor de um pequeno adiantamento pecuniário.

— Quanto quer?

— Sete ou oito mil francos... disse Rossignol muito timidamente.

A jovem tocou a campainha, e logo apareceu Justina.

A menina de Chamery entregou-lhe então uma chavinha, que tinha debaixo do travesseiro, e indicou-lhe um móvel pouco distante, dizendo-lhe:

— Dá-me a carteira de marroquim escarlata que está na gaveta da direita.

Ato contínuo recebeu a carteira, tirou dela dez notas de mil francos, e deu-as a Rossignol.

Este levantou-se e meteu as notas nos ensebados bolsos do casaco.

— Daqui a oito dias, disse êle, há de ter notícias minhas.

— Acompanhe este senhor, disse a menina de Chamery à sua criada.

Ao passo que o procurador e a criada de quarto saíam por uma porta, aparecia a cabeça do *groom* à de vidraça de um gabinete de toucador, que comunicava com a antecâmara.

— Entra! disse-lhe sua ama. Que temos mais?

— Veio o Sr. Barão...

— Ah!

— E ficou esperando que a senhora esteja visível.

— Bem... Dize-lhe que entre.

E a menina de Chamery escondeu cuidadosamente debaixo do travesseiro a carteira de marroquim encarnado.

Dali a dois ou três minutos entrou no quarto, guiado pelo *groom*, o personagem a quem êle chamara Sr. Barão. Era um homem de cinqüenta e oito anos, pouco mais ou menos, mas que diligenciava não mostrar mais de quarenta; apesar disso, porém, interessante, vestido com uma simplicidade de bom gosto, e com maneiras que indicavam fidalguia.

— Como está? disse êle pegando na mão da jovem e levando-a aos lábios; como se sente esta manhã?

— Ora! respondeu ela sorrindo-se, como quem teve um sonho... sonho singular, e que o Barão decerto qualificaria de extraordinário... Sente-se, que vou contar-lho.

IX

PROJETOS DE CASAMENTO

O Barão de B... o personagem que vimos penetrar tão familiarmente, às dez horas da manhã, no quarto de uma

mulher que se apelidava de Chamery, passava na sociedade dos moços tolos e dos burgueses crédulos por um amigo da família, por uma espécie de ex-tutor de Andréa, à qual dedicava afeição puramente paternal.

Em público chamava-lhe Andréa "seu querido tio"; mas intimamente tornava-se o Barão o deus Plutus da casa.

Andréa Brunot tinha realmente, como pouco antes dissera o Rossignol, dezenove mil libras de rendimento. Mas que era isso para uma mulher que tinha três cavalos na cavalaria, que pagava de renda de casa dois mil escudos, que tinha a casa perfeitamente posta, e que consumia em vestuário doze ou quinze mil francos?

Andréa gostava dos quadros e dos bronzes de maior preço; passava o verão em Bade, e jogava com o sangue frio de Aspásia. Quer dizer que uns anos por outros custava ao Barão sessenta a oitenta mil francos.

Afinal, êste último, que era um perfeito "gentleman", dava aos seus benefícios o cunho da mais absoluta discrição, não ia a casa de Andréa senão de manhã, dava-lhe a mais completa liberdade, e não aparecia nunca nas reuniões que tinham deslumbrado o pobre Rolland de Clayet.

Ora, naquela manhã, sentou-se o Barão à cabeceira de Andréa e exclamou:

— Santo Deus! Que foi que sonhou?

— Sonhei que estava para me casar, respondeu ela.

O Barão mostrou nos lábios um sorriso de escárnio.

— Foi, com efeito, um sonho extraordinário! disse êle.

— Acha?

— Decerto.

— Logo, não sou mulher que me deixe seduzir pelos atrativos do matrimônio?

— A senhora, talvez; mas... os outros?

— Quais outros?

— Os maridos.

E o Barão acompanhou estas palavras com um sorriso sobremodo atrevido.

— Uma mulher bonita acha sempre maridos...

— E a senhora é deveras formosa...

— Quando essa mulher possui dezenove mil libras de renda.

— E eles não possuem nada.

— Isso é muito possível.

— Então, minha querida, já vê que não sonhou com coisa séria, e que lhe é preferível, em vez de se casar, continuar a suportar as minhas adorações.

— Meu estimável Barão, disse Andréa, muito friamente, desculpe-me o ter-me servido de um rodeio para o pôr a par da situação: não sonhei que me casava, mas decidi-me anunciar-lhe que adotei essa resolução.

— Oh! exclamou o Barão. Já vejo que necessito de explicações. Fala sèriamente?

— Muito sèriamente.

— Com que então, casa-se?

— E' verdade, caso-me.

— Quando?

— Talvez que daqui a quinze dias... O mais cedo possível...

— Pode-se saber com quem?

— Por enquanto, não.

— Não é o nome o que eu quero saber; o que desejo são simples informações acêrca da situação.

— Tem vinte e oito anos, é um moço muito interessante, e tem também o título de Barão.

— Autêntico?

— Apoiado em excelentes pergaminhos.

— E... pobre?

— Pobríssimo.

— Nesse caso, minha querida, replicou o Barão, permita-me uma única observação.

— Diga...

— Faz um negócio detestável. Dezenove mil francos, para um barão e uma baronesa viverem, representam simplesmente a miséria.

— A miséria e a virtude, Sr. Barão.

O Barão que pusera a bengala e o chapéu sôbre um divã, levantou-se e foi buscar os dois objetos.

— Adeus, disse êle. Uma vez que fala assim, sem se rir, e isso entre nós, é porque se tornou uma mulher forte. Espero vê-la beata antes de dois anos. Adeus, Baronesa.

— Adeus, disse ela.

O Barão beijou-lhe a mão, e deu um passo para se retirar.

— A propósito, disse ela, sabe que aos olhos da sociedade tem sido sempre sobrinho de minha mãe?

— E hei de continuar a sê-lo. A diferença, continuou o Barão, em um tom de maravilhosa indiferença, é que parto esta noite para uma viagem muito extensa, e que me privará do prazer de assistir à sua missa nupcial.

E o Barão saiu.

— Até que enfim! murmurou a jovem, ficando só.

Ato contínuo tornou a tocar a campainha, e logo reapareceu a Justina.

— Jesus! minha senhora! disse a criada, teve alguma dissensão com o “senhor”?

— Não.

— E’ que ia tão pálido!

— Ora! pensou Andréa; sentiu-se humilhado, mas o coração não teve a mínima parte na sua palidez. O Barão é vaidoso e egoísta, de modo que quebro as minhas relações com êle, sem sombras de remorso...

Após isto, ordenou Andréa à criada que a vestisse; e vestida com a maior simplicidade e bom gosto, mandou aparelhar o cupê e saiu só.

Eram então onze horas.

Andréa mandou rodar para a rua de Saint-Lazare e parou à esquina da rua dos Trois-Frères.

Apeando-se àgilmente entrou em uma casa de excelente aparência e disse de passagem ao porteiro o nome da Sra. de Saint-Alphonse. A Sra. de Saint-Alphonse, a formosa trigueirinha, já um tanto madura no tempo em que a Baccarat se aproveitara dela para atrair a uma cilada, em Saint Maurice, o suposto brasileiro D. Inigo de los Montes; a Sra. de Saint-Alphonse, como íamos dizendo, tinha mais quatro anos, e ultrapassava já muito os trinta. Contudo, como o príncipe russo, amigo do Conde Artoff, lhe permanecera fiel; como ela, a despeito dos anos, se conservava ainda formosa na época em que tornamos a achá-la, era ainda, como dantes, uma mulher da moda.

Andréa entrou em casa da Sra. de Saint-Alphonse com o desembaraço de quem costumava ir ali muitas vezes, sem se

fazer anunciar; e, tendo-se limitado a perguntar à criada de quarto se sua ama estava só, foi direita ao quarto de dormir.

A Sra. de Saint-Alphonse estava ainda deitada.

— Como estás tu? perguntou Andréa, atirando para cima de um sofá o regalo e as luvas.

— Bem, e tu?

E apertaram as mãos.

Inquestionavelmente, se Rolland de Clayet tivesse podido ver a quase embiccada menina de Chamery entrar em casa de uma mulher como a Sra. de Saint-Alphonse, decerto se sentiria muito desiludido a respeito da sua virtude, e não teria dali a poucas horas desempenhado o papel de paladino, e injuriarido o seu amigo Visconde Fabien d'Àsmolles.

— Estás só? perguntou Andréa; não esperas senão a êle?

— Sossega, respondeu a Sra. de Saint-Alphonse; proíbi a entrada a quem quer que fôsse, ninguém te verá em minha casa. Uma senhora que está para ser baronesa...

— Estás certa disso?

— Boa pergunta!

— E' que eu, prosseguiu Andréa, acabei agora mesmo de interromper as minhas relações com o barão.

— E' arrojado, mas não perigoso.

— Fiz mais ainda; falei-lhe do meu futuro marido, como se já o tivesse visto. Uma das coisas que disse é que era interessante.

— Disseste a verdade; não tem boa cara, mas é encantador.

— E estás certa de que aceitará?

— As pessoas prestes a afogar-se agarram-se à mão que as salva. Aquêlê pobre Chamery já não sabe o que há de fazer. Espero-o ao meio-dia, acrescentou a Saint-Alphonse; não deve tardar dez minutos. Em ouvindo tocar a campainha vais para o meu gabinete de toucador, de onde poderás ver e ouvir sem ser vista... Mas, a propósito... dizes que te descartaste do Barão; mas que destino dás ao pobre Rolland?

— Ora! retorquiu Andréa, dêsse livro-me eu facilmente.

— Aquêlê casaria contigo quando tu quisesses.

— Isso sei eu... Há três dias pensei no caso muito sèriamente.

— Tem vinte mil libras de renda, e em morrendo o tio não fica com menos de trinta.

Andréa fez um sinal afirmativo.

— Não percebo, prosseguiu a Sra. de Saint-Alphonse, que tu possas preferir-lhe...

— Minha querida, disse Andréa, há três meses que não decorreu um dia em que eu não obrigasse a Rolland a dar um passo no caminho do casamento; mas então tinha eu outro plano. No dia em que me descobriste o Barão de Chamery, dizendo-me que estava pobre, e perseguido por inúmeras dívidas, estando mesmo a ponto de ser prêso pelos credores, perdido de reputação e de vícios, logo nesse dia prometi a mim mesmo torná-lo meu marido.

— Singular fantasia!

— Cá tenho o meu projeto, murmurou Andréa, que, como se vê, não julgava prudente confiar à Saint-Alphonse o que tencionava fazer a respeito do testamento.

Nisto interrompeu a conversação das duas o toque da campainha.

— Depressa, disse a Saint-Alphonse, fazendo um sinal a Andréa, pega no teu regalo e vai para ali.

E apontou rapidamente para o gabinete de toucador.

Andréa entrou para o gabinete, fechou-se por dentro, e sentou-se silenciosamente em uma poltrona colocada ao pé da porta. Daquele sítio, conforme dissera a Saint-Alphonse, podia ver e ouvir.

Ao cabo de um minuto, entrou o personagem anunciado sob o nome de Barão de Chamerroy. Era um homem de vinte e oito a trinta anos, de aspecto elegante, de fisionomia interessantíssima, apesar de já um tanto cansada, e na qual os cuidados, os pesares e o desregramento precoce tinham impresso uma espécie de cunho satânico.

O Barão trajava com uma elegância que dissimulava mal a sua pobreza. O fato denunciava nobre origem, mas o uso tornara-o um tanto lustroso; o chapéu principiava a mostrar-se ruço nas abas.

Andréa, que o estava examinando no seu esconderijo, notou-lhe contudo a alvura do peitilho da camisa, e viu que estava maravilhosamente calçado. Era, sem dúvida, a

última garradice do fidalgo, a quem não restava já o mínimo recurso.

— Adeus, Eduardo, disse-lhe a Saint-Alphonse, estendendo-lhe a mão e recebendo-o com um sorriso que denunciava antigas relações.

— Adeus, Anais, respondeu êle, como estás?

— Perfeitamente... Senta-te aqui ao pé de mim. Temos muito que conversar.

O Barão sentou-se.

— O teu bilhete, minha querida Anais, surpreendeu-me um tanto ou quanto. Estava com pouca vontade de sair, e muito menos de visitar os meus amigos de outrora. Mas enfim o caso parecia tão urgente... Precisavam de mim?

A Saint-Alphonse fez um sinal afirmativo.

— A propósito, prosseguiu o Barão sorrindo-se, se acaso intentas pedir-me dinheiro, perdes o tempo. Estou po-bríssimo.

— Bem sei.

— Sabes?!

— Coitado! disse ela, pegando na mão do Barão, com a bondade natural nas criaturas da sua espécie, sei tão bem como tu, ou melhor ainda, o estado em que estás. Há três dias para cá tenho mandado seguir-te os passos, tenho-te espreitado como agente de polícia.

E como o Sr. de Chamery fizesse um gesto de surpresa, prosseguiu ela:

— Tu tem letras protestadas no valor de dez mil francos, de modo que de um momento para outro vais parar na *Clichy*.

— E' verdade... murmurou o Barão, soltando um suspiro.

— Deste cabo de quinhentos mil francos em oito anos, e já não possuis na Vendéia nem uma aguilhada de terra; mas o pior de tudo é que ontem, às onze horas da noite, jogaste o último luís, e além disso perdeste, sob palavra, mil e quinhentos francos.

O Barão empalideceu.

— Há seis meses, prosseguiu a Saint-Alphonse, quando te restava ainda um pouco de opulência, cercar-te-iam todos os teus amigos oferecendo-te dez mil escudos, se acaso pre-

ciasses dêles: hoje percorrerias Paris inteiro para obteres mil e quinhentos francos, e não o conseguirias.

— Assim o creio! murmurou o Sr. de Chamery com ar sombrio.

— Ora, eu, continuou a Saint-Alphonse, conheço-te: se não pagares esta noite a dívida de jôgo, darás um tiro na cabeça.

— Tenho estado a pensar nisso!

— Pois terias feito melhor lembrando-te de mim, que afinal te ajudei a dissipar boa porção dos teus haveres.

— Eu, respondeu o Sr. de Chamerroy, com visível tristeza, tenho, com efeito, descido muito, muito mesmo, mais do que supõe, mas...

— Mau! Não te mostres difícil de contentar. Por fim, não foi por causa de mil e quinhentos francos, que te emprestarei com juros, se quiseses, que te pedi para vires a minha casa.

— Por que foi então?

— Porque quero salvar-te, quero dar-te dezenove mil francos de renda, e uma mulher de trinta anos, e muito bela ainda.

O Sr. de Chamerroy olhou para ela estupefato, e disse após um momento, baixando a cabeça:

— Parece-me que adivinho...

— Para falar verdade, meu filho, prosseguiu a Saint-Alphonse, há um tanto ou quanto que dizer não acêrca dos haveres, que são de boa origem, mas da mulher.

— E tu a conheces? perguntou o Barão, em um tom singular.

— Conheço.

— Diabo! murmurou o fidalgo empobrecido; isso é caso que pede reflexão.

— Não tens tempo para refletir. “Sim” ou “não”. Se dizes sim, almoças comigo, à uma hora saímos e vamos ao Bosque, onde encontraremos a tua futura espôsa. Às quarto horas apresentar-te-ás em casa dela, e ao cabo de quinze dias estarão casados. Se dizes “não”...

— Minha querida amiga, respondeu o Sr. de Chamerroy, neste momento, entre o suicídio e a desonra por um lado, e

do outro um casamento que é talvez ambas as coisas, só peço um favor.

— Qual é?

— Conduze-me ao Bosque, mostra-me a mulher de quem se trata; conta-me a sua história em duas palavras, e eu respondo-te. Se aceitar irei direito à casa dela; se recusar voltarei para minha casa e darei um tiro em um ouvido.

— Palavra de honra?

— Palavra de gentil-homem, coisa a que até hoje ainda não faltei. Quanto à minha dívida de jôgo...

— Não te lembres mais disso, disse a Saint-Alphonse sorrindo-se; o meu *groom* foi esta manhã da tua parte, a casa do teu credor, e pagou-lhe.

O Sr. de Chamerroy sentiu-se comovido, e murmurou:

— Logo, ainda as mulheres valem alguma coisa!

— Então! prosseguiu a Saint-Alphonse, há de se consentir que um amigo nosso vaze os miolos com um tiro, quando lhe comemos parte do que êle tinha?... Olha, vai fumar um charuto para a sala, e manda-me cá a minha criada de quarto, que me quero vestir.

O Sr. de Chamerroy saiu.

A Saint-Alphonse chamou imediatamente Andréa, e disse-lhe:

— Então?!

— Agrada-me, respondeu Andréa. Tem um resto de altivez que me quadra e que ao mesmo tempo me assusta.

— Por que?

— Porque talvez recuse.

— Ora adeus! replicou a Saint-Alphonse, tu és capaz de dar volta a qualquer cabeça muito mais sã que a dêle; além disso, um homem que não tem como único recurso senão um tiro em um ouvido, fecha os olhos ao passado, afim de poder encarar o futuro.

— Vou-me embora, disse Andréa; vou pelo corredor da cozinha, e saio pela porta da travessa. Às duas horas estarei no Bosque.

.....

E Andréa retirou-se sem mais demora. Às duas horas cruzou-se o seu landau com a caleche de Saint-Alphonse; e

o Sr. de Chamerroy, deslumbrado pela sua beleza, disse à condutora:

— Não me conte nada, não quero nada... Caso-me!

X

MISTÉRIO E EXPLICAÇÃO

Tratemos agora de conhecer mais intimamente o Visconde Fabien d'Asmolles.

Fabien tinha trinta anos. Era um homem de estatura mediana, dotado de bela e melancólica fisionomia, tódia nobreza, à qual o nariz muito correto, os olhos pretos, e as barbas um tanto douradas e que êle usava à italiana, davam uma expressão de arrôjo tranqüilo e de firmeza refletida.

Fabien era um dos homens amadurecidos muito cedo pelo isolamento. Órfão aos dezesseis anos e senhor dos seus haveres, escapara o Sr. d'Asmolles à ociosidade e à existência ruínosa e inútil dos mancebos da sua época, por meio de pronunciada predileção pelo estudo e pelas viagens. Fabien viajara durante quatro ou cinco anos. Aos vinte e quatro fixara-se em Paris, e estabelecera ali a sua casa.

Fabien tinha de rendimento perto de sessenta mil libras. Residia na rua de Verneuil, ao lado do solar de Chamery, em um bonito pavilhão situado ao fundo do jardim de um grande palácio. Este palácio, propriedade do Duque de L... o qual não voltara a Paris desde 1830, e que vivia nas suas propriedades da província, estava confiado à guarda de um idoso suíço, que tinha a faculdade de alugar o pavilhão, o jardim e as cavalariças.

Fabien arrendara isto tudo. O jardim era vasto, tinha grande arvoredor, e quadrava ao caráter sério do Sr. d'Asmolles. O pavilhão compunha-se de um pavimento baixo com sala, casa de banho, um gabinete para fumar e outro para escritório, e de um primeiro andar onde Fabien estabelecera o quarto de cama, um "atelier" de pintura — porque pintava com talento — e uma sala de esgrima.

Fabien saía a cavalo de manhã muito cedo, e descia a passo a rua de Verneuil. Só depois de voltar a esquina da

rua é que metia o cavalo a trote. Quando voltava, metia igualmente o cavalo a passo, logo à esquina da rua du Bac.

A gente que em Paris se ocupa de tudo, procurando uma causa determinada a cada acontecimento, e que tinha notado aquela manobra, dera voltas ao miolo, e atormentara a imaginação.

Contudo, ao cabo de meia dúzia de meses, um idoso ator, casado com uma Dugazon da sua idade, que morava no terceiro andar de um prédio que tinha o número 3, e que passava parte da manhã à janela a fumar, chegara finalmente a penetrar o mistério. Notara que o moço "sportman" caminhava sempre junto ao passeio da esquerda, chegava ao meio da rua, onde era situado um belo palácio, erguia um pouco a cabeça, e parecia dirigir a vista para o primeiro andar. A diferença é que aquêlê olhar era tão discreto que os proprietários do palácio não poderiam decerto ofender-se. O mistério ficou, pois, explicado para o velho comediante e para a sua metade. Inquestionavelmente em uma das janelas daquele palácio devia achar-se uma senhora por quem o Visconde Fabien d'Asmolles estava apaixonado. Ora, o palácio era o da Marquesa de Chamery.

O mancebo, tôdas as vêzes que passava, sentia palpitar mais apressadamente o coração; e havia perto de um ano que Fabien via chegar a sexta-feira, com uma espécie de impaciência e tristeza.

A sexta-feira era o dia em que as Sras. de Chamery estavam em casa para as suas visitas; e Fabien era dêste número.

O falecido Visconde d'Asmolles, seu pai, servira com o Sr. de Chamery, de modo que Fabien, assim que chegara a Paris fôra recebido por êle como o seria seu próprio filho.

Quando Fabien d'Asmolles fôra a Paris pela primeira vez, era Branca de Chamery uma criança; tinha sete ou oito anos.

Regressando, porém, das suas viagens, achou Branca já uma jovem melancólica e encantadora, dotada de beleza triste e um tanto altiva, ante a qual todos se inclinavam com respeito, mas Fabien, naquele tempo, conquanto tivesse perto de vinte e cinco anos não atentou nela.

O seu tutor, que continuara a gerir-lhe os haveres enquanto elle andara viajando, tinha-lhe ultimamente prestado contas, e dado posse da sua casa. Um tanto atordado pela sua independência, pela sua vida nova e pelo cuidado de estabelecer em bom pé o que lhe pertencia, occupado, enfim, por alguns amôres fáceis, conservou-se Fabien um tanto afastado do palácio dos Chamery durante os primeiros três anos da sua estada em Paris.

Uma noite, porém, achou-se muito admirado por se sentir inquieto sob o pêso do angélico e meigo olhar de Branca de Chamery; e foi então, que sem confessar a si mesmo o motivo de tal inquietação, foi residir na rua de Verneuil, no pavilhão situado na extremidade de um jardim contíguo ao palácio do Marquês. Dali a um mês amava Branca; mas a respeito do amor e do casamento, tinha Fabien umas idéias, que contanto parecessem extravagantes, eram contudo repletas de bom-senso.

No dia em que conheceu que amava a menina de Chamery, completava ella dezoito annos. Fabien contava vinte e nove.

Qualquer outro no seu lugar, teria dito para consigo:

— Sou moço, tenho um nome, fisionomia simpática, sessenta mil libras de renda, e sou senhor do meu destino. Vou pedir a mão de Branca, e obtenho-a com tóda a certeza.

Fabien raciocinava de diferente modo.

— E' evidente, disse elle para consigo, que o Sr. de Chamery não me recusa a mão de sua filha. Ora, Branca de Chamery, como jovem honesta e submissa à vontade de seus pais, não deixa de me aceitar para espôso. Não é, porém, isso o que eu quero; eu quero que Branca me ame; se me amar desposá-la-ei; se não conseguir achar-lhe o caminho do coração, tratarei de recalcar o meu amor no mais íntimo do peito.

Fabien, pois, detendo-se neste raciocínio cavalheiresco, esperou: a diferença é que se tornaram menos raras as suas visitas ao palácio de Chamery; e dentro em pouco notou Branca que elle se perturbava e corava quando lhe apparecia.

Decorridos mais alguns dias, talvez Fabien se tivesse arriscado a uma confissão; talvez houvesse pegado nas mãos de Branca e lhe tivesse dito:

— Julga que eu possa ser o homem destinado para torná-la feliz, aquêlê que deve passar a vida aos pés de V. Exa. tomando por occupação contínua e única a sua ventura? Se o julga vou procurar o Sr. Marquês, e pedir-lhe que me chame filho.

Houve, porém, um acontecimento imprevisto que transformou os projetos do mancebo, que lhe desvaneceu as esperanças e lhas destruiu completamente. Um dia, foi Fabien ao palácio de Chamery e encontrou-se com o Marquês. As senhoras tinham saído; o Marquês estava só.

Fabien conhecia perfeitamente as excentricidades do Marquês, conquanto nem a espôsa nem a filha lhe houvessem nunca falado em tal. Notara muitas vêzes o caráter sombrio do Sr. de Chamery, a sua rara presença na sala, a sua tristeza e pronunciada predileção pelo isolamento; contudo, estava muito longe de suspeitar que havia dezoito anos que não dirigia a palavra a sua espôsa, estando a sós com ela, nem dava um beijo na filha. Ora, naquele dia, quando Fabien subia a escada principal do palácio, com a familiaridade de um amigo da casa, julgando que iria achar as senhoras no toucador da Sra. de Chamery, encontrou o Marquês.

— Adeus, Fabien, disse-lhe o Marquês, com uma espécie de comção desusada; alegra-me o ver-te, e tanto mais...

E deteve-se parecendo refletir e hesitar.

Fabien fitou-o com assombro.

— Tanto mais, prosseguiu o Marquês fazendo um esforço sobre si mesmo, que há dias ando a pensar em conversar contigo muito seriamente.

O Marquês tornou a subir, conduziu Fabien a um gabinete, e fechando-se com êle, assumiu um ar misterioso, e disse-lhe:

— Tu, meu caro Fabien, és filho do meu melhor amigo, e por isso quero-te tanto como se foras meu próprio filho. Crês nisto que te digo?

— Creio, Sr. Marquês, respondeu Fabien, lendo nos olhos do Sr. de Chamery uma afeição quase paternal.

— Pois bem... prosseguiu o Marquês, se crês na minha afeição, imagino que deves estar convencido de que desejo a tua felicidade.

— Estou convencidíssimo... respondeu ainda Fabian, sentindo-se deveras comovido.

— Então, ouve, continuou o Marquês: tem-me parecido que amas Branca?

— E' verdade... murmurou Fabien, estremecendo de esperança.

— Pois, meu filho, continuou tristemente o Sr. de Chamery, é necessário renunciar a êsse amor.

Fabien recuou estupefato.

— Pela memória de teu falecido pai, pela afeição que te dedico, pela honra da tua raça que tu deves continuar, concluiu o Marquês, exijo que me dês a tua palavra de honra de que se eu morrer não a pedirás à sua mãe... porque, acrescentou êle com uma espécie de ironia, uma vez que Branca é minha filha, não poderá casar-se sem o meu consentimento, que eu te recusaria.

Fabien ouviu-o como que aniquilado.

— A causa da minha recusa, Fabien, é um segredo entre mim e Deus. Não diligencies penetrá-lo.

O Visconde d'Asmolles saiu do palácio de Chamery, no auge da desesperação. No dia seguinte partiu para a Itália, onde esteve um ano resolvido a esquecer-se do seu amor; ao cabo de um ano, porém, voltou mais apaixonado do que quando partira.

Entretanto, falecera o Sr. de Chamery.

Fabien prestara o juramento que êle lhe exigira, mas renunciando a desposar Branca, não podia renunciar a visitar as duas senhoras. No dia seguinte ao da sua chegada, foi visitá-las, e achou-as de luto pesado. O Marquês falecera havia apenas três meses. Vendo entrar Fabien, Branca tornou-se pálida como uma estátua, e Fabien, vendo-a empalidecer, compreendeu que ainda era amado. O pobre mancebo, fiel por um instante ao seu juramento de renunciar para sempre à mão de Branca, lembrou-se de se ausentar novamente de Paris, de se expatriar por muitos anos, e de não voltar senão depois da menina ter esquecido dêle. Deteve-o, porém, um nobre e cavalheiresco pensamento:

— Jurei ao Marquês, pensou êle, não casar com Branca, mas não fiquei inibido de lhe servir de irmão. A morte do Sr. de Chamery deixou aquelas duas senhoars sem protetor;

pois protegê-las-ei eu, substituirei o filho que há tantos anos desapareceu.

Branca e sua mãe não tinham comunicado a Fabien as revelações do Marquês, já moribundo, com relação àquele filho que por tantos anos tinham julgado perdido.

Fabien, portanto, não partiu.

O que fez, tanto para extinguir no coração de Branca o amor que êle adivinhava, como para apaziguar os seus próprios tormentos, foi afastar-se pouco a pouco, pelo menos ostensivamente; deixou de ir todos os dias visitar as duas senhoras, como em outro tempo; e Branca, ofendida por tão súbita reserva, não deu um passo para o atrair. Dentro em pouco limitou-se a uma visita por semana, regularmente às sextas-feiras, escolhendo de preferência as horas em que sabia encontrar ali mais visitas. A toda a hora, porém, mas na sombra, velava Fabien por Branca e por sua mãe. Todos os dias, quando passava pela frente do palácio, fitava prolongado e triste olhar nas janelas, todas as noites, passeando no jardim que lhe rodeava o pavilhão, applicava o ouvido junto ao muro que o separava do jardim do palácio de Chamery. Em primeiro lugar, o sombrio ancião, convencido pela carta póstuma da abominável mãe do Marquês Hector, da culpabilidade da sua esposa, nutria durante dezoito anos profundo ódio contra aquela a quem olhava como filha do crime, de modo que estremecera de indignação lembrando-se da probabilidade de uma união entre ela e o seu querido Fabien, a quem queria como a um filho. Além disso corroborara-lhe a resolução outro pensamento, sem dúvida falso, mas menos egoísta, menos pessoal que o primeiro.

— A mãe de Branca tornou-me o mais infeliz dos homens, dissera êle para consigo; por conseguinte arrisca-se Fabien a ter igual sorte...

A cegueira do Marquês fôra a causa única da inopinada separação dos dois namorados e do obstáculo que Fabien olhava como insuperável; de repente, porém, ocorreu um caso inesperado que o destruiu, e que foi causa de o mancebo saber que o Sr. de Chamery, próximo a expirar, o desobrigara do seu juramento, e lhe permitira que desposasse Branca.

Foi no mesmo dia em que Fabien se batera com o seu moço e louco amigo Rolland de Clayet.

Fabien voltara para casa, depois de o médico, que fôra chamado apressadamente, lhe afirmar que a ferida de Rolland não tinha gravidade. O Visconde ficou admiradíssimo, quando ao transpor o portão do palácio que precedia o seu pavilhão, viu correr para êle um criado da Sra. de Chamery.

— Sr. Visconde, disse-lhe o criado muito apressadamente, queira ter a bondade de ir à casa da Sra. Marquesa, mas sem demora...

Fabien estremeceu.

— Valha-me Deus! exclamou êle; que foi que succedeu?

— A Sra. Marquesa está à cabeceira da menina Branca, que amanheceu hoje muito doente, e há coisa de uma hora...

Fabien não quis ouvir mais. Correu para a palácio de Chamery, subiu a escada quatro a quatro, e encaminhou-se para o quarto da Sra. de Chamery. Já próximo da porta, veio-lhe ao encontro a Marquesa, a qual soltou um grito de alegria, e em seguida obstou-lhe a que passasse.

— Não entre! disse ela, não entre!

— Santo Deus! exclamou Fabien, com voz sufocada, e a testa coberta de mortal palidez; que vai dizer-me?

— Nada, disse-lhe a Marquesa, além de que Branca se sentiu indisposta, mas que está melhor, muito melhor... Olhe, espere-me na sala, que eu não tardo em lá ir.

Fabien não compreendera, não ouvira senão uma coisa, fôra que Branca estava doente, e talvez moribunda. O pobre moço constrangiu-se extraordinariamente para não afastar a Sra. de Chamery, e entrar à força no quarto da jovem. Mas, como resistir àquela mãe, que com os olhos cheios de lágrimas, lhe pedia que não entrasse no quarto de sua filha? Crivou, portanto, a fronte, e foi esperar na sala, presa de mortal inquietação.

Ao cabo de cinco minutos entrou na sala a Sra. de Chamery.

Fabien fôra acometido de uma espécie de tremor convulsivo, que impressionou a Marquesa.

— Infeliz menina, disse-lhe ela; o Visconde quer matá-la?

— Eu! exclamou Fabien, que teve medo de perceber o sentido daquelas palavras.

— O Visconde, sim... continuou a Marquesa. Bem sabe que se bateu esta manhã...

— Minha senhora...

— A espôsa de um militar, de um fidalgo, disse a Sra. de Chamery, compreende estas coisas, e a minha intenção não é ralhar; mas Branca soube que o Visconde ia bater-se, esta manhã mesma, no momento em que o Visconde partia com os padrinhos...

Fabien fêz um gesto de assombro.

— Bem sabe, continuou ela, que as janelas do quarto de Branca dão para o jardim, e que por sôbre o muro se vê uma porção do seu, incluindo a aléia que conduz ao pavilhão...

— E então, murmurou o pobre Fabien, de todo desorientado.

— Esta manhã levantou-se a pobre menina ao nascer do dia, com uma enxaqueca terrível, e foi pôr-se à janela. Logo em seguida atravessou o Visconde o jardim seguido de dois homens.

“O aspecto dêles e duas espadas que o Visconde levava debaixo do braço não lhe deixaram a mínima dúvida: logo viu que o Visconde ia bater-se. Do meu quarto que fica por baixo do dela, ouvi um ruído surdo que me acordou em sobressalto. Senti-me amedrontada e toquei a campainha. A minha criada de quarto acudiu imediatamente, e subiu logo ao quarto de Branca, e após um instante ouvi-a gritar por socorro. Então, deveras assustada, subi também, e achei a minha pobre Branca desmaiada, com os dentes cerrados, os membros inteiriçados e estendida no sobrado. Estava tão pálida que a julguei morta... Veio o médico e fê-la voltar a si. A pobre menina abriu os olhos, conheceu-me, e desatou a chorar. Depois apoderou-se dela o delírio, e durante êste, soube tudo, adivinhei tudo... Falou no Visconde, em espadas e duelos...

A Sra. de Chamery deteve-se e encarou Fabien.

O Visconde estava quase desfalecido encostado ao fogão.

— Pobre menina! disse ela enfim; pois o Visconde não vê que Branca o ama, que o ama há três anos, e que a sua indiferença afetada a mata?

O Visconde soltou um grito, segurou-se a uma cadeira, para não cair, e murmurou:

— O meu juramento!... o meu juramento!

— Mas, prosseguiu a Sra. de Chamery, o Visconde também a ama, não intente enganar-me. Engana-se acaso o coração de uma mãe? Não vejo como está pálido e trêmulo? Fabien, meu querido filho... exclamou em tom suplicante a pobre senhora, que via sem dúvida desde muito tempo correr as lágrimas da filha, e que lhe sabia a causa; quer matar a minha pobre Branca?

E era tal a desesperação e nobreza que transparecia na voz daquela mãe, oferecendo a filha ao homem que essa filha amava, e por quem se definhava lentamente, que Fabien ajoelhou.

— Ouça-me, minha senhora, murmurou êle; e contudo eu tinha jurado que encerraria o meu segredo no mais íntimo do coração, que nunca proferiria uma palavra que o fizesse suspeitar...

— Um segredo?... balbuciou a Marquesa.

— Minha senhora, disse Fabien, com a voz entrecortada de soluços, eu amo Branca... que nunca poderá ser minha esposa.

— Por quê!... mas por quê?! exclamou a aflita mãe.

E como a Sra. de Chamery mostrasse não entender, contou-lhe Fabien o que ocorrera entre êle e o Marquês, o juramento que êste último lhe exigira, sem dizer o motivo que determinava tal procedimento.

Mas quando êle terminou dizendo:

— Bem vê, minha senhora, que não sou eu quem mata sua filha, mas sim a vontade de seu pai...

A Sra. de Chamery soltou um grito de alegria, exclamando:

— Então não sabe que o Sr. Chamery mudou de opinião e de vontade, no momento supremo? Santo Deus! concluiu ela, inundada de lágrimas, é necessário contar-lhe tudo!

E então a nobre senhora fêz sentar Fabien a seu lado, e descreveu-lhe os dezoito anos de sofrimento secreto, passados junto do sombrio ancião, que parecia trazer continuamente a morte no coração, os seus extraordinários caprichos, o seu viver pobre e miserável no meio da opulência, e a expli-

cação final daquela existência atormentada, a explicação que lhe escapara dos lábios na hora extrema. Fabien compreendeu tudo. Viu que o Sr. Chamery que não quisera que Branca fôsse sua esposa, porque não a julgava sua filha; e viu também que, reconhecendo o seu erro, devia o desventurado pai tê-lo desligado do seu juramento.

Quando a Marquesa concluiu, pegou-lhe Fabien na mão e beijou-a respeitosamente.

— Minha querida mãe, disse êle simplesmente, quer que vamos ver como ela está?

— Vamos, disse a Marquesa.

Quando entraram no quarto, a jovem, a quem tinham dito muito cautelosamente que Fabien regressara são e salvo, estava mais tranqüila, e esforçou-se para sorrir.

Com um sinal fêz a Marquesa retirar quem ali estava. Depois, achando-se só com Fabien e com a enfêrma, pegou-lhe na mão, e disse-lhe:

— Tens muito que perdoar a Fabien, minha filha; mas afirmo-te que é digno do teu perdão, e participo-te que lhe concedi a tua mão, que êle agora me pediu.

Branca soltou um grito, e estêve a ponto de desfalecer novamente.

Fabien, porém, cingiu-a ao coração, dizendo:

— Minha querida Branca, não sabe que a tenho amado sempre, e que a minha vida inteira lhe pertence?

Agora deixemos por um momento o palácio de Chamery, e vamos à rua Saint-Florentin.

XI

O CASAMENTO DE ANDRÊA

Como sabemos, foi nesse mesmo dia em que Rolland de Clayet se batera cavalheirescamente pela formosa Andréa Brunet, que se dizia de Chamery, que esta fôra à casa da Saint-Alphonse, onde, oculta no gabinete de toucador, ouviu o Barão de Chamery-Chamerooy, indo depois ao Bosque, onde êle devia encontrá-la. A carruagem da Saint-Alphonse e

a de Andréa tinham-se cruzado nos Campos Elísios; e a beleza da menina Brunot de Chamery tinha suplantado os escrúpulos do fidalgo empobrecido, o qual dissera à Saint-Alphonse:

— Não quero saber nada, não conte nada... caso, apesar de tudo...

Andréa, depois de trocar um olhar com a Saint-Alphonse, voltara imediatamente para casa, a fim de esperar ali a visita do Barão. Assim que chegou à casa, hábil como era, mudou de traje, ficando em um "negligé" encantador, que devia ajudar a tomar de assalto o coração do Barão.

O Barão foi de uma pontualidade militar. Apresentou-se às três horas em ponto, e foi introduzido pelo *groom* no toucador da menina de Chamery.

Quase enroscada como uma gatinha de regaço na poltrona colocada ao lado do fogão, recebeu-o Andréa com um sorriso e indicou-lhe uma poltrona ao lado dela.

O Barão estava deslumbrado ante tanta beleza à qual a claridade velada que reinava no gabinete conservava todo o prestígio. O Barão sentou-se e beijou-lhe a mão. Depois, após curto momento de silêncio, foi a menina de Chamery quem encetou a conversação.

— Sr. Barão, disse ela, nós estamos a sós, e sabemos, eu o que o trouxe aqui, e V. Exa. o que vem me dizer; podemos suprimir toda espécie de preâmbulo.

O Barão inclinou-se.

— V. Exa. vem pedir-me a minha mão, e eu estou antecipadamente resolvida a conceder-lha.

O Barão fez um ligeiro sinal com a cabeça.

— Desculpe-me, disse ela, o aprofundar o assunto tão abruptamente. O Barão estava para dar um tiro na cabeça, mas prefere casar comigo, que tenho dezoito mil libras de renda.

— Há uma hora, minha senhora, disse o Barão corando, teria V. Exa. dito a verdade; agora, porém, afirmo-lhe que caso com V. Exa., porque sendo tão formosa, conheço que antes de cito dias hei de amá-la como um louco.

— Pois seja assim, disse Andréa sorrindo-se. O que é preciso é que saiba a razão por que eu quis casar com V. Exa.

No fidalgo aviltado surgiu então como que um resto de arrogância, que se manifestou dando-lhe à fisionomia uma

expressão de escárnio: pairou-lhe nos lábios um sorriso que teria causado inveja a Voltaire.

Este sorriso, porém, não ofendeu a menina de Chamery. Contentou-se com encará-lo, dizendo-lhe:

— Engana-se.

E como parecesse que estas duas palavras o assombraram, quis provar-lhe que lhe compreendera o pensamento, formulado em um sorriso, e por isso continuou com a maior singeleza:

— Há em Paris um mancebo de vinte e três anos, senhor de um nome excelente, sem mancha, e de trinta mil libras de renda, o qual se bateu esta manhã por mim, e que há muito solicita a minha mão. Se o Sr. Barão quiser refletir, verá que está pobre e endividado, e que o nome que me oferecem vale pelo menos tanto como o seu; por conseguinte concluirá que para casar com V. Exa. devo ter razões mais fortes do que as que impelem ao casamento certas mulheres, cujo pasado tem alguns pontos nublados.

O Barão inclinou-se e deixou escapar um gesto que significava: “Explique-se, que não entendo absolutamente nada”.

Andréa continuou sorrindo:

— O seu nome, Sr. Barão, é para mim uma vingança completa. Minha mãe chamava-se Marquesa de Chamery; de modo que casando com o Barão, entro novamente pela porta principal da família que me renegou.

— Percebo... murmurou o Sr. de Chamery, mordendo os lábios.

— Mas, ouça...

— Que temos mais ainda?

— Vai ver...

E Andréa abriu um móvelzinho que estava ao lado dela, e tirou um papel muito amarelo, mas perfeitamente intato e encerrado em um invólucro, cujo tríplice sêlo fôra quebrado.

— O Barão julga-se pobre, não é verdade?

— Pobríssimo.

— Poi engana-se...

— Que está dizendo?

— Veja este papel, que é um testamento. Este testamento que é afinal contestável, que dará origem a uma

demanda, enriquecê-lo-á com cem mil libras de renda, se ganhar a causa.

— E' possível! exclamou o Barão, estendendo para o papel as mãos febris.

Ela, porém, deteve-o, com gesto imperioso, dizendo:

— Não lhe toque, não lhe toque... Se não casar comigo, deixá-lo-ei cair no fogo.

E juntando o gesto à palavra, suspendeu o testamento por sobre o fogo que crepitava no fogão, pronta a largá-lo se o Barão intentasse arrancá-lho.

O Sr. de Chamerroy convenceu-se de que a menina Andréa Brunot não revelava imprudentemente os seus segredos.

— Um momento, disse ela, estabeleçamos as nossas condições...

— Estou à sua disposição, disse o Sr. de Chamerroy.

— Eu, prosseguiu Andréa, sou a única pessoa que tem notícia dêste testamento. Posso destruí-lo, e se o fizer ninguém poderá provar ter êle existido. Assim, pois, conquanto lhe diga respeito, é absolutamente propriedade minha.

— Mas que exige de mim em troca?

— A sua mão e o seu nome.

— Acedo, serei o seu marido.

— Ótimamente.

E Andréa tornou a guardar muito tranqüilamente o testamento.

— Quando formos casados, Sr. Barão, disse ela; depois de voltarmos da Igreja sendo eu Baronesa de Chamery-Chamerroy, saberá V. Exa. quem foi o testador, e poderá examinar o testamento, mas lembre-se do que vou dizer-lhe, acrescentou Andréa, com um sorriso que provou ao Barão que era tal a mulher com quem tinha de se haver, lembre-se de que o testamento será destruído se acaso intentar apossar-se dêle, renunciando a desposar-me.

— Não tenha êsse receio, replicou o Sr. de Chamerroy, pegando na mão de Andréa e levando-a aos lábios; desejo ardentemente desposá-la; há de ser Baronesa antes de quinze dias.

— Agora nós, altiva Marquesa de Chamery! murmurou Andréa em tom de alegria selvática. Ainda hei de expulsar-te do teu palácio!

Tinham decorrido quinze dias desde que Fabien d'Asmolles soubera das revelações que o Marquês de Chamery fizera no momento derradeiro; revelações que o desligavam do juramento e lhe permitiam que desposasse Branca. A primeira metade desta quinzena correria serena, qual lua de mel. Tinham combinado esperar um ano, e estavam passados quase onze meses, depois do falecimento do Sr. Barão de Chamery, para a realização do casamento de Branca com o Visconde Fabien d'Asmolles.

Entretanto, não podia a pobre Marquesa abster-se de suspirar lembrando-se daquele filho por tanto tempo esperado, e que não voltara ainda, apesar dela o ter chamado havia já onze meses. Com efeito, no dia seguinte ao funeral do Sr. de Chamery, escrevera a Marquesa a seu filho, dirigindo a carta ao almirantado inglês. Esta carta devia ter sido expedida na mala da Índia, mala que fazia uma viagem mensal. Admitindo-se que o moço oficial não tivesse podido partir imediatamente e se houvesse demorado ainda dois meses, devia ter embarcado o mais tardar quatro meses após o falecimento de seu pai, e por conseguinte ter já sete de viagem.

E, contudo, a Sra. de Chamery não recebera ainda a mínima notícia.

Além disso, a pobre senhora julgara por tanto tempo o filho morto, que mal podia agora acreditar na sua existência. Por isso guardara o mais profundo silêncio, bem como sua filha, acêrca das revelações do Marquês.

Para Paris inteira falecera o moço de Chamery havia muito tempo.

A Marquesa, como é fácil compreender, sentira extrema repugnância em divulgar, ainda às pessoas de maior intimidade, o segredo que o Sr. de Chamery guardara durante dezoito anos. Para isso teria de explicar as suspeitas injustas do finado, o infame procedimento da Marquesa velha de Chamery, e entrar em uma multidão de pormenores que lhe fariam rebaixar a altivez nativa.

Só Fabien, e isso desde o dia em que fôra resolvido o seu casamento com Branca, só Fabien fôra iniciado em tal mistério.

A Sra. de Chamery, sua filha e Fabien, resolvidos a calar o segredo até à chegada do moço marítimo, tinham combinado compor um romancezinho que pudesse ser aceito pela sociedade: a história de um filho amimado, e dotado de imaginação exaltada, que foge um dia da casa paterna, e que depois é encontrado por uns saltimbancos, que em seguida o embarcaram em um navio inglês. Percebe-se, pois, que tendo corrido por Paris inteira o boato de ter morrido o moço Alberto Honório de Chamery, boato que não fôra destruído depois do falecimento do Marquês, houvesse a menina Andréa Brunot tido a lembrança de fazer valer o testamento do cavalheiro de Chamery, e de casar com o Barão de Chamery-Chamerroy.

Ora, depois de resolvido o casamento de Branca com Fabien, a pobre mãe, que assegurara assim a felicidade de um dos seus filhos, entrou a pensar mais no outro por cujo regresso suspirava havia tanto tempo.

Próximo a expirar, dissera-lhe o Marquês que recebia regularmente todos os anos uma nota da Companhia das Índias, acêrca do filho, por via do almirantado; e recebera a última três meses antes de morrer. Logo, se sucedera alguma desgraça ao moço Alberto Frederico Honório de Chamery, oficial da marinha inglesa, não podia ter sido senão nos últimos quinze ou dezoito meses.

Fabien aconselhara pois à Marquesa a que escrevesse de novo, não ao filho, mas ao secretário do almirantado em Londres. Para obter resposta eram necessários dez dias. Estes dez dias passou-os Fabien no palácio de Chamery, com a sua noiva, ao lado da Marquesa, a qual, como sabemos, havia muito tempo padecia de uma horrível doença de consumção. Parecia mesmo que desde a crise nervosa e o desmaio de Branca, na manhã em que Fabien se batera em duelo, piorara extraordinariamente o estado da Marquesa, por efeito da comoção violenta que experimentara. O médico assistente chegara a dizer a Fabien:

— A Sra. de Chamery está muito doente, mais doente do que se supõe. Bastaria uma comoção violenta ou uma catástrofe imprevista para ela sucumbir.

Entretanto, o Sr. d'Asmolles, ao cabo de oito ou dez dias, nos quais não saiu de casa senão para ir ao palácio de Chamery, entrou a pensar no seu amigo Rolland de Clayet.

— E' necessário, disse êle para consigo, que eu saiba como está o pobre moço.

Pediui pois uma licença de horas a Branca, e dirigiu-se no "faeton" à rua de Provença.

Rolland, como o anunciara o médico, achava-se muito melhor, pelo menos fisicamente.

Fabien achou-o envolto em um chamebre, sentado junto ao fogão.

— Não se admire da minha visita, meu querido adversário, disse o Visconde entrando. Bem sabe que a autorizam os usos do duelo.

Fabien esperava ser recebido de modo glacial, mas Rolland estendeu-lhe vivamente a mão.

— Meu amigo, disse-lhe êle, fui um louco, fui tolo e ingrato; mas Deus puniu-me cruelmente. Queres tu perdoar-me?

Fabien sorriu-se.

— Estás curado? perguntou-lhe êle.

— Estou.

E mostrou uma carta ao Visconde.

Era a carta que Rolland recebera de Andréa, oito horas após o seu encontro com Fabien, e em que ella, como sabemos, o despedia nos termos mais glaciaes.

— Bem vêes, disse o Visconde depois de ter lido a epístola, que fiz bem em te arranhar a pele.

— Parece-te?

— Decerto... Se tu me houvesses morto, ter-se-ia passado tudo de outro modo.

— Ah!... disse Rolland em tom de surpresa.

— Andréa, prosseguiu Fabien, ter-te-ia apparecido aqui ao cabo de uma hora, dizendo-te: A prova de amor que o senhor me deu não me permite recusar-lhe por mais tempo a minha mão.

Rolland abanou a cabeça.

— Espera, prosseguiu Fabien, que se enganou com aquêlê sinal negativo. O teu ferimento mudou as faces das coisas. Andréa, como diplomata hábil, espera a tua convalescença, está convencida de que a sua carta irritou o teu amor, e conta

com a tua próxima visita. Andréa julga-te já a seus pés, implorando o teu perdão, e suplicando-lhe que te conceda a sua mão.

— Enganas-te... interrompeu Rolland.

— Ora, adeus!

E Rolland estendeu a mão para uma mesa próxima.

— Lê esta participação, disse êle.

Fabien pegou na carta e fitou estupefato. Era impressa e concebida nestes termos:

“O Barão de Chamery-Chamerroy tem a honra de participar a V. Exa. o seu casamento com a menina Andréa Brunot de Chamery, e pede-lhe que assista à bênção nupcial, que será realizada no dia...”

A data era daquele mesmo dia.

Andréa procedera com ligeireza: o seu casamento celebrara-se naquela mesma manhã.

Fabien ficou como que atordoadado.

— Nisto, disse êle após um momento de silêncio, há por força o quer que seja de extraordinário.

— Que há de ser? perguntou Rolland.

— Tu pediste sèriamente a Andréa que casasse contigo?

— Pedi.

— Ela repeliu-te?

— Pouco mais ou menos. Na véspera do nosso encontro, tinha-me ela pedido oito dias para refletir.

— E' notável...

— Por quê?

— Porque tu és um homem honrado, pertences a uma excelente família, possuis vinte mil libras de renda, e esperança de vir a possuir mais, de modo que uma mulher como Andréa nunca poderia esperar tanto.

— Talvez...

— Ora, continuou Fabien, o que eu não percebo e o que deve ocultar da parte dela alguma infâmia é a escolha que fêz do tal Barão de Chamery.

— Conhece-o? perguntou Rolland, em tom que denotava vivíssima curiosidade.

— E' um homem perdido de dívidas, um vadio sem honra, um miserável que nem sequer respeita o nome que tem.

— E' extraordinário... disse também Rolland.

E Fabien teve então como que o pressentimento de uma desgraça que parecia ameaçar a sua querida Branca, porque bem sabia avaliar o ódio com que a mulher que usava indevidamente do apelido de Chamery envolvera a Marquesa e sua filha. Foi com o espírito prêsa de vaga inquietação que êle entrou no palácio de Chamery, seriam cinco horas. Fabien jantava com as duas senhoras quase todos os dias.

— Veio o doutor, disse-lhe Branca; e como achou a mamãe muito indisposta, aconselhou-a a que fôsse descansar, de modo que está a dormir.

— Ah! disse Fabien em tom de inquietação.

— Mas obrigou-me a prometer-lhe que a despertaria para o jantar.

Mal acabara Branca de proferir estas palavras, appareceu a Sra. de Chamery.

Fabien beijou-lhe a mão.

— Então, meu filho, disse-lhe ela, como está o seu amigo?

— Está muito melhor, respondeu Fabien.

Sem mais demora foram para a mesa; e a Marquesa, depois de ter permanecido por um instante pensativa, prosseguiu:

— Faz hoje dez dias que a minha carta foi para Londres.

— Amanhã, respondeu Fabien, devemos receber resposta do almirantado.

— Não sei por que, tornou a Marquesa, mas tenho medonhos pressentimentos.

— Então, mamãe! disse Branca, em tom de repreensão.

— Meu pobre filho!... acrescentou a Sra. de Chamery, soltando um suspiro; se lhe terá sucedido alguma desgraça!

— Não esteja pensando em coisas taes, minha senhora, disse Fabien.

— Quem sabe se terá naufragado!

— Ora! disse Fabien rindo-se; não há marítimo nenhum que naufrague na última viagem... Esta creio ser a última de Alberto...

— Decerto! acudiu Branca. Em nós o tendo na nossa campainha, não o deixaremos tornar a partir...

— Assim deve ser, murmurou o Visconde; além disso, deve um Chamery servir à Inglaterra?

E os dois noivos entraram a formular tão belos projetos, e a manifestar tão risonhas esperanças com relação à próxima chegada do moço Marquês de Chamery, que fizeram surgir um sorriso no rosto da pobre mãe, introduzindo-lhe ao mesmo tempo no coração um átomo de alegria.

Contudo, depois do jantar, julgou Fabien a propósito noticiar à Marquesa o casamento de Andréa. Para isso esperou que Branca saísse da casa de jantar e fôsse para a sala, onde todos os dias, depois de jantar, se ia sentar ao piano.

— Minha senhora, disse Fabien à Marquesa, soube hoje uma coisa muito extraordinária.

A Marquesa pareceu assombrada.

— Aquela infeliz, prosseguiu Fabien, a quem V. Exa dá uma pensão...

— Andréa? disse a Marquesa.

— Sim, minha senhora.

— Há alguma nova infâmia dessa criatura? disse a senhora de Chamery com mais tristeza que desdém.

— Andréa casou-se, disse Fabien.

— Casou-se!

E após um momento de estupefação, acrescentou a senhora de Chamery:

— E quem foi que casou com essa infeliz rapariga?

— Um homem cuja honra estava avariada, respondeu Fabien. Hoje de manhã casou com Andréa Brunot o Barão de Chamery-Chamerroy.

A Marquesa ergueu os olhos ao céu com expressão de dor, murmurando ao mesmo tempo:

— Santo nome de Deus! Como as raças degeneram! Um Chamery-Chamerroy... o nosso último parente... casar com uma rapariga perdida!

— Minha senhora, prosseguiu Fabien. V. Exa. bem sabe que as trevas odeiam a luz, que o lôdo insulta o azul do céu, e que aquela criatura a quem V. Exa. tem enchido de benefícios...

— Sei muito bem, disse a Marquesa, que nos odeia com todo o ódio que o vício tem à virtude... Deve-se ter julgado

muito feliz por ter afinal achado um homem que lhe deu o nome que ela roubara.

Nisto foi a Sra. de Chamery interrompida por um criado que foi entregar-lhe um cartão.

— O sujeito que manda êste cartão pede a V. Exa. o favor de o atender o mais breve possível.

A Marquesa pegou no cartão e leu: "Rossignol, procurador".

— Não o conheço, disse ela. Não importa, mande entrar. Fabien quis retirar-se.

— Deixe-se estar, disse-lhe a Marquesa; não é já meu filho? Posso acaso ter segredos para com o senhor?

Rossignol, o repugnante e sebento personagem que já entrevimos em casa de Andréa, foi imediatamente conduzido à presença da Marquesa.

XII

ALBERTO DE CHAMERY

Rossignol, graças ao adiantamento que lhe fizera a menina Brunot modificara consideravelmente o seu invólucro: despojara-se do casaco sebento e já no fio, do chapéu de côr equívoca, e dos danificados sapatos. Apresentou-se como procurador sério, dos que não ganham menos de cem mil francos por ano. Tinha casaca inteiramente nova, camisa muito branca, gravata bem engomada, calças de casimira preta, e botas de polimento. Na forma do costume levava a pasta debaixo do braço: mas como atenuante ia de luvas e de bengala com castão de ouro. Através dos óculos viam-se brilhar os olhinhos com alegria de má nota e apenas entrou cumprimentou a Marquesa com um desembaraço que suscitou em Fabien o desejo de o lançar pela janela.

— Que nos poderá querer esta ave de mau agouro? pensou o Visconde.

— A Sra. Marquesa de Chamery? perguntou o Sr. Rossignol.

— Sou eu... respondeu a Marquesa, convidando-o a sentar-se. Em que posso ser útil? acrescentou ela com a polidez e desembarago de fidalga.

— Eu, minha senhora, respondeu o espertalhão, sou procurador do Sr. Barão de Chamery-Chamerroy, primo de V. Exa. e da Sra. Baronesa de Chamery-Chamerroy, que é igualmente prima de V. Exa...

E acrescentou estas últimas palavras, com visível intenção de ofender.

— Continue... disse a Marquesa em tom altivo.

Rossignol prosseguiu:

— Antes de intentar uma demanda, em que V. Exa. perde infalivelmente quanto possui, julgou conveniente o Sr. Barão de Chamery-Chamerroy, meu constituinte, propor a V. Exa. uma transação...

— Uma demanda... uma transação... os meu haveres?! murmurou a Sra. de Chamery no auge do assombro.

E voltando-se para Fabien, acrescentou:

— Este homem decerto perdeu a razão...

— Peço perdão, tornou Rossignol em tom insolente, vou provar o contrário a V. Exa.

Fabien lembrou-se de agarrar Rossignol por um braço, e de chamar dois lacaios para o porem na rua; mas não, conteve-se.

— Como disse, minha senhora, continuou o rábula refestelando-se na poltrona, ao passo que a Sra. de Chamery o fitava assombrada, como disse, intentada a demanda, V. Exa. perde-a, e reduz a total pobreza a menina Branca.

— Eu, disse a Marquesa interrompendo-o com dignidade, não ouvi nunca tratar minha filha pelo seu pronome na minha presença, e por um desconhecido que eu tenho tôda a razão de supor louco.

— Peço desculpa, disse Rossignol, menina de Chamery é que eu queria dizer; mas isso não faz nada ao caso, como verá.

Fabien, até ali imóvel e mudo, sentiu esgotada a paciência. Dirigiu-se, portanto, a Rossignol, e o mediu de alto a baixo, dizendo-lhe em tom sobremodo sêco:

— Queira explicar-se com mais clareza e principalmente com mais respeito.

Rossignol suportou sem pestanejar o olhar de Fabien, e retorquiu:

— Peço perdão, mas não o conheço, e não é ao senhor...

— Insolente!

— Não tenho a honra de o conhecer, repetiu Rossignol sem perder o sangue frio.

— Pois eu lhe digo quem sou...

— Vamos a ouvir ... retorquiu irônica e miseravelmente enquanto a Marquesa permanecia petrificada ante tamanha audácia.

— Eu sou o Visconde Fabien d'Asmolles, caso dentro de três meses com a menina Branca de Chamery, e vou lançá-lo pela janela a fora... retorquiu Fabien.

— Faça o que quiser, disse Rossignol muito tranqüilamente, mas creia que reduz à miséria a sua noiva.

E deu esta resposta com tal segurança, com tão visível convicção, que Fabien estremeceu e reprimiu a irritação que o dominava.

— Fale... ouvi-lo-ei.

— Ah! até que poderei enfim explicar-me!

E apesar da repugnância que o rábula lhes inspirava, resignaram-se a Marquesa e o Visconde a ouvi-lo.

— Sra. Marquesa, prosseguiu Rossignol, O Sr. Barão de Chamery-Chameroy casou esta manhã com a prima de V. Exa.

— Eu, disse a Sra. de Chamery interrompendo-o com dignidade, não reconheci nunca o parentesco que o senhor estabelece entre mim e a menina Andréa Brunot.

— Pois seja assim, tornou Rossignol; isso não quer dizer nada. O Sr. Barão casou, pois, esta manhã, com a menina de Chamery...

— Brunot... retificou a Marquesa.

— Pois seja Brunot. A menina Andréa Brunot levou em dote ao Sr. Barão dezenove mil libras de renda e um testamento...

— Um testamento?! exclamou Fabien.

— Um testamento do cavalheiro de Chamery, tio do Sr. Marques Hector de Chamery, de quem V. Exa. foi herdeira. Aqui está a cópia do testamento.

E então, ao passo que o espanto da Marquesa e de Fabien iam atingindo o cúmulo, tirou Rossignol da pasta um maço de papéis, procurou entre êles a cópia do testamento, e leu-o em voz alta.

A Sra. de Chamery não tivera jamais conhecimento de tal documento. Podia, portanto, até certo ponto, supô-lo falso. Em segundo lugar, sabia que seu filho estava vivo, e que por consequência a existência dêle anulava e reduzia a zero o testamento, qualquer que fôsse o seu valor.

Contudo a leitura do testamento causou-lhe tal impressão no organismo delicado e nervoso, que estêve a ponto de desmaiar.

Fabien amparou-a nos braços.

— Ora, continuou Rossignol, apressado em apresentar conclusões, e sem atenção pelo desfalecimento da Marquesa; ora, tendo falecido o Sr. Alberto Frederico Honório de Chamery...

Estas palavras causaram na Sra. de Chamery um efeito sublime.

— Morto! exclamou ela; o senhor disse que meu filho está morto?!

E levantou-se com os olhos incendiados, e os lábios convulsos, olhando para Rossignol, como se estivesse vendo nêlo o assassino do filho.

— Quem foi que lho disse? Como foi que o senhor o soube?

— Ora esta! regougou Rossignol, um tanto intimidado e julgando prudente não se adiantar mais, creio que ao cabo de dezoito anos...

Ouvindo estas palavras soltou a Marquesa um grito de alegria, e caiu quase desfalecida, mas triunfante nos braços de Fabien.

— Ponha-me fora êste homem... disse ela ao Visconde; expulso-o desta casa... Não sabe que meu filho está a chegar, que o esperamos de um momento para outro!

— Pobre senhora! murmurou Rossignol, julgando que presenciava um acesso de loucura; é a dor que a desvaira...

Nisto abriu-se a porta da sala e appareceu Branca de Chamery.

— Mamãe! disse ela; uma carta de Londres... Uma carta com o sinêto do almirantado.

Estas palavras da jovem deram à Marquesa uma energia fictícia.

Tornou em seguida a levantar-se, lançou um olhar de desprezo e triunfo ao emissário de Andréa Brunot, e disse-lhe:

— Aqui estão notícias de meu filho... Verá que não morreu!

E apoderou-se da carta que Branca trazia na mão.

Depois, no momento de abri-la, entrou a tremer, hesitou, e sentiu palpar descompassadamente o coração...

— Valha-me Deus! murmurou ela; não me atrevo...

Fabien tirou-lhe a carta das mãos, abriu-a e viu que era assinada por um comissário do almirantado.

Ato contínuo percorreu-a rapidamente com a vista; e a fronte, que primeiro se lhe enrugara por efeito da inquietação, desenrugou-se repentinamente.

— Alberto chegou a Londres, disse êle.

Esta frase fêz sair dos lábios da Marquesa e dos da filha um grito de alegria. Ao mesmo tempo principiou Rosignol a sentir-se muito mal acomodado.

Houve um momento em que chegou a lembrar-se de se dirigir disfarçadamente para a porta; mas Fabien que lhe adivinhou a intenção apenas o viu levantar-se, deteve-o com o olhar.

— Espere... disse êle, convém que o Sr. Barão de Chamery, seu constituinte, saiba o que deve pensar.

A carta emanada do almirantado e na qual Fabien não via senão que Alberto de Chamery chegara a Londres, era concebida nos seguintes termos:

"Sra. Marquesa:

"Encarregado por lorde... de procurar nos arquivos e correspondência do almirantado as informações que V. Exa. pede, apresso-me em transmitir-lhas.

"O Sr. Marquês Alberto Frederico Honório de Chamery, deu a sua demissão de oficial da marinha inglesa ao serviço da Companhia das Índias, em 8 de abril do ano último.

"Esta demissão, apresentada ao almirantado, foi aceita.

"O Senhor de Chamery recebeu esta notícia e embarcou imediatamente para a Europa, a bordo de um brigue mercante. O Sr. de Chamery chegou a Londres em 5 de novembro do mesmo ano, e apresentou-se, segundo se vê nos registros do almirantado, no mesmo dia, no Ministério da Marinha, onde foram visados os seus papéis."

— Santo Deus! exclamou a Marquesa. A 5 de novembro, e nós estamos em fevereiro!... Quatro meses para vir de Londres a Paris!

— É, com efeito, extraordinário... murmurou Fabien. E prosseguiu:

"O Sr. de Chamery deve ter embarcado para França no "Mouette", brigue francês."

— O "Mouette"? disse Rossignol; o brigue "Mouette"?

— E então? disse Fabien.

— Mas então, prosseguiu Rossignol com alegria selvática e imprudente, se embarcou a bordo do "Mouette" já não existe... O "Mouette" perdeu-se completamente, não escapando ninguém, quando ia de Liverpool para o Havre.

A Sra. de Chamery soltou um grito, e caiu sem sentidos nos braços da filha.

O miserável ferira-a mortalmente.

E' impossível descrever o que então se seguiu. De um lado Branca de Chamery, desorientada, amparando a mãe, e puxando o cordão de uma campainha para que lhe acudissem; e do outro Fabien d'Asmolles correndo para Rossignol, e deitando-lhe as mãos às goelas.

— Miserável! exclamou êle no auge da desesperação, mataste a Sra. de Chamery... mereces o cadafalso, assassino!

— Largue-me... largue-me!... bradava Rossignol meio sufocado; sustento o que disse, o "Mouette" perdeu-se... não escapou ninguém... O Sr. Barão de Chamery, meu constituinte, há de ganhar a causa... O senhor há de saber quem eu sou...

Rossignol não pôde continuar.

Apenas Branca fêz soar a campainha, acudiram diferentes criados, e Fabien entregou-lhes o rábula, que não cessava de se estorcer e gritar.

— Levem êste homem... ordenou êle; levem-no e fustiguem-no com vontade... Matem-no a pancada, que matou sua ama!

Dois lacaios precipitaram-se sôbre Rossignol, agarraram-no, e taparam-lhe a bôca, para que não gritasse. Depois iam já a arrastá-lo dali para fora, para obedecerem ao Visconde, ao passo que os demais servos se agrupavam em tórno da Marquesa, quando de repente appareceu à porta um novo personagem.

Era um mancebo. Um mancebo de vinte e oito anos, pouco mais ou menos, alto, delgado, de cabelos louros e com a cutis um tanto crestada pelo sol dos trópicos. Trajava farda de pequeno uniforme da marinha inglêsa; e apesar da perturbação que dominava Branca e Fabien, apenas viram a farda de marinha, soltaram ambos uma exclamação de surpresa, que foi um grito simultâneamente de angústia e alegria.

Não seria aquêlê o mesmo homem, cuja morte Rossignol annunciara pouco antes, e que apparecia inopinadamente para o desmentir?

O mancebo deteve-se gravemente à porta e olhou para Rossignol.

— Então êste homem, disse êle, afirma que morreram todos os passageiros do "Mouette"?

— Sim senhor... todos... balbuciou Rossignol, apesar de quase estrangulado.

— Exceto eu, Alberto Frederico Honório de Chamery... tornou o mancebo.

No mesmo instante ressoaram na sala dois gritos de alegria, e uma exclamação de raiva e susto.

Fabien e Branca correram para o marítimo. Rossignol quis fugir.

— Chamery, meu irmão! exclamou Fabien d'Asmolles; êste homem matou sua mãe.

O marítimo correu para a casa próxima, onde Branca já o precedera.

— Minha mãe! minha mãe! murmurou êle.

A senhora de Chamery permanecia ainda desfelecida.

Sem mais demora mandaram chamar um médico, o qual appareceu immediatamente e a fez voltar a si.

Mas, como muito bem dissera Fabien, Rossignol ferira mortalmente aquela organização já muito débil e achacada.

A Marquesa recobrou os sentidos, relanceou os olhos em torno, olhos em que se notava o brilho da febre e do delírio, e não conheceu Branca, nem Fabien, nem aquêlê filho cheio de mocidade e de vida pelo qual morria. Olhou para êles, prêsa do delírio, delírio que durou muitas horas, e que afinal cedeu lugar a um torpor e insensibilidade que lhe não permitiram reconhecer o filho.

— A Sra. Marquesa, disseram os médicos, não resiste por muitas horas.

As três da manhã, faleceu a Sra. de Chamery, sem ter recobrado a razão, sem poder abençoar Fabien, nem a filha, nem o moço oficial de marinha, todos de joelhos à cabeceira, e inundados de lágrimas.

Decorridas quarenta e oito horas, voltavam dois homens do cemitério do sul, tristes e silenciosos! Voltaram de ter acompanhado a Sra. de Chamery à sua última morada, ao jazigo da sua família.

Eram o Visconde Fabien d'Asmolles, e o mancebo que chegara no momento de receber o último suspiro daquela que dizia ser sua mãe.

Desceram assim das alturas de Montparnasse até à rua de Verneuil, onde o marítimo fitou Fabien e lhe disse em tom afetuoso:

— Meu amigo... meu irmão, porque hás de fazer a ventura da nossa querida Branca...

— Se hei de!... murmurou Fabien deveras comovido.

— Pois bem... continuou o marítimo, hás de acompanhar-me... porque me resta ainda cumprir um dever.

Fabien estremeceu.

— Há um homem, prosseguiu o companheiro de Fabien, um fidalgo sem honra, o qual não contente com o ligar seu nome ao de uma mulher perdida, desposou os rancores que a dominavam, o seu ódio à nossa casa, e afinal matou nossa mãe.

— Assim foi... disse Fabien.

— Quero matar êsse homem.

— Pois seja assim! disse simplesmente Fabien.

E dirigiram-se ambos à rua de Saint-Florentin, onde residia o Barão de Chamery--Chamerroy depois do seu casamento, não querendo saber de onde provinha a luxuosa mobília da menina Andréa Brunot.

XIII

PLANO AMBICIOSO

Como facilmente se adivinha, o homem que apparecera no palácio da rua Verneuil, no momento em que Rossignol afirmava terem morrido todos os passageiros do "Mouette"; o homem que dizia ser Alberto de Chamery, e que soluçara ao fechar os olhos da Marquesa; que Fabien, no cemitério, se vira obrigado a amparar por se achar seriamente comovido; o homem, em suma, que queria matar o Barão de Chamery-Chamerroy, era Rocambole.

Nunca um impostor entrara em uma família por meio de circunstâncias mais dramáticas, mais frisantes, em melhores condições. Chegava no momento em que sua suposta mãe expirava, e dava tôdas as provas do mais profundo respeito e da mais sincera desesperação.

Quando o verdadeiro Alberto de Chamery desaparecera, ainda Branca, sua irmã, andava ao colo da ama. No palácio não havia já nenhum dos servos do tempo da sua desapareição. Finalmente, a Marquesa morrera sem recobrar as suas faculdades. Quanto a Fabien, como sabemos, viera a Paris pela primeira vez, havia unicamente treze anos.

Quem havia portanto, de duvidar da identidade de Rocambole, vendo-o munido dos papéis do verdadeiro Alberto de Chamery?

Além disso, o discípulo de sir Williams tornara-se, quanto às maneiras, um perfeito "gentleman". Aquêlê que se chamara sucessivamente Visconde de Cambolh, Marquês D. Inigo de los Montes, sir Arthur Rocambo, fidalgo indiano, adquirira por fim maneiras e hábitos verdadeiramente aristocráticos, a ponto de poder enganar qualquer fidalgo.

Foi o que aconteceu a Fabien.

Além disso, Fabien d'Asmolles inteiramente absorto pela dor que oprimia Branca de Chamery, que o fazia padecer igualmente, não duvidou um instante de que não tivesse junto de si o verdadeiro Marquês de Chamery.

Rocambole compusera um romance simplíssimo para explicar o modo milagroso como escapara ao desastre do "Mouette", e não chegara a Paris senão três meses depois do desastre.

No momento em que o "Mouette" tocara no rochedo, logo compreendera, como cumpria a um marítimo, que estava tudo perdido, e fizera-se ao mar. Mas o "Mouette" tocara no rochedo muito longe da terra; de modo que apesar de excelente nadador, tivera afinal de se agarrar a um despojo do navio, encomendando a alma a Deus, ao passo que as vagas pareciam devorá-lo. Então dizia o mancebo ter perdido os sentidos e não os haver recobrado senão ao cabo de muito tempo. Achara-se, então, a bordo de um navio desconhecido que o recolhera, sem dúvida, no momento em que ia desaparecer para sempre sob as vagas. O navio era dinamarquês e ia para a América; e quando inteiramente senhor de si, pedira para o lançarem em terra, tinha o navio dobrado já o Cabo de Finisterra, e o capitão não pudera aceder ao seu desejo. Rocambole tinha, pois, ido à América, de onde voltava.

Isto, como se vê, era tão inverossímil, que ninguém podia fazer a mínima observação, acabando de completar a ilusão a dor que manifestou pela morte da Marquesa.

O suposto Marquês de Chamery, a quem afinal daremos muitas vezes êste nome, apresentou-se, pois, com Fabien, na rua Saint-Florentin, em casa do Barão de Chamery-Chamerry.

Os novos esposos tinham começado a sua existência conjugal pela lua de fel. Havia dois dias que a menina Andréa Brunot se arrependera amargamente de ter desposado o Barão de Chamery, um devasso crivado de dívidas, sem sombra de honra, e no qual se não podia fundar a mínima esperança desde que era ponto averiguado, como Rossignol, ainda molesto e contuso, lhe fôra dizer, existir ainda o Marquês de Chamery.

Os criados de Andréa não conheciam Fabien, e muito menos Rocambole. Conduziram-no para a sala e disseram-lhe que o Sr. Barão e a Sra. Baronesa estavam em casa.

O Sr. Barão de Chamerroy, que se achava no quarto de sua esposa, apareceu imediatamente, e logo reconheceu Fabien, com quem se encontrara outrora e que sabia ser noivo de Branca de Chamery.

O Barão adivinhou logo o que Fabien queria, mas Fabien cumprimentou-o silenciosamente e pareceu querer deixar o uso da palavra ao seu futuro cunhado.

Rocambole deu um passo para o Barão.

— Eu sou o Marquês Alberto de Chamery, disse Rocambole.

O Barão inclinou-se e permaneceu silencioso.

Rocambole mediu-o em seguida, com a altivez de um verdadeiro fidalgo e perguntou-lhe:

— Não adivinha acaso o fim da minha visita?

Rocambole continuou com voz grave e triste, e em que não faltava unção nem nobreza.

— Há quarenta e oito horas que voltei à casa paterna de onde fugira havia dezoito anos e achei minha mãe ferida mortalmente por um miserável que se dizia enviado por não sei que mulher perdida, uma ladra chamada...

— Senhor! exclamou o Barão.

— Ouça! disse imperiosamente Rocambole. Eu disse — “mulher perdida e ladra”, a qual, por efeito de uma vergonhosa especulação baseada nas probabilidades da minha morte, casara havia pouco com um de certos homens degenerados...

— Basta... disse o Barão, corando extraordinariamente; compreendo a sua intenção, estou às suas ordens.

— Conto com isso.

— Amanhã, onde quiser.

— Amanhã, não, retorquiu o suposto Marquês de Chamery; há de ser imediatamente.

— Como quiser... que arma escolhe?

— Para mim é indiferente... A espada, se quiser.

Fabien dirigiu-se para a porta, Rocambole seguiu-o, e o Sr. de Chamerroy ia para sair com eles, quando apareceu no limiar da porta a nova Baronesa. Apenas viu Fabien, logo percebeu, como seu marido, o que ia suceder. O Visconde

d'Asmolles envolveu-a com um olhar repleto de desprêzo, dizendo-lhe em voz alta:

— Deixe passar, minha senhora; daqui a uma hora talvez esteja viúva, e poderá casar com Rolland Clayet.

E passou altivo e arrogante por diante daquela mulher, a quem o seu seu desdém supremo curvou até o chão.

— Meus senhores, disse o Barão de Chamerroy ao chegar ao pátio, eu não tenho testemunhas.

— Saíamos, retorquiu Rocambole, que não daremos de certo vinte passos sem encontrarmos uma testemunha.

— Como queira... disse o Barão.

Rocambole tivera razão.

Ao passo que Fabien e êle se meteram no trem de praça que ali os levara, e correram à casa de Devismes a buscar espadas, desceu o Barão de Chamerroy, a pé, a rua Royale, e encontrou, antes de chegar à Madalena, um mancebo seu conhecido, que se dirigia a cavalo para o Bosque.

O Barão aproximou-se-lhe e disse-lhe que fôra cruelmente insultado e que o seu adversário desejava bater-se imediatamente.

— Muito bem! respondeu o cavalheiro interpelado, estou à sua disposição.

— O encontro, disse o Barão, deve verificar-se daqui a uma hora, no prado Catalão. O meu adversário é quem leva as espadas.

— Vamos, disse o cavalheiro, apeando-se, entregando o cavalo ao seu criado, e metendo-se com o Sr. de Chamerroy em um fiacre que ia passando devoluto.

Em menos de uma hora chegaram ao ponto indicado, onde se achavam já Fabien e Rocambole, os quais tinham levado consigo duas espadas e um par de pistolas. Fabien previra o caso do seu amigo ser pôsto fora do combate por uma ferida ligeira, e por isso disse ao Barão, mostrando-lhe as pistolas:

— Bem vê que estou resolvido, sendo preciso, a succeder ao Marquês de Chamery.

— Nesse caso, retorquiu insolentemente o Barão, defenderá o dote de sua espôsa.

— Os haveres da menina de Chamery, replicou o Visconde sem se alterar, têm mais altas proteções. Protege-os

a justiça de um país onde nunca foi permitido a um homem crivado de dívidas, e de reputação péssima, espoliar uma família honesta.

E Fabien, que proferira estas palavras em voz baixa, voltou rapidamente as costas ao Sr. de Chamerroy. Em seguida dirigiu-se ao mancebo que acompanhara este último, e desempenhou as suas funções de padrinho.

As condições de um duelo ajustam-se rapidamente no local em que elle se deve efetuar. Os dois adversários despiam sem demora as casacas, e puseram-se em guarda.

— Palavra de honra! pensou Rocambole, rememorando os numerosos duelos que tivera, nunca me bati por causa tão nobre. Se sir Williams me visse desembainhar a espada para vingar a minha nobre mãe Marquesa de Chamery!

O suposto Marquês, lembrando-se da sua maravilhosa destreza e do famoso golpe “dos mil francos”, ensinado em segredo por um porteiro da rua Rochechouart, atacou o adversário com o sangue frio e a ciência prudente que fazem o esgrimista consumado.

O Sr. de Chamerroy não era adversário para desprezar. Pertencia à velha escola francesa: atirava com o corpo direito, a perna esticada, e em silêncio; não avançava nem recuava nunca. Infelizmente naquela ocasião achava-se sob o domínio da máxima inferioridade moral, junta a extraordinária irritação. O homem que elle tinha por adversário custava-lhe setenta e cinco mil libras de renda; e além disso tratara-o como ao último dos miseráveis. Por fim, era um homem que ia ali defender sua mãe. Era muito mais do que necessário para lançar extraordinária perturbação na alma e no jôgo do Barão de Chamerroy.

Rocambole, pelo contrário, bandido audaz, sem fé nem lei, homem que depois de se achar na pele do verdadeiro Marquês de Chamery estava resolvido a representar conscientemente o seu papel, achava-se perfeitamente tranqüillo e como convém a um esgrimista de profissão e que sabe qual é o valor da partida que encetou.

— Quem se atreverá a duvidar de que eu seja o Marquês de Chamery, dissera elle para consigo, logo que eu tenha morto o homem que matou a minha suposta mãe?

Bastou êste pensamento para assegurar grande superioridade moral ao discípulo de sir Williams. O combate foi encarniçado, mas curto. O Sr. de Chamerroy defendeu-se com tôda a energia de um homem que se sente condenado; chegou até a ferir o adversário por duas vêzes; mas afinal, êste último, todo ensangüentado em um ombro e no baixo-ventre, empregou o famoso golpe dos "mil francos", e estendeu ao comprido o Barão de Chamery-Chamerroy.

— Creio que tem a sua conta, pensou Rocambole.

As feridas do suposto marquês eram insignificantes. Contudo foi obrigado a dar o braço a Fabien para se meter na carruagem, ao passo que os guardas do Bosque, que tinham acudido, ajudavam o padrinho do Sr. de Chamerroy a transportá-lo para a rua. O Barão respirava ainda, mas o seu estado era em extremo assustador.

.....

Dali a dois dias lia-se em uma fôlha de Paris a seguinte notícia:

"Anteontem, às quatro horas, houve no Bosque de Bolonha um duelo, cuja origem misteriosa e dramáticas conseqüências preocupam no mais alto grau a curiosidade universal. Os dois adversários pertenciam à sociedade aristocrática do arrabalde Saint-Germain.

"O Marquês de C... e o Barão de C... C..., seu parente afastado, bateram-se a espada; o Marquês de C... foi ferido no ombro e no baixo-ventre, mas sem gravidade real.

"O Barão de C... C... recebeu, pelo contrário, uma estocada, que deixa poucas esperanças de o salvar. O Barão era casado havia apenas três dias. Parece mesmo que foi o seu casamento uma das causas do funesto duelo. O Sr. de C... C... desposara uma mulher das que se não podem apresentar, e que se tornam em extremo perigosas por efeito da assombrosa beleza e da perversidade do espírito".

Em seguida entregava-se o noticiarista a extensa dissertação de moral, contava vagamente a história do testamento e conclufia assim:

“O Marquês de C... é aquêlê que desaparecera de Paris há dezoito anos, sendo ainda criança, e que a sua família procurou depois inútilmente.

“O moço de C... que voltara a Paris, para receber, infelizmente, o último suspiro da Marquesa sua mãe, contou do modo seguinte, segundo nos afirmam, a sua desapareição:

“Fugira da casa paterna para se subtrair a uma correção que o seu preceptor lhe queria infligir, e dentro em pouco, perdido em Paris, fôra dar ao cais e seguira pela margem do Sena, até o ponto em que se achavam os barcos de vapor, que faziam naquele tempo carreira entre Paris e o Havre.

“A criança, tendo seguido a multidão, que se dirigia apressadamente para um vapor prestes a partir, sem saber o que faria nem aonde ia, achou-se transportada para o Havre. No caminho perguntaram-lhe o seu nome, que elle se recusou a dizer, por altivez. O comandante do vapor, resolveu-se então a entregá-lo a um comissário de policia: mas o pequenito conseguindo ainda fugir, divagou parte da noite pelo pôrto, onde foi encontrado por uns marinheiros inglêses, que se apoderaram dêlê e o embarcaram na qualidade de moço. O filho pródigo seguiu o seu destino, e regressou há três dias a Paris, official da marinha inglêsa e possuidor de excellentes documentos de bom serviço. Infelizmente achou sua mãe moribunda.

“A Marquesa de C... sucumbiu ao susto que lhe tinham causado as ameaças do Barão de C... C... e de sua espôsa, a quem a morte provável do Marquês de C... dava esperanças cuja legalidade devia ser decidida pelos tribunais.”

Tal era a extensa narração, que a citada fôlha deu como ponto à curiosidade pública.

O suposto Marquês de Chamery, a quem os ferimentos constrangeram a estar de cama por alguns dias, tornou-se e herói do momento. As visitas corriam em turba ao palácio de Chamery.

A primeira vez que o Visconde d'Asmolles saiu dando o braço ao seu futuro cunhado, fraco ainda, mas convalescente, receberam os dois uma ovação.

Eis aqui, pois, as circunstâncias dramáticas e comoventes, no meio das quais o audaz discípulo de sir Williams, o impos-

tor Rocambole efetuou a sua entrada em Paris, sob o nome do desventurado Marquês de Chamery, e munido dos papéis que lhe pertenciam.

Ao cabo de três meses encontrava sir Williams na barraca dos saltimbancos no bulevar do Templo, sob os ouropéis do selvagem O'Penny.

Que ocorrera, porém, no decurso daqueles três meses, para o novo Marquês de Chamery?

Que sonho ambicioso tinha aquêlê homem que chegara já a inventar uma família, um nome, e setenta mil libras de renda, para precisar novamente da inteligência perversa de sir Williams?

E' o que em breve vamos saber da sua própria bôca, na rua de Suresnes, na pequena sobreloja, para onde conduzira sir Williams, e aonde chamara o médico crioulo que curara tôdas as doenças adquiridas nos trópicos.

O filho adotivo da viúva Pipart não se contentava com a riqueza, com o título de Marquês, com o ver-se rodeado por uma família patrícia; queria mais ainda!

XIV

O DOUTOR MULATO

Rocambole mandou entrar o médico de côr para o quarto de dormir.

O'Penny permanecia sentado à mesa comendo com voracidade perfeitamente selvática.

Como sucedera ao público no bulevar do Templo, e ao próprio Rocambole, o doutor recuou involuntariamente mal encarou o selvagem, tão hediondo era. O'Penny, porém, mostrou não ter notado a aparição de um novo personagem, e continuou a comer.

— Eis o infeliz, doutor, disse o suposto Marquês de Chamery.

Passado o primeiro momento de repulsa, aproximou-se o mulato de O'Penny, pegou em um castiçal e examinou-lhe o rosto de perto.

O'Pnenny nem pestanejou.

— Então? perguntou Rocambole, porque o médico examinava silenciosamente o chefe australiano.

— Parece-me, disse afinal o doutor, que vejo neste homem uma coisa extraordinária.

— Que é?

— E' que êste desgraçado foi vítima de tôdas as marcações e mutilações por duas vezes.

— Parece-lhe? perguntou ingênuamente o moço Marquês de Chamery.

— Primeiro, continuou o médico, suportou no rosto grandes queimaduras; queimaduras tais que não podem ter sido causadas senão pela detonação de uma arma de fogo, carregada de pólvora sêca.

— E' extraordinário... Então os selvagens usam arma de fogo?

Rocambole fêz esta pergunta com verdadeira ingenuidade de adolescente.

— Alguns... respondeu o mulato.

— Assim, pois, foi queimado...

— Primeiro; mas depois, e passado muito tempo, ao cabo de pelo menos seis meses, foi marcado.

— Acho isso mais extraordinário ainda.

— Com efeito, porque os selvagens principiam por marcar os prisioneiros. De sorte que não posso explicar isto senão de um modo.

— Ah!

— Em primeiro lugar, é fora de dúvida, que êste homem foi mutilado...

— E' mudo... observou Rocambole.

— Êste homem assim mutilado e queimado deve ter sido vítima de alguma cruel vingança...

— Realmente?

— E' provável que tenha sido depois abandonado em alguma plaga da Austrália, apoderando-se então dêle os selvagens.

Esta perspicácia do doutor mulato não deixou de inquietar o nosso amigo Rocambole.

— Que demônio! pensou êle; êste médico parece ter o dom de adivinhar... E' preciso cuidado...

E prosseguiu em voz alta:

— O que o doutor disse trouxe-me à memória um fato ao qual não ligara em princípio a mínima importância.

— Com efeito?... disse o doutor; e ato contínuo tornou a aproximar a luz ao rosto do O'Penny.

— Este homem, que foi primeiro marinheiro, atraíra a antipatia de tôda a guarnição por efeito da sua muita severidade para os grumetes e pajens.

Rocambole interrompeu-se e fitou o homem sarapintado.

O'Penny continuava a comer e parecia alheio ao que diziam.

Rocambole, porém, conhecia profundamente o caráter de sir Williams, para se deixar iludir por aquela aparente insensibilidade, que lhe pareceu de bom agouro naquela inteligência, que êle temia tivesse padecido demasiadamente.

— Principalmente os marinheiros indígenas que nós tinhamos a bordo, prosseguiu êle, detestavam-no e tinham-lhe votado o ódio dos que se encontravam nos mares indianos, e que não cedem a coisa alguma dêste mundo. Este homem chama-se Walter Bright. Conhecia ser alvo daquele ódio; mas como bom marinheiro inglês, crente que a disciplina e o respeito devido aos superiores constituem a melhor égide, não deu importância aos odientos.

— E julga, observou o mulato, que estas queimaduras...

— Ouça, doutor... Walter Brighth tinha completado o tempo de serviço e podia deixar o serviço da companhia quando muito bem quisesse. Um dia procurou-me, no meu camarote, a bordo de uma escuna que eu comandava e onde êle era mestre de marinheiro, a fim de me pedir a sua baixa. Ofereciam-lhe o comando de um junco chinês e avultada paga para conduzir emigrados à Califórnia. As minas da Califórnia tinham-se descoberto havia pouco tempo; e as raças asiáticas principiavam a emigrar para lá. Obtive a baixa de Walter Bright e êle partiu; mas na véspera do dia em que o junco saiu desertaram muitos dos nossos marinheiros indianos; e soube-se em seguida que haviam sido seduzidos pelo armador chinês.

— Bem... disse o médico, que ouvira com grande atenção o romance improvisado pelo suposto Marquês; agora já adivinho o resto. No mar revoltou-se a tripulação, e Walter

Bright foi desfigurado, mutilado e lançado em alguma ilha deserta.

— E' o que eu presumo.

Neste momento O'Penny, até ali impassível, voltou-se e olhou curiosamente com o resto de olho para o doutor e para Rocambole.

— Ora, espere... disse êste último; vou falar-lhe em inglês, porque não entende uma palavra em francês.

E perguntou em inglês a Walter Bright, se fôra mutilado por uma tripulação revoltada.

O suposto selvagem pareceu ouvi-lo com grande atenção e como se não o entendera logo em principio, ou como se a voz do marquês lhe despertasse recordações já meio apagadas.

De repente, porém, moveu a cabeça com visível vivacidade, fazendo um sinal afirmativo.

— Ora, aí está! disse o doutor, maravilhado pela sua própria perspicácia.

— Bem... prosseguiu Rocambole, uma vez que já temos o caso um tanto esclarecido, voltemos à nossa consulta.

— Peço perdão, observou o doutor; mas outra pergunta ainda.

— Queira dizer.

— Onde foi que achou êste homem?

— Achei-o por acaso, esta noite, em uma barraca de saltimbancos.

— Reconheceu-o?

— Imediatamente.

— Contudo, não deve agora assemelhar-se muito com o que foi outrora.

— E' verdade... mas aquela cicatriz que êle tem no lado direito do peito?

— Aquilo foi uma estocada, disse o doutor.

— Pois foi onde eu o reconheci; e agora vejo-me obrigado a contar-lhe outra história, acrescentou Rocambole.

— E desejo ouvi-la, retorquiu o doutor.

— Walter Bright, disse Rocambole, salvou-me a vida: foi a defender-me que êle recebeu aquela estocada, sendo eu ainda simples "midshipman". Uma noite tive uma desavença com uma camarada meu em uma casa de Calcutá, mal afa-mada, e que era freqüentada por marítimos. O meu rival

estava embriagado e eu apenas alegre. Eu, segundo o uso inglês, preparei-me para o sôco; mas êle desembainhou a espada e correu sôbre mim. No momento porém em que ia alcançar-me, lançou-se entre nós um homem o qual no mesmo instante caiu por terra ferido com a estocada que me era dirigida. Era Walter Bright.

— Percebo, disse o doutor.

— O pobre diabo, que estêve por muito tempo em grave perigo, prosseguiu Rocambole, tinha portanto adquirido direito eterno ao meu reconhecimento. Como vê, a Providência permitiu-me usar dêle. Esta noite, os ouropéis que o cobriam e a sua feiura medonha atraíram-me a atenção. Em seguida fêz-me estremecer a descoberta da cicatriz, assaltando-me logo a idéia de me aproximar dêle e de perguntar se não se chamava Walter Bright. Vendo-o então manifestar viva comoção, não duvidei nem mais um instante. Ato contínuo, dei meia dúzia de luíses aos saltimbancos, tornei-me proprietário dêle e conduzi-o para aqui, lembrando-me do doutor e da sua maravilhosa habilidade.

O doutor fêz um gesto de agradecimento.

— E pensei que o doutor poderia talvez, senão curá-lo, pelo menos diminuir-lhe a feiura. Bem sabe, doutor, concluiu o suposto Marquês, que a minha posição me permite assegurar o futuro a êste infeliz; e se conseguíssemos fazer-lhe desaparecer estas horrendas marcas...

O doutor tornou a pegar no castiçal.

Depois fêz levantar O'Penny e examinou-lhe novamente a hedionda fisionomia.

— São, com efeito, as marcas da Austrália.

— E poder-se-ão apagar?

— Parece-me que sim.

— E as queimaduras?

— Isso tem mais que se lhe diga... Não devemos pensar em tal.

— Mas... os olhos?

— Um está inteiramente extinto e o outro muito doente. Amanhã, às dez horas da manhã hei de voltar. Necessito examiná-lo à luz do dia para sentenciar em última instância.

— Pois seja assim... Até amanhã.

E depois de acompanhar o médico, voltou para junto de O'Penny.

— Meu velho, disse-lhe então batendo-lhe no ombro, vai-se intentar restaurar-te um tanto o focinho. Não ficarás de certo um rapaz bonito, capaz de agradar à tua cunhada Condessa de Kergaz; mas enfim há de fazer-se o que poder.

Nisto appareceu um sorriso horrendo no rosto de sir Williams, a quem já podemos dar este nome.

— Pronunciei um nome, disse Rocambole, que ainda te impressiona como dantes. Bem... Veremos o que se pode fazer em teu favor. Agora, continuou elle, bem percebes que o Marquês de Chamery não pode ficar razoavelmente uma noite inteira fora do seu palácio; tenho um irmão, um cunhado, e uma posição na sociedade... E' necessário manter os bons costumes.

Rocambole tocou a campainha, e logo appareceu o criado de quarto.

— Despe este homem, coisa que não levará muito tempo, disse o falso Marquês sorrindo e indicando ao criado as penas e as calçotas vermelhas que compunham o vestuário de O'Penny: deita-o depois em minha cama e trata-o o melhor possível até eu voltar.

— Sim, Sr. Conde, disse o criado de quarto, inclinando-se com todo o respeito de um criado largamente pago.

— Procura neste guarda-roupa que aqui tenho, prosseguiu o mancebo, roupa que lhe sirva, e amanhã de manhã veste-o convenientemente para receber a visita do médico.

Depois de fazer estas recomendações pegou Rocambole no paletó e saiu.

Ao meter-se no cupê ordenou ao cocheiro que rodasse para o palácio.

O cupê partiu com a rapidez do raio, de modo que dentro em pouco chegou à rua de Verneuil.

O portão do palácio de Chamery abriu-se de par em par; o suíço saiu immediatamente do seu cubículo e correu a desdobrar o estribo do cupê. Rocambole apeou-se indolentemente, como quem não sai nunca a pé.

O suíço entregou a seu amo uma carta. Rocambole abriu-a e leu:

“O Duque e a Duquesa de Sallandrera pedem ao Sr. Marquês Alberto de Chamery lhes faça a honra de jantar em sua casa, sexta-feira... do corrente.”

— Olá! murmurou Rocambole; parece que me não corre por lá mal o negócio... Pois iremos!

.....

No dia seguinte, quando o Marquês de Chamery se dirigiu à rua de Suresnes, onde deixara sir Williams, achou o selvagem apócrifo envolto em um chambre, de boné de veludo, e já nas mãos do doutor mulato, o qual continuava a examiná-lo com minuciosa atenção.

— Agora, disse por fim a Rocambole, tenho quase certeza de fazer desaparecer as marcas.

Em seguida levou Rocambole para a casa contígua e disse-lhe em voz baixa:

— Eu obrigo-me a dar a êste homem um rosto feiíssimo, mas não hediondo, e cujas costuras poderão ser atribuídas a qualquer acidente, como a explosão de uma caldeira de vapor, por exemplo; o que receio é que o tratamento que tenho de lhe aplicar o deixe inteiramente cego.

— Diabo!... murmurou o mancebo.

E deixando o doutor, voltou ao quarto onde estava sir Williams, e disse a êste em inglês, aproximando-lhe um tinteiro, pena e papel:

— Ainda sabes escrever?

Sir Williams pegou na pena, e escreveu, em letra tremida, mas legível, estas palavras:

“Lembro-me de tudo e tenho sêde de me vingar.”

— Bom... disse Rocambole. Como será agora o teu único modo de conversar comigo, e como pode suceder que nos achemos, por vêzes, às escuras, experimenta se podes escrever fechando o teu único olho.

Sir Williams pegou novamente na pena.

“Ainda que esteja totalmente cego (escreveu êle), conhecerá os meus inimigos pelo simples contato.”

— Ótimamente.

E Rocambole foi novamente ter com o doutor.

— Pode tratar do homem, disse-lhe êle; passa perfeitamente sem o ôlho.

.....

Um mês após a cena que contamos, achavam-se Rocambole e sir Williams na casa da rua de Suresnes.

E' fora de dúvida que a bonita cigana do bulevar do Templo, Franfreluche, seu espôso e o "seu" Bobino, seu patrão não teriam então reconhecido o seu ex-colaborador. O'Penny, ou antes sir Williams, estava metamorfoseado. Em primeiro lugar, em vez do traje composto de umas calçotas vermelhas e das penas de galo e de papagaio, estava com um belo casaco côr de castanha, bem forrado e ornado em uma das casas com uma fita esverdeada, que passava por uma condecoração estrangeira; calças de casimira, chinelas de marroquim verde e um boné de veludo com borla de ouro completavam-lhe o vestuário caseiro.

O doutor mulato cumprira a sua palavra. Fizera desaparecer inteiramente as marcas do pseudo selvagem; mas o único ôlho de sir Williams pagara o aperfeiçoamento. A perda, porém, daquele ôlho que lhe dava à fisionomia um aspecto feroz, não contribuíra pouco para lhe dar uma fisionomia mais humana.

Assim vestido, tinha sir Williams o aspecto de uma pobre vítima do gênio industrial moderno. As cicatrizes de quemaduras que lhe sulcavam o rosto, faziam-no parecer um maquinista desfigurado pela explosão de uma caldeira, um artilheiro vítima do seu officio, ou um mineiro infeliz.

Naquela manhã, seriam dez horas, estava ao lado dêle o seu antigo discípulo Rocambole.

Sir Williams estava agasalhadamente repoltreado em uma excelente poltrona, colocada próximo do fogão.

Rocambole estava de chambre, estendido ao comprido em um divã, e com os olhos fitos no seu professor de patifaria.

— E' realmente uma pena, meu tio, que o asno do médico que te tratou te desse cabo do resto de vista que ainda tinhas. Se tu pudesses ver, não te acharias demasiadamente mal. Tens agora um aspecto respeitável; eu arranjei-te na socie-

dade uma bonita história, cheia de heroísmo, que fará com que todos vejam em ti um mártir da glória.

Esta frase fêz aparecer no rosto do cego um sorriso amargo e escarninho, dos que só sir Williams sabia outrora o segredo, e que demonstrava ter sobrevivido a tantos naufrágios físicos e morais a inteligência perversa daquele homem.

— Porque agora que tu estás apresentável, prosseguiu Rocambole, vou introduzir-te na sociedade, que há quinze dias não fala senão em ti. Afirmo-te que te tornas o herói da semana. Tenho falado de ti como de um Júlio Gérard, com um tanto de Jean Bart e de Dugay-Troin. Mataste centos de tigres; os cipaios cortaram-te a língua e tu fizeste-te estropiar pela peça que guarnecias para te não entregares aos piratas. A Companhia das Índias condecorou-te. Para minha irmã, a formosa e casta Branca de Chamery, e para Fabien, és o homem a quem devo a vida. Vais por conseguinte ter uma existenciazinha no meu palácio, com a condição de que me hás de dar conselho...

O cego fêz um sinal afirmativo.

— Eu não sei se tu pensas como eu, prosseguiu Rocambole; mas parece-me que no teu lugar, diria para comigo: “Eu fui o interessante sir Williams, o sedutor Visconde Andréa; vi as mulheres as meus pés, fui temido, lisonjeado, amado. Venci. Um dia, uma mulher cortou-me a língua, desfigurou-me e tornou-me um objeto de horror e compaixão. Ora, um homem fraco, um néscio lembrar-se-ia do que fôra, e desejaria a morte. Eu quero viver! E quero viver principalmente para me vingar”. E eu, acrescento Rocambole, interrompendo-se, e eu que não sou de todo infeliz, vingar-te-ei. “Além disso, prosseguiu êle, quero viver, porque tenho junto de mim um homem que é o que eu fui, quer dizer, que é moço, interessante, arrojado, cético, sem preconceitos nem crenças, um homem no qual, para assim dizer, me encarnei, afligindo-me com os seus sucessos, possuindo pelo pensamento e pelo dom de assimilação tudo que êle possa obter por meio dos meus conselhos: dinheiro, amôres, honras e triunfos ambiciosos.”

— Sim... sim... é isso! exprimiu o rosto de sir Williams com uma pantomima das mais vivas, acompanhada de um sorriso cruel, única coisa que o fazia assemelhar ao sir Williams de outrora.

Rocambole prosseguiu:

— Bem vês que te adivinhei. Por isso, no dia em que te encontrei sob os ouropéis de O'Penny, esperando que nem tudo se houvesse extinto em ti, não hesitei em te tirar da posição miserável em que, se não fôra eu terias morrido mais cedo ou mais tarde.

Nos lábios do cego apareceu novo sorriso. Foi um sorriso magnifico, que podia expressar igualmente um pensamento de reconhecimento ou uma ironia sobremodo mordaz.

— Nota, contudo, meu excelente tio, disse Rocambole, atribuindo ao tal sorriso a última das significações, nota que se Rocambole não fez mais que um dever, arrancando à miséria o seu querido mestre sir Williams, o Marquês de Chamery, possuidor de setenta e cinco mil francos de renda, admiravelmente colocado na sociedade e apto a efetuar mais dias menos dias, um excelente casamento, jogou um jôgo fortíssimo fazendo-se reconhecer pelo seu amigo de outrora. A desgraça azeda os espíritos. Um imbecil, no meu lugar, não teria deixado de dizer para consigo: "Sir Williams atraíçoa-me, ainda que não seja senão para se consolar de ter experimentado infortúnios." Eu, pelo contrário, pensei: Sir Williams não tem a seu favor a mínima vantagem, mas era um gênio de primeira ordem, tinha uma cabeça como raro se encontra outra. Eu tenho já o pé no estribo, mas se sir Williams se achasse por detrás de mim, se êle me aconselhasse, creio que poderia obter quanto desejasse, ser embaixador, ministro e creio que até rei."

Estas últimas palavras fizeram estremecer sir Williams, que se agitou na poltrona, com ar de satisfação.

— Já vês, pois, meu velho, que não hesitei em querer-te para oráculo. Hei de contar-te a minha vida e tu hás de aconselhar-me; mas, primeiro que tudo, deixa-me participar-te uma excelente idéia, que tem sido até aqui a base do meu procedimento.

O rosto de sir Williams contraiu-se de modo que pareceu querer dizer:

— Vamos a ouvir.

— Segundo creio, disse Rocambole muito modestamente, é uma idéia nova. Ouve-me com atenção.

E estendeu-se no divã.

— Até agora, disse êle, supponho que não temos chegado ambos aos nossos fins, por obedecermos a um provérbio muito tôlo, segundo o qual “precisa-se de uma lebre para fazer um guisado de lebre”.

O cego riu-se.

— Isto é falso, por qualquer modo que se encare, prosseguiu Rocambole; e para o provarem bastam as casas de pasto de terceira ordem, que servem aos fregueses gato por lebre. O Sr. de Sartines, intendente de polícia, foi o primeiro que se lembrou de ter agentes secretos entre os ladrões. Tinha razão. Aplicava o mal ao serviço do bem. Nós temos feito o contrário: temo-nos servido de um montão de tratantes para chegarmos aos nossos fins, e é isso o que nos tem deitado a perder, e neutralizado tôdas as canseiras.

“Ora, a tal minha idéia formula-se dêste modo: — O melhor meio de praticarmos o mal com a máxima segurança, consiste em sermos auxiliados por gente de bem”... Que dizes a isto hem?

— Magnífico... magnífico! respondeu o cego com dupplicado movimento de cabeça.

— Por conseguinte, há quatro meses que eu residio na pele de um Marquês, e achando-me muito bem acomodado, não me tenho rodeado senão da mais sã virtude. Minha irmã é um anjo, meu cunhado um fidalgo de outros tempos, e tenho já angariado para amigos os melhores caracteres dêste mundo; de modo que depois de te pôr a par de todos os meus atos e pensamentos, havemos de ver o modo de pôr em ação tôda esta gente, para nosso interêsse, bem entendido, formando assim um lindíssimo jôgo de xadrez em proveito da nossa ambição.

Entretanto continuava a fisionomia de sir Williams a exprimir a mais viva satisfação. Se tivesse língua e olhos, cumprimentaria decerto o discípulo pelos progressos que tinha feito em filosofia prática.

— Agora, continuou Rocambole, vou contar-te o que tenho feito em Paris desde que aqui cheguei, como no quinto ato de um melodrama, para pôr o procurador Rossignol no meio da rua, e chorar sinceramente a perda de minha mãe.

Sir Williams recostou-se na poltrona, como costumava outrora, e assumiu o aspecto atento de quem está para ouvir coisas interessantes.

XV

PEPITA DE SALLANDRERA

— Palavra de honra! exclamou Rocambole, a modo de exórdio; compreendo perfeitamente a existência de pessoas que prezam a virtude, porque a virtude tem um lado belíssimo...

E ao proferir esta frase de revés para sir Williams, e viu-o encolher ligeiramente os ombros! — Bom! pensou Rocambole; não está mudado, continua a ter recursos como dantes... E prosseguiu em voz alta: E' um fato! A virtude de que se usa razoável e moderadamente tem mérito. Assim, vejo em minha irmã um anjo, uma pérola, meu tio; e o marido, idem! Voltemos, porém, à minha *Iliada*. Chorei tão conscienciosamente minha mãe de empréstimo, que adquiri imediatamente a afeição e estima de minha irmã e do seu futuro. Isto porém não bastava. Tinha a estima da minha família, mas precisava também a da sociedade. Ao voltar do cemitério fui provocar o Barão de Chamery-Chamerroy; dei-me tocar por duas vezes, em um ombro e no baixo-ventre, mas depois estendi o adversário ao comprido, por meio daquele famoso golpe dos "mil francos" que tão mal sucedido foi com teu irmão. O Barão contudo, não morreu; ouço dizer que já tem saído; mas como se chegou a perder a esperança de que escapasse, o efeito foi o mesmo...

"Tornei-me, por conseguinte, o herói da época. O falecimento da Marquesa de Chamery demorava, como era natural, o casamento da sua filha; mas ao mesmo tempo o isolamento de Branca e a minha pouca idade não me permitiram esperar que findasse o luto. Pedi dispensas à Igreja, e foram-me concedidas, em vista da urgência do caso. O casamento celebrou-se sem pompa, três meses depois do falecimento da Marquesa, isto é, há seis semanas.

“Tanto os noivos como eu estávamos de luto pesado, o que foi sobremodo conveniente. Fabien e sua esposa combinaram comigo residirem em minha casa até o fim do luto. Só então é que Fabien irá tomar posse do palácio que comprou na rua de Babilônia, e que em outro tempo pertenceu a uma mulher muito da moda, de quem tu te deves lembrar, a Baronesa Saint-Luce. No dia do casamento não houve no palácio de Chamery nem jantar, nem recepção solene. No dia seguinte partimos todos para a nossa propriedade, ainda por dividir, da “Orangerie”, onde passamos quinze dias. Tinha chegado de lá havia exatamente oito dias quando te encontrei. Há, portanto, um mês que minha irmã está casada, que eu vivo mal como rapaz solteiro, e que frequento a sociedade. Resulta daqui que já entramos como em nossa casa, no palácio do Duque de Sallandrera, espanhol, que possui milhões em Cuba e uma filha por quem qualquer imbecil se apaixonaria. Eu, porém, o que quero é casar com ela.

Sir Williams fez um movimento pelo qual Rocambole conheceu que o seu mestre o achava ambicioso.

Rocambole fingiu não o perceber, e continuou:

— O Duque de Sallandrera é um homem de cinqüenta anos, que cheira a fidalguia a uma légua de distância. Além da colossal riqueza, possui também grande capacidade política; e é senador no seu país. Como tem só uma filha, e como o seu nome se extingue com êle, tem a intenção de obter da rainha, ao casar D. Pepita Dolores da Conceição, autorização de transmitir ao genro o seu nome, a sua grandeza e o seu título de duque... Que dizes, meu querido tio, não estás já a ver-me, dentro de pouco tempo, Duque de Sallandrera, grande de Espanha, e ministro plenipotenciário em qualquer parte?

Sir Williams deixou escapar um gesto de aprovação.

Rocambole prosseguiu:

— D. Pepita recebe-me muito favoravelmente; suponho mesmo que me ama... A Duquesa, sua mãe, acha-me muito interessante, por efeito de motivos que oportunamente te explicarei. O Duque é que eu não tenho conquistado, pelo menos, em sentido atinente ao casamento; o que pode suceder é que eu descubra uma pista, que reúna um feixe de

recordações pouco agradáveis ao Duque, um como que ressaibo da sua mocidade, rapaziadas... Creio que percebes?

Sir Williams fez um sinal afirmativo.

— Tenho duas grandes emprêsas entre mãos, uma das quais poderia conduzir-me ao desfêcho da outra. O meu querido cunhado, está amcaçado, sem que o saiba, de apanhar uma herança de duzentas ou trezentas mil libras de renda! E a êsse respeito tenho eu certos projetos: mais para adiante falaremos dêles... Por agora falemos de ti, ou antes dos teus inimigos, que até certo ponto o são também meus. Como devias supor, há três meses que ando a coligir informações...

Sir Williams agitou-se convulsivamente na poltrona.

— Como também deves supor, tive a curiosidade de saber, em primeiro lugar, o que fôra feito do Conde de Kergaz, teu querido irmão. Rocambole, que não despregava os olhos do rosto de sir Williams, viu-lhe nas feições que a vista não iluminava aparecer uma expressão de ódio feroz, seguida do cruel sorriso que revelava o mais íntimo da sua alma.

— Armando continua a gozar de uma felicidade deveras insolente; é filantropo como dantes e profundamente querido da espôsa e do filho. A nossa querida Baccarat tornou-se Condêssa Artoff; mas esta união é quase um mistério.

O nome da Baccarat causou em sir Williams uma impressão em que se juntavam o ódio e o susto.

— Vê-se que ainda te lembras do "Fowler", disse Rocambole; e antes de te dizer mais a respeito dela, vou dar-te um conselho.

O cego permaneceu imóvel; mas no rosto pintava-se-lhe claramente a mais viva curiosidade.

— O ódio a teu irmão foi por duas vêzes seguidas a causa da tua perdição. No teu lugar deixaria tranqüilo o Sr. de Kergaz, e não pensaria mais senão na Baccarat... A esta podemos nós fazer uma guerrazinha muito interessante, porque me incomoda nos seus projetos relativos a D. Pepita de Sallandrera, como me incomodou outrora, quando eu era Visconde de Cambolh. Mas o mais extravagante disto tudo é que não lhe passa pela cabeça que a sua presença em Paris é sobremodo nociva ao Marquês de Chamery.

Como podia a Baccarat, sem o saber, estorvar os projetos de Rocambole? Como se achava ela em Paris? Que existência era a sua?

E' o que em breve contaremos.

.....

Na noite daquele dia foi mudada a residência do cego sir Williams, sob o nome de Walter Bright, para o palácio de Chamery.

O Marquês tivera sem dúvida idéias secretas para assim proceder.

Ora, o Duque de Sallandrera, que residia em Paris havia três anos, dispensara somas consideráveis com o seu palácio, do qual fizera uma maravilha. A parte dêle mais garridamente faustosa, a que parecia ter merecido maiores cuidados, a mais artística nos seus mínimos pormenores de ornamentação e mobília, era, sem dúvida nenhuma, todo o segundo andar, reservado para D. Pepita Dolores da Conceição. A filha única do Marquês imaginara, ordenara, e o pai pagara.

O Duque de Sallandrera, fidalgo segundo a mais ampla acepção do termo, comprehendia muito largamente o fausto e a elegância, mas faltava-lhe por vêzes o bom-gosto; e se D. Pepita não tomara a peito encarregar-se de o inspirar, decerto o formoso palácio da rua da Babilônia não chegaria a ser olhado como uma maravilha de luxo delicado e bem entendido.

D. Pepita era artista. Pintava como verdadeira discípula dos Murillos e Velazquez; estudara a arquitetura mourisca da Alhambra.

Permitam-nos apresentar um ligeiro perfil desta nova personagem da nossa história.

D. Pepita tinha dezenove anos; mas as tépidas brisas e o sol do seu país tinham-na tão precocemente amadurecido, que todos lhes superiam facilmente vinte e três anos ou vinte e quatro.

A menina de Sallandrera nascera em Sevilha; era formosa a tal ponto que nenhuma andaluza o poderia ser mais: tinha a flexibilidade ondulante que os espanhóis traduzem

pela palavra "mancho". Cabelos pretos como azeviche, olhos de um azul sombrio e esverdeado como o azul do mar Mediterrâneo, lábios de carmim, mãozinhas adoráveis, tornavam D. Pepita uma beleza característica das que resumem um tipo, como se diz na linguagem das artes, e que a tornara notável em Paris.

O primeiro ano que a jovem espanhola apparecera na sociedade parisiense, influindo muito para isso o seu enorme dote, fôra perseguida com inúmeras pretensões matrimoniais. Tinham entrado na lista condes, marqueses, barões, banqueiros e industriais de primeira ordem; mas D. Pepita não abaixara os olhos para nenhum, e o Duque de Sallandrera, seu pai, dera polidamente de mão a quantos suspiravam em torno da jovem. A andaluza declarara formalmente que não queria casar-se, porque tinha apenas quinze anos.

Além disso o Duque e a Duquesa, que tinham trinta e cinco anos, que era irlandesa e muito formosa ainda, haviam adotado para sua filha a educação inglesa. Pepita vivia em Paris como uma jovem "miss" que não dava contas das suas ações senão a si própria. De manhã cedo saía a cavalo, acompanhada unicamente de um criado. Durante o dia saía em vitória ou em cupê, e ia unicamente com as criadas fazer compras ou estudar no Louvre, onde copiava os melhores autores. Além disto tinham-na visto muitas vezes em corridas na Marche ou em Chantilly, guiando ela própria um "breack" tirado a quatro. Em uma palavra, D. Pepita era um leão.

Fôra uma manhã, no Bosque, que ela travara conhecimento com aquêle a quem Paris inteira chamava de Marquês de Chamery. Rocamble ia girando em torno do lago, ao passo do seu soberbo alazão queimado que êle guiava com graça inimitável. Chegando junto da cascata viu uma amazona, montando um bellissimo cavalo árabe branco de neve. O cavalo, assustado pelo ruído da cascata, empinava-se, volteava, recuava e dava todos os sinais de profundo terror. A amazona lutava enêrgicamente com o animal, e talvez chegasse a domá-lo se não sobreviesse um incidente, felizmente raro nos fatos da equitação. O bridão, que era à inglesa, quebrou-se, e o cavalo, doido de medo, não se sentindo já subjugado pelo freio, voltou para trás e partiu a galope,

arrebatando a amazona, a quem desde então se tornou inútil qual gênero de resistência.

Rocambole caminhava exatamente em sentido inverso. Quis atravessar o seu cavalo na frente da amazonas, a fim de o deter, mas o animal, sobremodo assustado, deu um salto para o lado, e continuou a fugir. Rocambole picou o seu, correu após o fugitivo, e conseguiu alcançá-lo no momento em que êle, no auge do terror, ia precipitar-se no lago. Rocambole cingiu a amazonas com um braço vigoroso e atirou-a da sela, ao tempo em que o cavalo se atirava à água. Esta amazona era D. Pepita.

A jovem agradeceu calorosamente ao seu salvador, perguntou-lhe o seu nome, e soube que era o Marquês de Chamery.

No dia seguinte foi o Duque de Sallandrera visitar Rocambole, e agradeceu-lhe entusiasticamente o serviço que prestara à sua filha, e por conseguinte a êle Duque. Passados oito dias foi Rocambole convidado para um baile dado pelo Duque no seu palácio da rua de Babilônia decorridos mais quinze dias jantou com o Duque.

Desde então largaram vôo os seus instintos ambiciosos.

— Hei de casar com Pepita! disse êle para consigo.

O amigo Rocambole era decerto muito arrojado, como vamos ver, seguindo-o até o palácio do Duque de Sallandrera, no dia immediato em que levava para sua casa o cego sir Williams.

Eram três horas quando o "faeton" do Marquês entrou no pátio do palácio. Rocambole viu então chegado ao vestibulo um elegante tilburi, que reconheceu immediatamente.

— Oh!... oh!... disse êle para consigo; o meu rival, D. José, está, segundo parece, fazendo a sua côrte.

E encrespou ligeiramente as sobrancelhas.

Nisto appareceu um criado para receber o Sr. de Chamery, ao qual disse:

— Os senhores Duques saíram, mas a Sra. D. Pepita está no seu "atelier".

Rocambole fêz um sinal afirmativo e seguiu o laçao. D. Pepita estava, com effeito, no seu "atelier".

D. José estava sentado a poucos passos, mirando o quadro principiado. Vendo entrar o Marquês, franziu D.

José as sobranceiras, tal qual como fizera Rocambole vendo o tilburi do "hidalgo".

Este sinal de antipatia, não durou, porém, mais do que um relâmpago.

Os dois homens cumprimentaram-se cortêsmente, e em seguida inclinou-se Rocambole metódicamente por três vezes diante da jovem espanhola, que lhe estendeu a mão, à inglesa.

— Como esta? disse-lhe ela. E' necessário que o Marquês tenha muita bondade para subir até aqui... V. Exa. chegou muito a propósito para estabelecer o acôrdo entre mim e meu primo D. José.

O Marquês mostrou nos lábios um sorriso finíssimo, e perguntou:

— Terei acaso de desempenhar o papel de Themis?

— Talvez...

— De que é que se trata, minha senhora?

— Eu e o D. José temos tido uma discussão inteiramente artística. D. José afirma que a escola flamenga é superior à espanhola...

— E... V. Exa.?

— Eu, como verdadeira andaluza, afirmo o contrário.

— E' sério! retorquiu Rocambole, sorrindo.

— Mas qual é a opinião do Marquês?

— Não é possível, respondeu o Marquês, pronunciar-me tão repentinamente.

— Realmente?

— V. Exa. há de compreendê-lo tão bem como eu, em sabendo que já fui rival de D. José.

D. Pepita corou repentinamente.

— Peço-lhe que se tranqüilize, minha senhora, disse Rocambole, a quem não escapara a perturbação da jovem e que via nela um bom agouro; tratava-se de um combate sobremodo pacífico.

— Mas bateram-se?

— Por intermédio de um pregoeiro de leilões.

— Oh!... Como?

— Foi antes de ontem, na venda da galeria do Marquês d'A... onde eu e D. José, disputamos seriamente a posse de um Ruysdael.

— Com um encarniçamento... disse D. José.

— Que da parte dêste seu criado não passava de uma verdadeira paixão.

— E quem foi o vencedor?

— Ai, minha senhora! retorquiu modestamente o Marquês. D. José estava convencido, e eu não; de modo que a fé suplantou o ceticismo.

— Por conseguinte, Sr. Marquês, disse D. Pepita, está julgara a pendência. V. Exa. prefere a escola espanhola à escola flamenga.

— O Marquês, observou D. José, com tal ou qual atrevimento, não é decerto pintor?

— Tanto como o primo, disse Pepita.

Em seguida pousou a palheta e os pincéis, e foi sentar-se em um sofá defronte do Marquês, afastando-se assim de D. José, que não pôde deixar de morder os beiços.

— Não sabe, Sr. Marquês? disse a jovem. Vendi o Ibraím.

— O seu cavalo árabe?

— E' verdade... um horrendo animal que me haveria morto se V. Exa. me não acudisse.

— Oh! minha senhora...

— Vendi-o ao Camilo Dernay, ao banqueiro de vinte e cinco anos, que possui as melhores cavalariaças dos Campos Elísios.

— Por quanto, minha senhora?

— Por sete mil e duzentos francos.

— Foi de graça!

— Foi de graça? disse D. José alongando o lábio inferior e aproximando-se de Pepita; acho que foi caríssimo.

Pepita soltou uma risada.

— Sr. Marquês, disse ela indicando D. José, apresento-lhe o homem mais ignorante dêste mundo em assuntos hípicas. Meu primo é capaz de tomar por cavalo inglês um normando cruzado com percherão, e é de opinião que por mil e duzentos francos se deve possuir o que há de melhor, de mais bonito e distinto. Se eu me não houvesse intrometido na administração da sua cavalaria, ve-lo-ia o Marquês andar no tílbury

tirado por um enorme “mecklembourg”, e aparecer no Bosque em algum cavalo de fiacre que lhe houvessem vendido como sendo um “meio-sangue”.

D. José ouviu êste gracejo sem dizer uma palavra, limitando-se por fim a dizer:

— Minha prima está hoje de bom humor... zomba de mim, com extremo prazer...

— Não zombo, digo a verdade.

E como se estivesse empenhada em flagelar D. José na presença do Sr. de Chamery, zombou da pouca destreza do espanhol como caçador, como zombara da sua pouca aptidão como esportista.

Rocambole estava encantado. O que fazia, como convinha a um homem bem educado, era tomar a defesa do moço espanhol, acusando Pepita de pouco indulgente, triunfando afinal completamente por obrigar o rival a aceitar dêle auxílio e socorro.

D. José permanecia impassível, ouvindo os gracejos de Pepita com um bom-humor ou uma indiferença perfeitíssimos. Contudo, por uma ou duas vezes surpreenderam os olhos observadores de Rocambole um olhar de furor concentrado, lançado por D. José a sua prima.

Ao mesmo tempo pareceu-lhe que Pepita empalidecera e experimentava sob a ação daquele olhar um constrangimento, que a sua alegria aparente e as risadas de escárnio mal disfarçavam.

— Olá! disse Rocambole, para consigo, dar-se-á o caso que Pepita seja à oculta escrava dêste homem?

Havia muito tempo que o suposto Marquês de Chamery nutria a esperança de uma entrevista a sós com Pepita; e naquele dia chegou a supor que D. José se retiraria por fim; mas D. José parecia resolvido a não lhe ceder a praça.

Os dois mancebos passaram perto de duas horas no “atelier”, decididos naturalmente ambos a não deixar o campo livre um ao outro.

Pepita adivinhou esta resolução imediatamente; no mesmo instante, porém, a sua jovialidade diminuiu, o seu sorriso desapareceu, tornou-se pensativa, e a conversação, até ali animadíssima, foi-se extinguindo pouco a pouco.

De repente, puxou D. José pelo relógio.

Rocambole teve então a esperança de que êle achasse ser já muito tarde e se retirasse; mas Dom José voltou-se para D. Pepita, e perguntou-lhe inopinadamente.

— O tio saiu?

— Saiu.

— Mas vem jantar?

— Decerto.

— Então esperá-lo-ei; até jantarei cá, porque tenho graves notícias para lhe dar.

D. Pepita estremeceu e Rocambole viu-a ao mesmo tempo empalidecer.

— Notícias de Cádiz, concluiu D. José com voz que pareceu a Rocambole mordaz, cruel e implacável.

Ao mesmo tempo, pareceu-lhe que D. Pepita Dolores Conceição de Sallandrera estava muito próxima de achar-se indisposta.

— Parece-me que diviso um cantinho do mistério... e o mistério chama-se Cádiz!

XVI

A ESPIONAGEM

D. José era segundo primo de D. Pepita, e o Duque queria-lhe muito. Algumas das pessoas mais íntimas da casa chegavam a dizer em voz baixa que o Duque pensava em fazê-lo seu genro. Contudo, como havia mais de dois anos que o mancebo estava na França, e como ia quase todos os dias ao palácio da rua de Babilônia, sem que houvesse a mínima notícia de próximo casamento, podia-se concluir que se tal união estava projetada, tinha pelo menos contra si algum obstáculo momentâneo.

D. José era um mancebo de vinte e seis anos, realmente belo sob o aspecto plástico, de elevada estatura, de maneiras distintíssimas e um tanto altivo e desdenhoso; em uma palavra, era um verdadeiro "hidalgo", dos que têm sempre diante dos olhos a sua antiga linhagem. Do tom orgulhoso que êle empregara para com Rocambole poder-se-ia concluir que fazia mui pouco caso do fidalgo francês.

Em Paris dizia-se que D. José andava loucamente apaixonado por D. Pepita; mas em contraposição, afirmava-se que era medíocre a afeição que D. Pepita lhe tributava; não faltando quem asseverasse que se chegasse a casar com êle, seria unicamente por obedecer a seu pai e não aos impulsos do coração.

Rocambole tomara nota minuciosa de todos êstes boatos, e fizera-os passar todos pelo crivo da sua razão e perspicácia.

— Evidentemente, dissera êle para consigo, uma vez que D. Pepita se perturba e cora ao ver-me, ficando impassível quando vê D. José, é porque lhe sou menos indiferente do que o primo. Contudo, como o Duque e a Duquesa me acolhem há certo tempo com tal ou qual frieza, é também evidente achar-se D. José mais bem colocado do que eu na estima da família. O meu único recurso sério é prejudicar D. José na opinião dos Duques.

Êste projeto do suposto Marquês de Chamery apresentava inúmeras dificuldades e exigia muito tempo. Rocambole, porém, era paciente.

— D. José é rico, dissera êle para consigo, está na moda, possui ótimos cavalos, é um dos primeiros influentes nas corridas, joga e perde somas consideráveis... Deve ter outros vícios; o essencial seria descobrir-lhe uma amante, porque deve ter uma.

E como profundo observador do coração humano, como digno discípulo de Sir Williams, — com quem tivera de manhã detida conferência, respondendo-lhe o cego por meio de um bocado de ardósia em que escrevia — dissera Rocambole para consigo:

— Pode-se sempre perder um homem que ande agarrado a uma saia.

Assim, o falso Marquês adotara formal resolução de espreitar e de mandar espreitar D. José; mas a palidez de Pepita, o olhar raivoso do fidalgo, e aquêle falar de Cádiz que parecera impressionar vivamente à jovem, lançaram-no em nova ordem de idéias.

D. José declarara a sua intenção de jantar com os Duques; por conseguinte não era possível a Rocambole prolongar a sua visita. Entretanto, hesitava ainda, quando um olhar de Pepita o decidiu.

No momento em que D. José se aproximava distraída-mente do quadro que sua prima estava pintando, e o examinava, relanceou a jovem para o Marquês de Chamery olhos suplicantes e repletos de irresistível eloquência. Aquêlê olhar mostrava-lhe a porta e parecia dizer-lhe:

— Peço-lhe em nome do céu, por tudo que lhe é mais caro, retire-se!

Rocambole levantou-se e despediu-se.

Pepita estendeu-lhe a mão, que êle sentiu tremer entre a sua. Depois tornou a fitá-lo, parecendo dizer-lhe com os olhos:

— Se eu me atrevesse a colocar-me sob a sua proteção?

— Bem! pensou Rocambole ao retirar-se, não tarda que a pequena me tome para seu campeão!

E saiu do palácio de Sallandrera.

Ficando a sós com D. José, entrara Pepita a tremer. Com os olhos baixos, sentada em um canto do "atelier", parecia a jovem absorta por dolorosa contemplação.

— Então a minha formosa prima, disse D. José, em tom de escárnio, parece que já não zomba de mim?

Pepita olhou para êle mas não lhe respondeu.

— E' encantador êste Marquês de Chamery, não é?

Pepita sentiu um estremecimento nervoso, e denunciou a sua impaciência com um ligeiro movimento de ombros.

— E' realmente para lastimar, continuou Dom José, que não possa casar com êle... Parece que é de muito boa casa... e sem que seja rico...

— D. José, disse Pepita, interrompendo-o, o seu ciúme é sobremodo ridículo.

— Não duvido; mas amo-a.

— O Marquês de Chamery é um homem de qualidade e perfeitamente bem educado, que nunca me dirigiu uma única palavra que justificasse tais ciúmes.

— Ora adeus! E' claro que a ama.

— Como sabe isso?

— Vê-se. Além disso, não gosto dêle.

— Não devo continuar a recebê-lo?

E Pepita fêz esta pergunta em tom meio zombeteiro, meio timorato.

— Não me desagradaria que assim succedesse, respondeu duramente o moço "hidalgo".

Mas D. José adiantara-se demasiadamente: presumira muito da misteriosa ascendência que exercia na menina de Sallandrera. As suas últimas palavras despertaram nela todo o orgulho castelhano; nos magníficos olhos, ao mesmo tempo tristes e meigos, brilhou um relâmpago de cólera; e fitando D. José com um olhar de fogo, retorquiu-lhe:

— Esquece-se D. José, que se atribui o que pertence a outrem; e que para se mostrar tão impudentemente ciumento e tirânico, seria mister para isso ter direito?

D. José mordeu os lábios.

— Esquece-se, enfim, concluiu Pepita, no tom de uma rainha ultrajada, que sou noiva de seu irmão D. Pedro...

Pepita pronunciou estas palavras a tremer e de modo quase ininteligível.

Na voz adivinhavam-se-lhe os soluços.

Mas D. José, por um momento interdito e derrotado pela súbita cólera da jovem, ergueu a cabeça ouvindo aquêlê nome.

Pepita empalideceu.

— E' verdade, prosseguiu D. José; é a noiva de meu irmão mais velho, mas bem sabe que será minha mulher no dia em que Pedro deixar de viver... e eu recebi esta manhã notícias de Cádiz.

Pepita soltou um grito, exclamando:

— Morreu, santo Deus!

— Não morreu ainda, retorquiu friamente D. José, mas morrerá antes de quinze dias. E' pelo menos a opinião dos médicos.

D. José quis pegar na mão da jovem e murmurar-lhe sem dúvida ao ouvido algumas palavras de amor; mas Pepita não o ouviu, e caiu para o lado, privada dos sentidos.

.....

Entretanto afastara-se o Marquês de Chamery do palácio de Sallandrera, dizendo para consigo:

— D. José janta em casa do Duque, por conseguinte não sairá de lá antes das oito ou nove horas. Tenho tempo

de “mudar de pele”, e consultar em caso de necessidade o amigo sir Williams.

Voltou, pois, à rua de Verneuil, mas não parou como costumava no primeiro andar, que elle cedera à Viscondessa d'Asmolles, foi direito ao quarto occupado pelo supposto marinheiro inglês mutilado pelos chinezes.

O cego sir Williams estava excellentemente agasalhado com um ótimo chambre de ramagem, tinha na cabeça um boné de sêda preta, e nos pés chinelas bem forradas, dando-lhe tudo isso o aspecto de um honrado proprietário do Marais.

— Trago-te uma novidade, meu tio, disse Rocambole entrando.

O rosto do cego pareceu iluminar-se.

— Em primeiro lugar, a pequena ama-me...

Sir Williams quase deu um salto na poltrona.

— E depois farejo não sei que história extraordinária.

E Rocambole, falando inglês, contou minuciosamente quanto vira e ouvira no “atelier” da menina de Sallandrera, não omitindo principalmente o efeito de terror que lhe causara a palavra Cádiz, proferida por D. José.

O cego ouviu-o atentamente, sem fazer o mínimo sinal de aprovação ou de reprovação.

— Que se deve fazer, meu tio?

E Rocambole pousou sobre os joelhos do cego a ardósia, meteu-lhe na mão um lápis, e disse em seguida:

— Vamos, escreva, meu tio...

Sir Williams traçou em primeiro lugar a palavra: “esperar!”

— Esperar o que? perguntou Rocambole.

— “Esperar que Pepita se encaminhe para ti, te escreva, ou te indique uma entrevista”, escreveu o cego.

— Bem... e apagou o que o cego escrevera.

Depois prosseguiu em voz alta:

— E D. José?

O cego escreveu:

— “De hoje em diante, seguir D. José passo a passo... D. José deve ter hábitos misteriosos. Deves disfarçar-te de modo que elle não te conheça.”

— Ótimo, disse Rocambole, tornando a pôr a pedra em cima da mesa, depois de lhe apagar as últimas instruções de sir Williams.

Separou-se em seguida do cego, mandou prevenir à Viscondessa d'Asmolles de que não jantava em casa, e saiu a pé.

Ao cabo de uma hora estava à porta do Duque de Sallandrera; mas nem o Duque, nem a Duquesa, nem D. José, nem Pepita, nem ninguém neste mundo teria decerto reconhecido nêle o Marquês de Chamery. Já não era o elegante moço de cabelos castanhos-claros, de fisionomia pálida e distinta, e de figura singularmente aristocrática.

Rocambole transformara-se em um criado de origem inglesa, que desempenhava as funções de palafrenero, com blusa de quadrinhos, cabeleira loura, boné cônico, e uma cara avermelhada, que atestava claramente o hábito da embriaguez. O fidalgo palafrenero emboscou-se no vão de um portão fronteiro ao do palácio de Sallandrera, o que lhe permitiu ver, em um momento em que êste último se entreadriou, o tîlburi do D. José estacionado ainda junto ao vestíbulo. Esperou assim mais de duas horas. D. José parecia determinado a passar a noite em casa do Duque.

Afinal abriu-se o portão de par em par e saiu o tîlburi.

— O' diabo! pensou Rocambole, agora é que é preciso ter boas pernas!

D. José deu à mão ao cavalo, que partiu a trote largo; mas Rocambole, que tinha na verdade boas pernas, deitou a correr atrás dêle.

D. José residia nos Campos Elísios, no extremo da rua de Ponthieu. Havia ali com o número 3 um lindíssimo primeiro andar, com cocheira para três trens e cavalaria para cinco cavalos.

Apesar da fileira de trens que atulhava os Campos Elísios, o suposto palafrenero não cessou de correr, conseguindo não perder de vista nem por um instante o tîlburi de D. José.

Viu o espanhol entrar para casa e o tîlburi para a cocheira.

— Olá! disse êle para consigo; dar-se-á o caso que D. José seja um homem morigerado, que se recolhe às dez horas em ponto?... Ou terá alguma entrevista mesmo em sua casa?

E Rocambole emboscou-se na esquina da rua de Pontthieu, como se emboscara na rua de Babilônia, resolvido a esperar o tempo que fôsse preciso.

Dali a um quarto de hora, saiu de casa de D. José um homem a pé.

Ia envolto em uma espécie de gabão, de boné e fumando em um cachimbo de ferro.

O homem era alto e parecia ter o aspecto de D. José.

Este último usava simplesmente bigode e pêra; e o tal homem, que passou junto de Rocambole, tinha barbas compridas. Apesar disso, porém, Rocambole reconheceu nêle Dom José.

— O' diabo! murmurou êle, esta noite parece que é a noite dos disfarces.

E seguiu D. José, que passara sem atentar nêle.

O "hidalgo" dirigiu-se apressadamente para a rua Miro-menil, e percorreu-a até ao sítio populoso e sujo da praça Laborde, denominada "Petite Pologne", e que é uma espécie de mancha de lôdo na frente do aristocrático arrabalde du Roule.

— Aonde diabo vai êle? pensava Rocambole, continuando a seguir-lhe os passos.

D. José atravessou a praça, parou por um momento ao pé de uma casa situada no ângulo norte, e pareceu examinar as janelas de um quarto andar, nas quais se via luz.

Depois, uma das janelas entreabriu-se, e em seguida penduraram fora dela um pano branco, a modo de sinal. Então o espanhol, que parecia ter hesitado um momento, encaminhou-se para a rua do Rocher, e Rocambole viu-o parar a uma porta — travessa de triste aparência — e, depois de entrar e tornar a fechar a porta, desapareceu na escuridão de um estreito e comprido corredor.

— Parece que entrou em casa, murmurou Rocambole.

Depois sentou-se em um poial, dizendo para consigo:

— Amanhã hei de saber o que êle vem fazer a esta casa.

A rua do Rocher era uma rua mal iluminada, de pouca passagem, e raro freqüentada por patrulhas ou gendarmes. Rocambole demorou-se ali mais de uma hora sem que ninguém o inquietasse, nem mesmo atentasse nêle.

D. José demorava-se na tal casa. Soaram onze horas, e meia-noite, e êle não saiu.

— Querem ver que pernoita aqui! disse para consigo o suposto Marquês.

Afinal abriu-se a porta e saiu D. José.

Rocambole, que se ocultara nas sombras da parede, ouviu D. José dizer em voz baixa:

— Adeus, meu amor.

A isto respondeu uma voz de mulher, fresca e com timbre de mocidade:

— Adeus...

E D. José afastou-se.

Rocambole, porém, não o seguiu. Esperou pacientemente mais meia hora, depois, vendo passar um trapeiro, pediu-lhe cortêsmente, dando-lhe ao mesmo tempo dez "sous", que lhe emprestasse por um instante a lanterna.

— Para quê? perguntou o trapeiro.

— Para procurar vinte francos que eu deixei cair.

O trapeiro aproximou-se; a luz da lanterna deu na porta de onde saíra D. José, e permitiu a Rocambole ver-lhe o número.

— Número sete, leu êle. E' o que eu queria saber... Amanhã profanarei o mistério.

No dia seguinte, porém, devia Rocambole saber ainda outra coisa.

XVII

A CONFISSÃO

No outro dia, às cinco horas, quando o Marquês de Chamerly voltava do Bosque e atravessava a praça da Concórdia, viu em pé, à entrada da ponte, um prêto de colête vermelho, a quem reconheceu imediatamente.

Era o *groom* de Pepita.

O *groom* podia estar ali por acaso, mas Rocambole, como homem cujo faro se não engana, e que tem sempre o pressentimento exato dos acontecimentos, foi direto ao prêto, e

— Mas, prosseguiu ela, se a filha do Duque de Sallandrera disser hoje ao Marquês de Chamery, que se acha em uma situação em que necessita confiar em um homem de bem como o Marquês...

— O Marquês, disse Rocambole, interrompendo a jovem e completando-lhe o pensamento, não só acharia natural que a filha do Duque de Sallandrera se houvesse lembrado dêle mas até lho agradeceria de joelhos.

Em seguida fêz a jovem um sinal afirmativo, e prosseguiu:

— Antes de lhe dizer qual é o gênero de favor que espero de V. Exa., é necessário dizer-lhe coisas que todos ignoram em Paris, e que são ainda um segredo entre mim e a minha família.

— Eu, minha senhora, disse Rocambole, sou capaz de guardar um segredo.

— Também o creio, e foi por isso que não hesitei em recorrer a V. Exa. Eu, Sr. Marquês, devo partir para a Espanha dentro de quinze dias.

Rocambole estremeceu.

— E dentro de dois meses devo casar com meu primo D. José.

O suposto Marquês não pestanejou, mas Pepita notou que se tornara em extremo pálido.

— D. José, prosseguiu Pepita, é o irmão mais novo de D. Pedro, Marquês d'Alvar, de quem sou há seis anos prometida noiva... Há cinco anos padece D. Pedro de uma doença extraordinária, medonha, sem remédio. Os médicos mais afamados da Europa têm sido consultados, e todos têm concordado que D. Pedro é incurável, e que se irá finando lentamente. O infeliz sucumbe a uma lepra imensa, que lhe corrói o rosto e que tem transformado a mais nobre fisionomia, a mais bela que poderia imaginar, em um objeto de horror e de repugnância, em um rosto de cadáver que já parece prêsa dos vermes do sepulcro.

— E' extraordinário! murmurou Rocambole, impressionado por tal confidência.

— O Marquês perdeu já a vista, continuou Pepita, já não tem cabelos, os lábios caem-lhe a pouco e pouco. Meu pai recebeu esta manhã uma carta de Cádis, onde êle se acha,

e esta carta anuncia que a doença chegou ao seu último período, e que não resta ao desventurado mais de um mês de existência. No dia em que elle expirar tornar-me-ei desposada de D. José, e ao cabo de um mês casarei com elle, porque não pode deixar de ser.

E Pepita proferiu estas últimas palavras com invencível repugnância.

— Mas como é que V. Exa. é obrigada a desposar Dom José, se o seu coração o repele?

— E' meu pai que o quer.

— Eu supunha que o Sr. Duque idolatrava sua filha, e que por causa nenhuma dêste mundo...

— Meu pai tem vontade inflexível. Além disso, se eu recusasse a mão de D. José causar-lhe-ia mortal desgosto.

— Ah! murmurou Rocambole em tom de estupefação.

— Contudo, prósseguiu Pepita, odeio D. José tanto quanto amava D. Pedro, seu irmão.

Rocambole estremeceu novamente.

— Odeio-o, concluiu Pepita, com voz sombria, porque é um covarde assassino!

E o suposto Marquês de Chamery viu brilhar nos olhos da jovem um olhar que lhe fêz compreender as ardentes paixões do país em que ela nascera.

— Odeio-o tanto, prosseguiu ela, que tenho certeza de morrer no dia em que se tornar meu espôso.

— Quer que o mate em duelo?

E Rocambole fêz esta proposta cavalheiresca em tom de tão íntima dedicação, que impressionou vivamente D. Pepita.

— Isso não, disse ela sorrindo com tristeza, ou antes, deixe-me primeiro dizer-lhe tudo.

E levantando-se, dirigiu-se a um môvelzinho de Boule, abriu uma gaveta e tirou dela um rôlo de papéis assaz volumoso.

— Sr. de Chamery, disse ela, vou confiar-lhe êste manuscrito, escrito todo pela minha mão. E' obra de muitas noites de insônia, e dos serões em que me esquivo às exigências da sociedade. Em tomando conhecimento dêle vem novamente aqui, e eu digo-lhe então o serviço que espero de V. Exa.

Pepita expressava-se com grande tranqüilidade, mas sua voz triste e o olhar baixo pareciam dizer: é necessário que o Marquês me inspire grande confiança para que eu lhe entregue assim os segredos da minha família.

Rocambole guardou o manuscrito.

— Recolho-me já para casa, a fim de devorar estas páginas. Amanhã à noite estarei às ordens de V. Exa.

— Esperá-lo-ei amanhã.

— Onde?

— Aqui.

— A que horas?

— À hora em que o recebi hoje. Achará, como hoje, o meu preto à portinha do jardim.

E como Rocambole desse um passo para se retirar, pegou-lhe Pepita vivamente no braço dizendo-lhe com animação deveras meridional:

— Não é extraordinário que uma menina na minha situação proceda como eu procedo? Que chame em seu auxílio um homem a quem conhece apenas há dois meses, em vez de ir lançar-se nos braços de seu pai. Em o Marquês lendo o que eu escrevi, em sabendo a minha história, não se admirará de que uma pobre mulher, colocada entre algozes e vítimas, tenha procurado um homem leal para lhe pedir o seu apoio.

Estas últimas palavras de Pepita deviam trazer uma confissão aos lábios do mancebo.

O suposto Marquês de Chamery compreendeu então ter chegado a hora de dar um passo simultaneamente tímido e seguro, no coração da formosa sevilhana.

— Minha senhora, disse êle com uma comoção tão maravilhosamente fingida que iludiu Pepita apesar da sua penetração feminina, não sei quais possam ser os algozes a que se refere, e as vítimas que tem a seu lado; agradeço-lhe porém de joelhos o ter lançado os olhos para mim; e Deus permita que eu tenha a felicidade de poder arriscar a minha vida por V. Exa.

Pepita corou extraordinariamente.

Rocambole prosseguiu.

— Porque no século prosaico e todos cálculos mesquinhos em que vivemos, disse êle, no meio de gente afadigada e egoísta, que corre para o dinheiro como os hebreus para

o bezerro de ouro, é difficilimo que um homem ache ocasião de se dedicar a uma senhora cujos olhos lhe lançaram a perturbação no íntimo d'alma!

E proferindo estas palavras, dobrou o suposto Marquês de Chamery um joelho, e arriscou-se a pegar na mão de Pepita, e a beijar-lha respeitosamente.

Pepita corou mais ainda, mas retirou a mão em que o mancebo lhe pegara.

— Sr. de Chamery, retorquiu ella, eu não sei se me ama, e contudo assim o creio... foi por isso que me dirigi a V. Exa... Não lhe direi que o amo, porque seria mentir, porque tenho no íntimo do peito a recordação do desventurado Dom Pedro, que está prestes a morrer. Mas se o Marquês me salvar, se conseguir arrancar-me a D. José, e me tornar digna de escolher um protetor, juro-lhe que hei de mostrar-me uma mulher honesta... Adeus...

E fazendo um gesto quase supplicante, fitou-o dizendo-lhe:

— Até amanhã...

Rocambole obedeceu: retirou-se.

No corredor achou o *groom* prêto, que novamente lhe pegou na mão e o conduziu até à portinha do jardim, que ia para o bulevar dos Inválidos.

Rocambole retirou-se, dizendo consigo:

— Não sei o que "ella" quer que eu faça; o que sei é que se engana afirmando que ama D. Pedro... Não é Dom Pedro que ella ama... sou eu...

.....

O falso Marquês foi mudar o trajo, voltou a pé à rua Verneuil, e subiu ao quarto de sir Williams.

O cego achava-se, então, nas mãos de um criado, que estava cuidando de o meter na cama, de modo que exprimia na horrenda fisionomia tôda a beatitude de um homem que não vive senão para as alegrias materiais, e a quem não falta nenhuma dessas alegrias.

— Tenho novidades para te dar, meu tio, disse-lhe Rocambole.

O cego sentou-se na cama.

Rocambole mandou retirar o criado, com um simples gesto. Depois sentou-se à cabeceira de sir Williams, e tirou do

bólso o manuscrito de Pepita. Antes, porém, de o desenrolar, descreveu ao cego a sua entrevista com a jovem, e falcu-lhe da outra que ela lhe assinalara para o dia seguinte.

À proporção que êle falava, aparecia no rosto de sir Williams a mais viva satisfação. Aquêlê homem, que já não podia nada por si mesmo, que já não podia ver, amar, nem ser amado, sentia-se reviver no discípulo. Parecia-lhe que era a êle próprio que Pepita amava, e que seria êle quem iria no dia seguinte à misteriosa entrevista.

Rocambole gozou por um momento aquella alegria muda e contudo tão eloqüente; em seguida desenrolou o manuscrito de Pepita, pô-lo diante de si em uma banca em que estava um candeeiro com quebra-luz, e leu:

“Apontamentos para a história da nobre família de Sallandrera, e destinados ao Marquês de Chamery, em quem deposito a mais absoluta confiança.”

— Bravo! Bravo!... disse Rocambole; parece que inspiro confiança... Irra!...

E como sir Williams mostrasse nos lábios o péssimo sorriso dos seus bons tempos, principiou o Sr. Marquês Alberto Frederico Honório de Chamery em voz alta a leitura do manuscrito.

XVIII

O MANUSCRITO DE D. PEPITA

“O solar dos Sallandrera é situado na Navarra espanhola. Assente no flanco de uma serra árida, dominando um vale triste e deserto, é êste edificio mais sombrio ainda que o país desolado que o rodeia. Construído por um Sallandrera, companheiro de Pelaio, atravessou a Idade Média, qual soldado coberto de ferro que se conserva só e de pé em um campo de batalha juncado de cadáveres.

Não há época nenhuma da nossa história guerreira que não tenha uma página escrita em seus muros. Fernando e

Isabel, os esposos-reis, ali passaram uma noite. Carlos V ali descansou o terrível Filipe II tomou-o de assalto e mandou decapitar em seguida um Sallandrera rebelde. O último cerco sustentado por aquêlê castelo foi em 1809, quando a Espanha intentava resistir aos exércitos imperiais. Cercara-o uma fôrça francesa, compondo-se a sua guarnição de um punhado de homens apenas, comandados pelo capitão Dom Pedro d'Alvar. O cerco durava havia já seis semanas, e a guarnição principiava a sentir falta de víveres. O general francês propusera à guarnição conservar-lhe a vida, se accedesse a render-se. Diziam mesmo que dariam a D. Pedro d'Alvar o pôsto de coronel no exército do rei José; mas Dom Pedro foi achado sem vida ao pé das trincheiras, no dia seguinte àquele em que o parlamentar francês se apresentara no castelo. Os sitiados resistiram ainda por oito dias, e afinal salvou-os um armistício dos horrores da fome e da vergonha de uma capitulação.

Eis o que a história espanhola poderá dizer a respeito dêste cerco; e nem o exército francês, nem a guarnição do castelo souberam nunca o sêgrêdo da morte misteriosa de D. Pedro. Êste sêgrêdo sabe-o o Duque de Sallandrera, meu pai; e aquêlê que há de ler estas linhas, aquêlê para quem as escrevo, e a cuja lealdade confio a honra da minha casa, há de também saber o desfecho de um drama terrível, que devia ter conseqüências funestas ao cabo de mais de trinta anos.

A Duquesa de Sallandrera, minha avó, viúva aos vinte e sete anos, acometida de uma paixão louca pelo capitão D. Pedro d'Alvar, desposara-o a despeito da opposição e recriminações da nossa família, que achava o capitão de baixo nascimento para succeder a um Duque de Sallandrera, tendo, além disso, a péssima qualidade de ser pobre. A Duquesa, porém, não atendera senão ao coração, e casara havia cinco anos, quando os franceses entraram na Espanha para ali proclamarem o rei José. A Duquesa de Sallandrera pudera esquecer certas leis da nobreza, e arrostar, em proveito do coração, certos preconceitos; mas era espanhola, fiel aos reis de seus pais, e por isso dissera ao espôso:

— Hás de encerrar-te comigo e com as tropas que commandas no castelo de Sallandrera, e meu filho que em breve terá treze anos combaterá a teu lado pelo seu rei.

O Capitão D. Pedro d'Alvar, comandava, pois, o castelo de Sallandrera pelo rei de Espanha; o nosso velho solar foi uma das primeiras fortalezas que opôs ao inimigo enérgica resistência.

Agora para fazer compreender claramente a influência nefasta que as peripécias daquele cêrco deviam ter no meu destino, necessito transportar o leitor àquella época, introduzi-lo no castelo de Sallandrera, no mesmo dia em que ali se apresentou o parlamentar francês. Este parlamentar era um moço official de estado-maior, ajudante de campo do general inimigo. D. Pedro d'Alvar tinha então quarenta anos. Era baixo, muito magro, dotado de fisionomia expressiva, se não fôsse iluminada por um olhar de extrema mobilidade, fugitivo e quase sempre baixo. D. Pedro recebeu o capitão em uma vasta sala do palácio, em que se achavam os retratos dos seus antepassados, dos Duques de Sallandrera.

Ninguém assistiu à conversação dos dois. Que se passou entre êles? O parlamentar francês partiu convencido que só êle e D. Pedro d'Alvar o sabiam.

D. Pedro tinha a mesma convicção. Mas depois de ter acompanhado o official até à porta da fortaleza, e de voltar para junto da Duquesa de Sallandrera, sua espôsa, dizendo-lhe que repelira com energia as propostas do general francês; quando afinal se encerrou de novo na mesma sala, onde estivera pouco antes com o official inimigo, e onde, sem dúvida, combinara com êle a rendição do castelo, ocorreu um caso imprevisto, fulminante, que lhe neutralizou todos os cálculos.

D. Pedro sentara-se, e apoiando a cabeça nas mãos murmurou, com os olhos fitos no chão:

— E' evidente que fiz bem. A causa do rei de Espanha é uma causa perdida... O futuro e a prosperidade do país estão unicamente no rei José. A minha submissão não é uma traição; é um ato prudentemente político. Dentro de um ano serei general, e ao cabo de dois grande de Espanha.

Foi no momento em que D. Pedro proferia estas palavras que uma aparição súbita o fêz levantar-se de repente e recuar espavorido. Contudo a aparição não tinha nada de amedron-

tar... Não era um fantasma; não era um espectro; era um mancebo quase criança; era o moço Duque de Sallandrera; era meu pai!

Como entrara o Duque ali?

A sala não tinha senão uma porta, uma porta de dois batentes, que o Capitão D. Pedro d'Alvar fechara por dentro; e esta porta não se abrira. O mancebo saíra dentre as pregas de um vasto cortinado que ocultava o vão de uma janela, depois dirigira-se para D. Pedro, e fitara-o face a face.

Descorado, lívido, atordoado por tão inesperada aparição, permaneceu o capitão por um momento sem voz, encostado a uma mesa, para não cair.

— Estava aí? disse êle enfim.

O mancebo fêz um gesto afirmativo, e disse em seguida:

— Estava aqui... havia uma hora.

— Uma hora?... e ouviu?

— Tudo!

D. Pedro levou instintivamente a mão à espada: o jovem duque, porém, mais pronto do que êle puxou por uma pistola, apontou-a à cabeça do capitão, e disse-lhe com o maior sangue frio:

— Se faz o mais pequeno movimento, mato-o...

O capitão, deveras intimidado, permaneceu imóvel, mas ainda diligenciou zombar, murmurando:

— O Duque é uma criança, não entende nada de política.

— Eu chamo-me Duque de Sallandrera, e conquanto tenha apenas treze anos, sei qual é o valor de tal nome e os deveres que êle me prescreve. O primeiro dêstes deveres é conservar para o meu soberano o castelo de Sallandrera.

— Ah!... exclamou o capitão em tom de escárnio.

— O segundo, prosseguiu o mancebo, é cortar a existência de quem resolveu dar acesso ao inimigo por um subterrâneo cuja entrada lhe indicou, na noite em que fizer fluir uma bandeira branca nas trincheiras...

D. Pedro fêz novamente menção de levar a mão à espada, e recuou um passo; mas o mancebo avançou para êle.

— Capitão D. Pedro, disse êle com voz tão firme, em tom de tal convicção, que o traidor sentiu eriçarem-se-lhe os cabelos, encare-me de frente e veja se eu minto.

— Que me quer? balbuciou o capitão, principiando a tremer.

— Capitão D. Pedro d'Alvar, prosseguiu o moço Duque, saiba que vai morrer... Assim lhe juro pelas cinzas de pai, pela honra da minha casa, pela vida de minha mãe, que teve a fraqueza de amar um tal miserável. Ajoelhe-se e peça a Deus que lhe perdoe os seus crimes.

D. Pedro era um covarde, e além disso não tinha consigo outra arma além da espada, arma inútil contra a pistola que via diante de si. Ajoelhou e pediu perdão. O mancebo abanou a cabeça.

— Não, disse êle, se eu lhe perdoasse, tenho certeza de que entregaria o castelo logo que se lhe oferecesse ocasião oportuna... Repito-lhe, por conseguinte, que vai morrer...

O capitão rojou-se aos pés do Duque, pediu em lágrimas. O mancebo respondeu-lhe inflexível:

— Minha mãe casou com um senhor, de quem tem um filho, que conta oito anos, e que é meu irmão. Quero tanto a êste irmão, e a sua mãe, quanto odeio e desprezo ao senhor... Pois bem, o que eu não quero é que a sua morte os desonre...

D. Pedro teve um momento de esperança, e mostrou nos olhos um relâmpago de alegria.

O moço Duque, porém, sorriu desdenhosamente e prosseguiu:

— Engana-se D. Pedro, vai morrer irremissivelmente. Deve contudo refletir que se o mato aqui, com um tiro de pistola, acudirá gente, e sendo encontrado junto do seu cadáver, ver-me-ei obrigado a revelar o seu crime...

— Mas será tido como um assassino... balbuciou Dom Pedro, com grande esperança nesta palavra.

— Está enganado, retorquiu o moço Duque. Como há pouco me disse, sou uma criança, e uma criança não mente. Minha mãe será a primeira a acreditar-me.

D. Pedro curvou a cabeça e calou-se.

— Agora, prosseguiu o moço Duque, escolha, porque só lhe restam minutos de vida... Escolha: ou morte obscura, misteriosa, que pareça resultado de um desastre, e que deixe a sua memória intata e honrada; ou morte como a que há

pouco lhe destinava, e que me obrigará a declarar que Dom Pedro d'Alvar era um traidor.

— Mate-me, balbuciou o capitão, mas não me desonre!

— Pois seja, disse o Duque, e prosseguiu impassível:

— Esta janela dá para a plataforma do norte, que fica em frente do acampamento inimigo. À hora adiantada em que estamos não se acham na plataforma, de distância em distância, senão as sentinelas, as quais, como chove, devem ter-se abrigado nas guaritas. O senhor acompanha-me...

E recuando com a pistola sempre em pontaria à cabeça de D. Pedro, abriu o Duque a porta que dava para a plataforma do castelo e assomou a ela.

— Siga-me! disse êle ao capitão, em tom tão breve e imperioso, que êste adivinhou a sua sentença de morte!

A noite estava escura; mal se distinguiam os vultos.

D. Pedro saiu para a plataforma.

— Agora, disse em voz baixa o mancebo, ande adiante de mim, e não se lembre de gritar, de chamar por socorro, porque antes de lhe acudirem mato-o, e o senhor morrerá desonrado.

D. Pedro foi andando pausadamente, como um condenado a quem conduzem ao suplício. Contudo, não sabia aonde o moço Duque o levava. Ora, a plataforma do castelo girava em tórno dêle por meio de uma ponte levadiça, a qual ligava pelo oeste o lado sul ao do norte passando por uma torre que dominava um precipício. A ponte levadiça era formada por uma única prancha de carvalho muito grossa, forrada de ferro, e movia-se por meio de um mecanismo, que em caso de necessidade a fazia funcionar como alçapão. Na Idade Média tinha aquela ponte duplo fim, sendo um dêles fazer desaparecer os prisioneiros de guerra de quem queriam descartar-se sem escândalo. Faziam passar os infelizes para a prancha, e quando tinham chegado ao meio dela, puxavam certa cavilha, a prancha girava em tórno de um eixo, e o prisioneiro caía no precipício onde se fazia em pedaços. Havia já muitos séculos, como é fácil de supor, que tão bárbaro uso fôra abandonado; mas a prancha continuava a funcionar como ponte, e quando o capitão D. Pedro d'Alvar fôra encerrar-se no castelo de Sallandrera, estava a ponte descida havia muitos anos; e provavelmente até ignorava o

terrível segredo da cavilha. O moço Duque, porém, tinha perfeito conhecimento do cruel mecanismo, de modo que quando o capitão, que ia caminhando pausadamente, pôs os pés na prancha, disse-lhe êle em voz baixa:

— Pare!

O capitão parou, deveras trêmulo.

— Perdão! balbuciou êle ainda.

Mas o Duque tinha já lançado mão à cavilha, e puxou-a violentamente. Ao mesmo tempo girou a prancha, e o traidor rolou no abismo sem ter tempo de soltar um grito.

Em seguida tornou o Duque muito tranqüilamente a colocar a cavilha no seu lugar, para obstar a que algum soldado ignorante, ao passar, tivesse a mesma sorte do capitão.

.....

No dia seguinte procuraram o capitão D. Pedro d'Alvar. Dali a dois dias acharam os franceses um corpo despedaçado nos rochedos, e ficaram convencidos de que não deviam ter esperança de obter a rendição do castelo.

Afinal dali a três dias assinou-se um armistício, e os franceses levantaram o cerco. A Duquesa mãe de Sallandrera ignora ainda a traição de D. Pedro, e o modo por que foi punido. O Duque guardara o seu segredo e a morte do capitão, fôra atribuída a um desastre. O capitão, porém, deixara um filho, um filho que era irmão do Duque de Sallandrera, e êste irmão, mais moço cinco anos, devia ignorar, como sua mãe, o segredo da trágica morte de seu pai. Os dois irmãos, criados juntos, afeiçoaram-se ternamente um ao outro: o primeiro esquecendo-se de que D. Ramon era filho de um traidor e o segundo ignorando que o irmão a quem tanto queria fôra o assassino de seu pai.

D. Paez, Duque de Sallandrera, e D. Ramon de Alvar, eram, aos vinte anos, oficiais nas guardas de S. M. Carlos V, e ambos se apaixonaram por uma menina, D. Luísa, pertencente à nobreza castelhana. O Duque de Sallandrera, porém, foi generoso; sacrificou o seu amor ao irmão, a quem dotou esplêndidamente. D. Ramon d'Alvar casou com D. Luísa, em agôsto de 18... No ano immediato, deu D. Luísa à luz dois gêmeos. O mais velho recebeu o nome de D. Pedro, o segundo o de D. José.

A felicidade de D. Ramon, nomeado capitão, no dia seguinte ao do seu casamento, parecia não ter a mínima nuvem; amava, era amado e estava a ponto de saborear as alegrias da paternidade, quando a fatalidade soprou sobre êle, destruindo sem piedade o edificio daquela felicidade nascente.

Estava escrito que D. Ramon devia morrer, como seu pai, de morte violenta e misteriosa."

.....

— Estou achando a menina Pepita de Sallandrera um tanto leviana, murmurou Rocambole, interrompendo a leitura do manuscrito, em confiar os segredos da sua família ao seu amigo Rocambole.

Nos lábios mudos de sir Williams pairou um sorriso. Em seguida fez o cego um gesto, que significava:

— Continua... O caso vai-se tornando interessante.

E Rocambole, que percebeu o gesto, pegou novamente no manuscrito, e prosseguiu nestes termos:

"D. Ramon era pai havia pouco mais ou menos seis meses. A jovem Condessa D. Luísa d'Alvar, porque D. Ramon fôra feito conde pelo rei, separara-se momentaneamente do marido para ir passar algumas semanas em casa de sua mãe.

Ao mesmo tempo, Sua Majestade Católica trocara Madri pelo Escorial, e o Duque de Sallandrera, bem como D. Ramon, tinham, como era natural, acompanhado o soberano, na qualidade de oficiais da sua real casa. A união dos dois irmãos era perfeitíssima, queriam-se como se querem ordinariamente dois gêmeos. O Duque, principalmente, tinha por D. Ramon uma afeição de irmão mais velho, das que são quase paternais. Dir-se-ia que queria fazer esquecer a D. Ramon que já não tinha pai. Talvez que até, no correr do tempo, lembrando-se o Duque de que sua mãe morrera de desgosto, achasse ter sido demasiadamente inexorável para com o traidor Dom Pedro d'Alvar.

Os dois irmãos habitavam no Escorial um mesmo quarto, onde passavam a maior parte do tempo que o serviço do rei os deixava de folga. O Duque lia, D. Ramon pintava ou tocava, e ambos falavam da formosa D. Luísa, e dos seus queridos gêmeos.

Uma noite, achava-se o Duque de serviço junto do rei, e D. Ramon estava no seu quarto escrevendo à sua espôsa; inopinadamente foi um soldado entregar-lhe uma carta, que êle abriu com pasmo, porque não conhecera a letra do sobrescrito.

A carta era assinada por "D. Basílio, cura de S. Jerônimo".

S. Jerônimo é um lugarejo, situado a duas léguas do Escorial; e a carta dizia o seguinte:

"Sr. D. Ramon.

"Há um idoso soldado, a quem ministrei os últimos sacramentos da Igreja, e que só tem algumas horas de vida, o qual lhe suplica que o visite no leito mortuário. Chama-se Iago Perez, e diz ter um grande segredo para lhe confiar."

D. Ramon perguntou ao soldado quem tinha levado aquê-le bilhete.

— Foi um paisano que veio a cavalo, e que está esperando a resposta.

— Bem...

Dali a dez minutos montava D. Ramon a cavalo e acompanhava o tal paisano; ao cabo de uma hora chegava à mais pobre cabana da miserável aldeia de S. Jerônimo, e achava, com efeito, um velho, já agonizante, tendo à cabeceira o padre que escrevera a carta. O moribundo poderia ter sessenta anos. Apesar da sua extrema fraqueza conservara tôda a presença de espírito, e mal entrou D. Ramon fitou-o com extrema placidez.

— Parece-se extraordinariamente com seu pai! disse êle.

D. Ramon sentou-se à cabeceira do moribundo e pegou-lhe na mão.

Então o velho fêz um sinal, e tanto o padre como duas mulheres que ali estavam, afastaram-se.

— D. Ramon, disse o velho, eu estou a morrer, e morro arrependido de ter guardado, por medo e por fraqueza, um segredo que deveria ter revelado há muito. Nos últimos momentos, porém, cessaram as hesitações e por isso lhe mandei pedir que visse aqui.

— Mas êsse segrêdo interessa-me? perguntou D. Ramon.
O soldado fêz um gesto afirmativo, e acrescentou:

— Eu servi sob as ordens da guarnição do capitão Dom Pedro d'Alvar, seu pai. Fazia parte da guarnição que defendia o castelo de Sallandrera, em 1809.

— Foi onde meu pai morreu, murmurou D. Ramon, que conservara sempre a vaga recordação do capitão D. Pedro.

— E' verdade... disse o piedoso soldado. E sabe como morreu seu pai?

D. Ramon estremeceu.

— Não sei... respondeu êle. Contudo, sempre ouvi dizer, que acometido de um acesso de alienação mental, ou por em uma noite ter tropeçado, se precipitara do alto das trincheiras, e que a sua morte foi positivamente efeito de um desastre.

O velho abanou a cabeça.

— Seu pai, disse êle, foi assassinado.

— Assassinado! exclamou D. Ramon. Por quem? Onde está o seu assassino?

— Em breve o saberá, continuou o moribundo. Uma noite passaram dois homens pela guarita em que eu estava abrigado, achando-me de sentinela no parapeito. Um dêles era seu pai, o outro o assassino!

— O nome dêle? perguntou D. Ramon deveras aflito.

— Logo lho direi... replicou o moribundo. E prosseguiu: — Seu pai ia adiante, provavelmente sem desconfiança, porque nem um nem outro falavam. Quando chegaram à prancha que servia de ponte...

— Lembro-me perfeitamente, disse D. Ramon; era uma prancha estreita...

— Muito estreita... Eles já iam longe de mim; a noite estava escura, de modo que não pude distinguir perfeitamente o que ocorreu; mas ouvi o assassino dizer a seu pai: "Pare!" Ao mesmo tempo ouvi um grande ruído... seu pai fôra precipitado no abismo. Dali a dois minutos tornou a passar por diante de mim o assassino, que entrou muito tranquilamente para o castelo.

— Horror! murmurou D. Ramon, que se tornara lívido. Mas quem era êsse infame?

— Revista-se de paciência... murmurou o soldado, creia que há de saber tudo...

E continuou:

— Eu fui sem dúvida, a única testemunha daquela maldade abominável, e há quinze anos que ouço a consciência a exprobar-me o meu silêncio, como um crime não menor; mas o assassino era muito poderoso. Se eu o tivesse acusado ninguém me acreditaria... talvez até fôsse fuzilado...

— Poderoso! murmurou D. Ramon. Quem era então?

O soldado chamou com o gesto o cura de S. Jerônimo, o qual logo se aproximou.

— O seu crucifixo! disse o soldado.

O padre pegou no crucifixo, e apresentou-lho.

Então o moribundo olhou para D. Ramon, e disse, estendendo a mão para o crucifixo:

— Por esta cruz, e diante de Deus, que em breve há de julgar-me, juro que digo a verdade!

— Nem por um segundo o duvidei ainda... murmurou D. Ramon.

O moribundo fêz em seguida em esforço supremo, porque sentia aproximar-se-lhe o instante fatal, e balbuciou:

— O assassino do capitão D. Pedro d'Alvar é o Duque D. Paez de Sallandrera...

— Meu irmão! exclamou D. Ramon assombrado e dominado por extremo horror.

.....

Entretanto, recolhera-se o moço Duque de Sallandrera ao Escorial, com o séquito do rei, e perguntara por D. Ramon.

— O Sr. Conde foi para S. Jerônimo, disse-lhe o soldado que fôra o portador da carta do cura; e contou-lhe o que sabia. Conquanto não houvesse neste caso coisa nenhuma verdadeiramente extraordinária, teve o Duque como que um pressentimento sobremodo triste.. Não foi à partida, e deixou-se ficar no quarto, esperando com impaciência que D. Ramon regressasse.

Afinal chegou. Mas ao vê-lo entrar, soltou o Duque de Sallandrera uma exclamação de espanto e recuou a seu pesar. D. Ramon estava pálido como um defunto que sai à meia-noite do sepulcro.

— Santo Deus! exclamou o Duque; que tens tu, meu irmão?

— Nada... respondeu sêcamente D. Ramon.

— De onde vens?

— Venho de receber o último suspiro de um homem, de quem o Duque de Sallandrera se deve recordar.

D. Ramon falava em um tom sombrio, que acabou de perturbar o espírito e o coração do Duque.

— Que homem é êsse? perguntou êle, profundamente agitado.

— E' um velho soldado, chamado Iago Perez.

— Parece-me que me lembro, com efeito, dêsse nome.

— Fêz parte da guarnição de Sallandrera.

— Ah! sim... murmurou o Duque, ficando em extremo perturbado por ouvir falar em Sallandrera. Creio que me lembro...

— Pois êsse homem, prosseguiu D. Ramon, cujos olhos despediam chamas, lembra-se da morte de meu pai.

O Duque estremeceu.

— Sabe como meu pai morreu!

— Sabe-o!

E o Duque recuou, como se de repente surgira diante dêle o cadáver de D. Pedro d'Alvar.

— Sabe que meu pai foi assassinado, concluiu D. Ramon, com voz estridente, e nomeou-me o assassino!

Estas últimas palavras causaram no Duque o efeito de um raio.

— Meu irmão... balbuciou êle.

— Eu não sou irmão! retorquiu D. Ramon. Para trás, assassino!

Êste epíteto fêz subir ao rosto do duque o colorido da indignação.

— Teu pai... exclamou êle, teu pai era um traidor!

— E' falso!

— E' a verdade! E foi para te não desonrar, para não desonrar nossa mãe, que o matei!

— Ah! confessas, miserável! exclamou Dom Ramon, êbrio de furor, confessas que o assassinaste, infame!

— Confesso que o matei depois de o ter condenado, retorquiu o Duque, que recobrava o sangue frio, vendo o furor de seu irmão.

D. Ramon levou a mão à espada, e atirou uma luva ao rosto do Duque.

— Em guarda!... exclamou êle, em guarda! Quero vingar meu pai!

O Duque, porém, não levantou a luva, e respondeu com serenidade:

— Bem sabes que sou bravo. D. Ramon...

— E' um assassino!

— D. Ramon, continuou o Duque, juro-te pela cinzas de nossa mãe, que não deixarei de me bater...

— Não insultes minha mãe, infame!

— Hei de bater-me, concluiu o Duque, mas depois de me haveres ouvido, depois de eu dizer qual a indelével mancha que estêve para te legar aquêlê a quem chamas teu pai...

— Não quero saber nada, nada quero ouvir! exclamou D. Ramon! Era meu pai! E desembainhou a espada.

— D. Ramon! D. Ramon! meu irmão, disse o Duque em tom suplicante; pela afeição que te consagro, pela memória de nossa mãe, em nome de tua espôsa e de teus filhos, ouve-me!

— És um covarde! retorquiu D. Ramon, e tens mêdo de morrer!

E como o Duque permanecesse impassível vendo Dom Ramon lançar-lhe a luva, lançou-se êste último a êle, e esbofeteou-o, chamando-lhe mais uma vez infame.

.....

Então perdeu o Duque de todo a reflexão; esqueceu-se de que a mão que esbofeteara era de seu irmão, não viu já diante de si senão um homem que lhe fizera suportar um ultraje, que um fidalgo não pode lavar senão com sangue; e imitando D. Ramon, desembainhou a espada, precipitando-se um para o outro com incrível encarniçamento.

Ao cabo de dois minutos caiu por terra um dos dois adversários, sem proferir uma palavra, sem exalar um suspiro. Era D. Ramon.

A espada do Duque de Sallandrera, a espada de seu irmão, atravessara-lhe o coração e matara-o instantaneamente.

.....

O Duque passou o resto da noite inerte, estúpido, como um homem fulminado e privado da razão, na presença do cadáver do único homem a quem fôra deveras afeiçoado. Por mais de vinte vêzes teve a tentação de se atravessar com a espada; mas deteve-o sempre um bom pensamento: Dom Ramon deixava viúva e dois filhos, que necessitava de quem os protegesse.

Ao nascer do dia, dirigiu-se aos aposentos do rei, que lhe queria muito e que o recebeu imediatamente, mediante apenas duas palavras que lhe transmitiu o camarista de serviço.

O Duque lançou-se aos pés do soberano e contou-lhe tudo. Confessou-lhe os dois assassinios que cometera e atreveu-se a dizer-lhe:

— Senhor, vim lançar-me aos pés de Vossa Majestade, para lhe pedir que lhe julgue como fidalgo que só depende do seu rei. Se sou culpado ordene Vossa Majestade que me decapem a cabeça; se sou inocente...

— Duque de Sallandrera, respondeu o rei, à fé de gentil-homem que o não acho culpado. Levante-se, e erga afoitamente a cabeça.

O neto de Luís XIV compreendera aquela alma cavalheiresca e absolvera-a.

D. Ramon e o Duque tinham-se batido sem testemunhas; só o rei sabia o segredo da morte de Dom Ramon; e o rei disse ao Duque:

— Oculte o cadáver até à noite que vem, que então o faremos desaparecer nos subterrâneos do palácio.

Dali a um mês correu o boato de que D. Ramon morrera em França, aonde o rei o enviara em missão secreta.

A sua viúva, a formosa D. Luísa, ignora ainda o modo trágico por que seu marido morreu, como a Duquesa mãe de Sallandrera ignorara qual fôra o verdadeiro fim do traidor D. Pedro d'Alvar. Mas as duas mortes pesavam extraordi-

nàriamente na consciência do Duque. De então em diante considerou-se protetor, considerou-se pai das duas crianças a quem tornara órfãs. Mandou educar D. Pedro e D. José como se fôsem seus filhos, e se não fôra o desejo de perpetuar o seu nome, teria renunciado a segundo consórcio, a fim de lhes deixar todos os seus bens.

Contudo, ao cabo de alguns anos, tinha-lhe o tempo acalmado a dor — porque chorou por muito tempo o desventurado D. Ramon — o Duque tornou a casar-se. Casou com minha mãe, e ao cabo de um ano nasci.

Então jurou meu pai solenemente que Dom Pedro, o mais velho dos dois gêmeos, seria meu espôso; e quando cheguei aos doze anos, celebraram-se os sponsalícios. Meu pai ainda aqui não ficou; jurou que se D. Pedro morresse, eu casaria com D. José. Este último juramento devia ser a minha desgraça e arrastar D. José para o caminho do crime.”

.....

Aqui terminava a segunda parte do manuscrito de Pepita. Rocambole interrompeu-se e disse a sir Williams:

— Então, meu tio?... que pensas tu disto tudo?

O cego fêz sinal de que queria escrever, e Rocambole deu-lhe a pedra.

Eis qual foi a sua resposta:

“Possuindo segredos tais deves tornar-te forçosamente marido de D. Pepita. Daqui em diante deves obedecer-lhe cegamente, livrá-la de D. José, e assumir o aspecto de libertador.”

— E’ a minha opinião, respondeu Rocambole, que pegou novamente no manuscrito, acrescentando: Vejamos agora qual é o papel do meu rival D. José neste dramazinho íntimo!

E continuou a ler.

“D. Pedro e D. José têm vinte e seis anos, sete mais do que eu.

Eu fui criada com êles na provincia de Granada.

Sua mãe, D. Luísa, faleceu quando êles tinham dez anos. Foi então que meu pai, já casado, se encarregou da educação

dêles, e os chamou para a sua companhia. Estive cinco anos com êles em uma herdade que ainda possuímos a três léguas de Granada, que se chama "Granadera".

D. Pedro era dotado de nobre e sereno caráter, todo franqueza e docilidade. Fui-lhe prometida há cinco anos, e logo principiamos a amar-nos.

Durante três anos vivi eu acariciando o suave sonho de que seria espôsa de D. Pedro; D. José, pelo contrário, mostrou-se muito cedo tal qual é hoje; cruel, tirânico, desalmado e repleto de ambição. D. José nunca perdoou ao irmão os seus direitos de primogenitura. Mas ainda: manifestou, muito novo ainda, sentimentos hostis a seu irmão, que deviam ser coroados por um crime.

Ao passo que o sincero e leal D. Pedro se mostrava ternamente afeiçoado a seu irmão, D. José fugia-lhe continuamente, soltando muitas vezes contra êle terríveis ameaças. Era contudo ambíguo, insinuante para com meu pai, a quem lisonjeava as predileções e os instintos, não lastimando, segundo êle dizia, senão uma coisa; ser mais novo que D. Pedro, não por D. Pedro, segundo as leis espanholas, herdar a maior parte da casa, o título e as dignidades de seu pai, mas porque havia de casar comigo.

Eu contava treze anos, e D. José perto de vinte e um. Eu era quase uma criança, e já adivinhara o ódio surdo com que êle rodeava o seu irmão. Uma noite encontramos-nos a sós no jardim da "Granadera". D. José pegou-me na mão, e disse-me: Não sabe, minha querida Pepita?... Amoa-a loucamente.

— Esquece-se, repliquei rindo, que sou noiva de seu irmão?

— Êsse casamento, disse êle em tom que revelava cólera, não se fez ainda.

— D. Pedro ama-me, e eu amo-o, continuei em seguida. Em eu tendo quinze anos, e êle vinte e dois, casamo-nos.

— Diga-me, Pepita, não quer decerto que eu cause uma desgraça?

— A que desgraça se refere?

— Isso é só para mim... Olhe, juro-me que não casa com D. Pedro.

— Enlouqueceu! exclamei admirada.

— E' possível, tornou êle, mas eu odeio-o, e amo-a.

E D. Jcsé falando assim parecia hediondo. Tive mêdo dêle e fugi, resolvida a lançar-me nos braços de meu pai e confessar-lhe tudo, se D. José renovasse a sua perseguição.

D. José, porém, não tornou mais a falar-me de amor. Chegou até, daquela noite em diante, a mostrar para comigo uma espécie de respeitosa frieza, manifestando ao mesmo tempo maior afeto e ternura para com D. Pedro.

Eu era muito nova e muito ingênua para que desconfiasse de D. José. Acreditei francamente que fôra vítima de um ligeiro acesso de alienação quando me falara de amor, que fôra dominado por momentânea exaltação, que a reflexão depois corrigia. Além disso, D. José não me amava.

Não mirava senão o meu dote e a herança que hei de haver de meu pai, que continuava com o projeto de transmitir o seu nome e grandeza ao genro, desde que perdera a esperança de ter um filho.

Um ano após o nosso encontro no jardim da "Granadera", tive a prova de que D. José não sentira nunca por mim o mais ligeiro afeto sério. Ao passo que D. Pedro se mostrava religioso e de grande pureza de costumes, D. José, aproveitando-se da ausência de meu pai, que accitara uma missão diplomática, adquiriu dentro em pouco em Granada reputação de devasso. Os seus amôres com uma cigana, boêmia que dizia ser descendente dos antigos reis mouros de Granada, causaram tal escândalo, que minha santa mãe julgou dever intervir ordenando-lhe que saísse imediatamente de Granada, e que voltasse para Madri. D. José, porém, lançou-se aos pés de minha mãe, jurou que não tornaria a ver a tal criatura, e continuou a permanecer na "Granadera". Por muitas vêzes pareceu que cumpria a sua palavra e que renunciara para sempre à cigana; mas continuava os seus amôres secretamente, permitindo-me depois o acaso assistir a uma das suas entrevistas.

A "Granadera" era um bonito castelo de construção mourisca, construído no flanco da serra e rodeado de jardins e bosques em anfiteatro. Das suas janelas avistavam-se ao longe as torrinhas e terraços da Alhambra.

Na extremidade do jardim, e descendo-se para a planície, havia um pavilhão de verdura, onde Dom José ia tôdas as

noites esperar a boêmia. Em Espanha têm ainda as boêmias um poder oculto dos mais perigosos, e ramificações numerosas em todas as diversas classes da sociedade. A cigana, que se chamava Fátima, era moça, bela, e brilhara em Madri, Granada, Sevilha e Cádis, onde a mocidade rica e titular disputara entre si os seus favores. Em Granada havia esplêndidamente vivido em um palácio com a sua família, quer dizer, sua mãe, verdadeira feiticeira de Macbeth, e com três irmãos, vigorosos rapazes sem profissão conhecida, mas que a opinião popular acusava em voz baixa de pertencerem a uma quadrilha de salteadores que devastava os arredores de Granada; e não havia noite nenhuma em que não fôsse encontrar-se com D. José, a quem afinal amava apaixonadamente.

Os irmãos acompanhavam-na de liteira até a base da montanha, e ali a esperavam com extrema paciência.

D. José abria-lhe uma portinha e conduzia-a ao caramanchão de que falei. Às vezes, quando a noite estava escura e no palácio não brilhava uma só luz, passeavam no jardim.

Ora, uma noite, a hora assaz avançada, obrigou-me uma indisposição repentina a levantar-me da cama, sentindo em seguida necessidade de tomar ar. Era em agôsto, a atmosfera estava ardente e o céu tempestuoso. Desci ao jardim envolta em uma mantilha, e sentei-me ao pé de uma romeira, convencida de que aquela hora estava inteiramente só. Era então perto de meia-noite.

Achava-me ali havia pouco ainda, quando me pareceu ouvir falar em voz baixa, e ao mesmo tempo ruído de passos. Tive medo e permaneci imóvel e a tremer. Entretanto aproximaram-se os passos, e as vozes tornaram-se mais distintas... Dali a nada pareceu-me reconhecer a voz de Dom José. Mas com quem se achava êle?

La talvez levantar-me e sair-lhe ao encontro, para ver se era com efeito êle, quando ouvi claramente outra voz com a qual não podia enganar-me...

Era voz de mulher.

A curiosidade e certa inquietação vaga impeliram-me a conservar a imobilidade em que até ali estivera, ocultando-me, sem ruído, entre os arbustos.

Os passos e as vozes continuavam a aproximar-se, e eis que o que eu ouvi:

— Então, querido da minh'alma, foste o primeiro que nasceste, o que entre os gêmeos dá o direito de primogenitura ao que nasce depois; e por isso teu irmão D. Pedro há de ser rico e titular, casará com a nobre filha do Duque de Salandrera, e sucederá a seu sogro nos bens e na dignidade...

— Infelizmente, assim é! disse D. José suspirando.

— E tu, como se fôras maldito, ficarás pobre, sem títulos nem haveres.

— E' verdade... murmurou D. José, em tom sombrio.

E neste momento passaram tão perto de mim que lhes ouvi a respiração.

— Tens afeição a D. Pedro? perguntou a cigana, em tom de escárnio.

— Odeio-o!

— Profundamente?

— Se elle morresse, chorá-lo-ias?

— Não!

Foi quanto ouvi.

A cigana e D. José tinham-se afastado, e as suas vozes se tornaram ininteligíveis. Deram uma volta pelo jardim, e tornaram a passar junto de mim, ainda imóvel e deveras aterrada desde que ouvira D. José desejar a morte do irmão.

Então já não falavam de D. Pedro, mas a cigana dizia:

— Esta doença é hoje quase desconhecida. Já se não encontram senão raros exemplares dela na África, em Marrocos ou no Senegal.

— E'... mortal?

— Mortal e medonha.

— Como se manifesta?

— Por uma putrefacção pausada, que primeiro se apodera das extremidades, e depois do rosto, corroendo os lábios, o nariz, a língua, extinguindo a vista, e acabando por atacar os intestinos. O infeliz a quem ella alcança vê-se morrer dia a dia, hora a hora.

— E não tem remédio?

— Nenhum.

— Quantos anos pode viver quem fôr atacado?

— Isso é conforme. Pode morrer ao cabo de um ano, mas pode resistir quatro ou cinco. Os horríveis sintomas é

que se manifestam logo no princípio, às vêzes ao cabo de um ou dois menses.

E tornaram-se a afastar. Não ouvi mais nada.

Depois passaram terceira vez a pouca distância de mim, e ouvi dizer D. José dizer:

— E' contagiosa essa doença?

— É.

— E como se pode ela comunicar?

— Pelo contato, pela transpiração.

— Por conseguinte, a pessoa que padeça essa doença, e que dê um beijo nos lábios de outra, comunica-a?

— Não é necessário tanto, disse a cigana. Não te disse que meus irmãos trouxeram da África, há de haver um mês, um negro que tem a tal moléstia?

— Disseste.

— Pois bem... se lhe applicassem uma máscara de pez, ou mesmo de cêra, de uma matéria gorda e esponjosa, e lha conservassem por duas ou três horas, bastaria depois applicá-la a outro rosto, para lhe inocular a infecção.

Fugi então, e recolhi-me ao meu quarto, onde passei uma noite de insônia. Pareceu-me depois no decorrer da noite, que o meu espírito se iluminava; julguei adivinhar os projetos sinistros de D. José, e contudo, quando amanheceu, ainda hesitava em acreditá-lo. O resultado foi encarar os meus pressentimentos como visões verdadeiramente quiméricas. D. José tinha ciúme de D. Pedro, odiava-o até; mas seria capaz de se tornar fraticida?

Apesar, porém, desta conclusão, tinha tentações de ir procurar o noivo, e de lhe dar parte do que ouvira, quando chegou de repente uma carta de meu pai.

O Duque de Sallandrera, como já disse, aceitara um cargo importante na diplomacia: era embaixador na Alemanha. Na carta que escrevia à minha mãe, ordenava que fôsse para junto d'êle D. Pedro, para quem obtivera a nomeação de secretário da embaixada, e a quem o govêrno da rainha mandava para a legação de Viena.

D. Pedro queria muito a meu pai e tinha por êle grande veneração. Para êle os desejos de meu pai eram ordens, por conseguinte manifestou o desejo de partir naquele mes-

mo dia. Eu olhei aquela partida como uma prova da intervenção celeste que protegia o meu noivo.

D. Pedro partiu e eu fiquei só com minha mãe e D. José.

.....

Decorreu um ano.

Ao cabo dêle houve mudança de ministério e meu pai foi chamado.

Uma noite chegou meu pai com D. Pedro à "Granadera".

D. José recebeu seu irmão com as manifestações da mais viva afeição, testemunhando-lhe a alegria de o tornar a ver, e dizendo-lhe quão longa e cruel lhe parecera aquela separação de um ano.

Então já eu me esquecera da conversação que surprendera havia um ano, entre a cigana e D. José. Além disso a boêmia deixara Granada, e era mais que provável que Dom José tivesse acabado inteiramente as suas relações com ela.

Acrescia também estar eu próxima a completar quinze anos, e por conseguinte não vinha longe a época de me unir a D. Pedro.

D. Pedro tinha profunda paixão pela caça, exercício que repugnava excessivamente a D. José. Tôdas as manhãs, acompanhado do seu criado, e às vèzes só, saía o arrojado moço de espingarda ao ombro, e internava-se nas montanhas que rodeavam a "Granadera" para perseguir as perdizes que ali abundavam. Muitas vèzes deixava-se levar de tal modo pelo entusiasmo, que só regressava muito tarde.

Ora, um dia, partira D. Pedro ao despontar do dia, só, levando víveres para todo o dia.

Decorreu o dia, anoiteceu, D. Pedro não aparecia.

À hora usual da ceia fomos para a mesa, e o lugar de D. Pedro ficou devoluto.

Meu pai principiou então a sentir-se inquieto.

— Na serra têm andado salteadores, disse êle; quem sabe se aquêles estouvado lhes terá caído nas mãos?

— Qual!... disse D. José rindo-se; há mais de um ano que se não tem cometido um roubo dez léguas em redor. Os ladrões mudaram de rumo.

Depois esperou-se ainda uma hora.

Eu estava já em um suplicio, e a meu pesar, lembrava-me dos rumores que haviam decorrido meses antes dos irmãos da cigana, os quais, segundo diziam, eram coniventes com os salteadores. Ao mesmo tempo acudiu-me também à memória a conversação dela com D. José; mas de repente anunciou a sinêta da “Granadera” a chegada de alguém.

— Ei-lo! exclamaram todos! E' êle!

Era, com efeito, D. Pedro, que logo vimos aparecer à porta da sala, mas tão pálido, tão transtornado, que foi geral a exclamação de assombro.

D. Pedro já não parecia senão a sombra de si mesmo; e o fato rasgado, e as mãos ensangüentadas provaram haver sustentado uma luta violenta e encarniçada.

D. Pedro estava tão fraco, tão abatido, que não podia articular uma palavra.

Sentou-se silencioso e pediu de beber, ao passo que os demais se certificavam de que o sangue que o cobria não provinha senão de ligeiros ferimentos, que a falar verdade, não passavam de contusões.

Estêve mais de um quarto de hora sem poder recobrar a fala. Depois é que nos disse:

— Perdi-me na montanha. Como a noite estava próxima, diligenciei orientar-me para achar o caminho, mas não o consegui prontamente. De repente vi sair de entre umas árvores um pouco de fumo, e julgando que houvesse ali alguma cabana, encaminhei-me naquela direção. Em vez, porém, de uma cabana, achei um forno de cal a arder, e à roda do forno três homens de traje extravagante e rostos mascarados de carvão. Cheguei-me a êles, e perguntei-lhes pelo caminho que procurava.

— Quem és tu? perguntaram-me êles.

— Chamo-me D. Pedro d'Alvar, sou sobrinho do Duque de Sallandrera e resido na “Granadera”.

Os homens murmuraram não sei o que em tom de escárnio, correram em seguida para mim, e um dêles, agarrando-me de improviso, e sendo dotado de força hercúlea, lançou-me por terra e pousou-me um joelho no peito, exclamando:

— Chamas-te então, D. Pedro d'Alvar?

E ouvi-os rir e blasfemar. Depois, como eu intentasse sustentar com êles uma luta desigual, espancaram-me, feri-

ram-me o rosto, um principalmente, que parecia querer esfolar-me com as unhas. Afinal senti-me ensangüentado, e em seguida ouvi um deles dizer:

— Já sangra; agora é que é a ocasião!

No mesmo instante senti pôrem-me em cima do rosto o que quer que era frio e viscoso, que me cobria os olhos, tapava a bôca e interceptava a respiração. Então, meio sufocado, perdi os sentidos. Quando voltei a mim os homens tinham desaparecido, e eu não estava já ao pé do forno de cal, mas à porta da "Granadera".

Quando D. Pedro terminou esta extraordinária narração, olhou meu pai para mim e soltou um grito.

Eu estava imóvel e hirta na minha cadeira, privada dos sentidos. Compreendera que tinham efetuado no desventurado D. Pedro a aplicação da terrível máscara, de que a cigana falara ao seu amante. Fôra esta, como é fácil de adivinhar, a causa do meu desmaio.

Passei depois oito dias em delírio, falando sem coerência em D. José, na cigana, na máscara de pez e na doença mortal. Nem meu pai, nem minha mãe, nem D. Pedro puderam entender nada do que eu disse; mas D. José adivinhou estar eu de posse do seu segredo. Uma manhã, vi o assassino sentado à minha cabeceira; e estava só.

— A minha pobre Pepita, disse êle sorrindo, estêve muito doente, durante o delírio disse coisas muito extraordinárias.

— Saia daqui, assassino! exclamei.

— Assassino! disse êle com a maior serenidade; que está dizendo? Ora esta! Enlouqueceu decerto?

— Não enlouqueci...

— Que quer então dizer?

D. José pareceu admirado.

— Ouvi tudo... uma noite... há um ano, no jardim...

— Que foi que ouviu?

— A história do pez, da máscara de pez... a cigana...

— Estêve sonhando, creia...

E como eu o fitasse com assombro, com horror, olhou êle friamente para mim, dizendo-me:

— Quer que eu também lhe conte agora uma história?

Eu estava petrificada ante tamanha audácia, e conservava-me silenciosa.

— Uma vez que me chama assassino, ouça. Não sabe que seu pai assassinou o meu, depois de ter igualmente assassinado, aos treze anos, meu avô, D. Pedro d'Alvar?

Até então não sabia eu uma única palavra da funesta história que aqui transcrevi; de modo que as palavras de D. José atordoaram-me tão extraordinariamente, lançaram-me em tal prostração, que não tive força para o desmentir, nem coragem para lhe impor silêncio. Então aquêlê homem, com voz escarninha e desapiedada, como se viesse do inferno, atreveu-se a descrever-me o drama lúgubre, cujo primeiro ato se representara no castelo de Sallandrera, e o segundo no Escorial. Não teve caridade de omitir o mínimo pormenor.

E eu ouvi, muda de medo, com os cabelos eriçados, e presa da mais dolorosa aflição. Depois de terminar, permaneceu D. José a olhar para mim com aquêles olhos de réptil, que pareciam fascinar-me.

Fiz ainda um gesto de repulsa.

— Agora, minha querida Pepita, concluiu êle com o seu infernal e frio sorriso, vai saber o que resolvi. Meu pai, sabendo que o seu pai matara o dêle, esbofeteou-o e constrangeu-o a bater-se...

Eu entrei a tremer.

— Ora, continuou êle, seu pai ignora que eu sei o segredo da morte do meu; e como eu a amo, uma vez que a minha querida Pepita se mostre prudente e razoável, há de ignorá-lo sempre, e continuará a chamar-me filho. Mas se, pelo contrário, a prima falar da história da cigana, se tiver a loucura de supor haver eu tido o intento de mandar assassinar D. Pedro, o que é uma calúnia, porque êle está de perfeita saúde, e não tem já o mínimo vestígio das violências que suportou dos endiabrados carvoeiros, então, minha querida Pepita, para pôr têrmo a tôdas as explicações desagradáveis, procurarei o Duque, e cravar-lhe-ei um punhal no coração, recordando-lhe ao mesmo tempo que foi êle quem matou meu pai.

D. José levantou-se mal proferiu estas palavras, pegou-me na mão, que eu intentei retirar, levou-a impudentemente aos lábios, e retirou-se.

Como se vê, aquêlê homem assassinara o irmão e fazia da vida de meu pai o penhor do meu silêncio. Não podia eu, portanto, deixar de me calar.

.....

Entretanto, e apesar de ser evidente que os três carvoeiros que haviam maltratado D. Pedro não eram senão os irmãos da cigana, o desventurado mancebo esquecera-se da funesta aventura. Decorreu um mês, e depois outro, e não se manifestou nenhum sintoma assustador, que me fizesse acreditar ter a máscara envenenada produzido o seu efeito. Já eu principiava a acreditar que acusara injustamente Dom José, quando pelos fins do terceiro mês, pareceu alterar-se a natural alegria de D. Pedro, que entrou a empalidecer a olhos vistos. Insensivelmente achou-se prêsa de um incômodo geral, seguido em breve de mortal tristeza. Um dia, ao levantar-se, notou que tinha os lábios empolados e violáceos. Ao mesmo tempo queixou-se de violentas dores nas unhas, tanto dos pés como das mãos.

Meu pai, assustado por êstes diversos sintomas, mandou chamar um habilíssimo médico de Granada. O médico veio sem demora, e encrespou as sobranceiras mal viu os sintomas da misteriosa enfermidade. Contudo, pareceu hesitar por muito tempo em se pronunciar, não se atrevendo a interrogar o desventurado D. Pedro. Êste parecia, pelo contrário, não dar a mínima importância às primeiras manifestações da doença.

O médico, depois de prolongado e minucioso exame, declarou que D. Pedro tinha apenas uma simples febre, cuja violência era causa de todo aquêlê estado; mas chamou de parte meu pai e disse-lhe em voz baixa:

— Êste mancebo está perdido.

— Perdido! exclamou meu pai.

— Está atacado de uma doença hoje muito rara, de uma doença que parece ter morrido com a Idade Média.

— Santo Deus! Mas que doença é essa?

— E' a lepra.

E o médico descreveu minuciosamente todos os sintomas, tôdas as devastações da incurável enfermidade, predizendo,

como o fizera a boêmia, que D. Pedro sucumbiria ao cabo de três ou quatro anos, depois de ter dado o medonho espetáculo de uma putrefação viva.

— Mas, então, exclamou o Duque, não há o mínimo remédio?

— Nenhum. A doença está já muito adiantada.

Meu pai não podia imaginar onde fôra adquirir tão horrível padecimento, e o próprio médico perdia-se em conjecturas; mas de repente lembraram-se do encontro que o mancebo tivera havia já tempo com os carvoeiros que lhe tinham coberto o rosto com uma máscara de resina.

Esta recordação foi um raio de luz para o doutor, o qual logo explicou claramente como a doença devia ter sido inoculada; tornou-se evidente que D. Pedro fôra vítima de um crime medonho, crime cuja causa foi incompreensível para todos, exceto para mim.

Nessa mesma noite, D. José tomou-me de parte e disse-me:

— Quer muito a seu pai, Pepita?

Eu fitei-o com horror.

— Se lhe quer muito, continuou êle em tom de ameaça, faça com que viva o maior tempo possível...

E voltou-me as costas.

.....

Por algum tempo ocultaram a D. Pedro a gravidade do seu estado; mas afinal, chegou tempo em que não foi possível continuar-se a ocultar-lhe a verdade. O que a ciência afirmou foi que a influência da vizinhança do mar poderia obstar ao prosseguimento rápido da doença.

D. Pedro, que já não podia andar, e cujo rosto intumescido estava coberto de um véu espesso, teve de ser transportado para Cádis, onde lhe fôra destinada uma casa isolada à borda do mar, na qual o foram acompanhar dois médicos.

Na véspera da partida, quis D. Pedro estar a sós comigo, com meu pai e com D. José.

O nobre mancebo pegou nas mãos do seu assassino, e fitou-o com ternura.

— Meu querido tio, disse êle dirigindo-se ao Duque, sabe qual é a afeição que consagro a meu irmão e a Pepita...

D. José e meu pai estremeçeram.

— Pepita era a minha noiva, prosseguiu êle, no tempo em que eu tinha rosto de homem. Pois bem, meu tio, agora que a morte se me aproxima, deixe-me fazer-lhe uma súplica.

— Dize, meu filho...

E meu pai proferiu estas palavras com voz quase ininteligível e chorando.

D. Pedro prosseguiu com firmeza:

— D. José é meu herdeiro; jure-me, portanto, que lhe dará a mão de Pepita após a minha morte.

— Assim o juro... murmurou meu pai.

D. José chorou, soluçou, prodigalizou a seu irmão os nomes mais ternos, e D. Pedro partiu para Cádiz convencido de que D. José daria de bom grado a própria vida para salvar a dêle.

No dia da partida de D. Pedro, contou-me meu pai o que se passara entre êle e os sobrinhos. Eu senti um acesso de indignação, que me foi impossível dominar. D. José comprara o meu silêncio acêrca de um crime ameaçando-me de que mataria meu pai; mas não comprara a minha mão.

— Isso não, meu pai... exclamei; nunca hei de ser espôsa de D. José.

— Assim é necessário, retorquiu o Duque.

— Não me inspira senão ódio! repliquei.

Então vi meu pai empalidecer e encherem-se-lhe os olhos de lágrimas.

— E' indispensável, murmurou êle, que te confie o segredo e o remorso da minha vida!

E meu pai repetiu a extensa e funesta história que eu já sabia; confessou-me o duplo homicídio que lhe envenenara a existência; e em seguida ajoelhou diante de mim e suplicou-me lhe permitisse resgatar assim as suas culpas para com os filhos do seu desventurado irmão D. Ramon.

Que podia eu fazer? Acedi a tudo e resignei-me a tornar-me espôsa de D. José, logo que D. Pedro expirasse. Decorridos alguns meses, foi meu pai chamado a Paris, por causa de importantes interêsses da casa. Passamos aqui um inverno; depois chegada a primavera, compramos a casa em residíamos, na rua de Babilônia.

D. José tinha ficado na Espanha.

A alegria que eu experimentava, no meio dos meus desgostos, por me achar separada daquele monstro, influiu muito para que se prolongasse a nossa estada em Paris. Meu pai e minha mãe idolatravam-me, de modo que acederam a passar aqui mais um ano, e depois outro ainda.

Depois veio D. José. Veio há quase um ano, certo de que seu infeliz irmão não tinha já muito tempo de vida; veio para velar pela sua noiva.

Há um ano que eu suporto todos os dias a presença dêste monstro, as suas homenagens importunas, os seus galanteios odiosos; e, Santo Deus! entretanto, aproxima-se a hora em que terei de me tornar sua espôsa, se mão protetora não me acudir."

.....

Terminava aqui o manuscrito da menina de Sallandrera.

— Então, meu tio, perguntou Rocambole, que dizes a isto?

A fisionomia do cego estava radiante. Sem mais demora, pediu com o gesto a pedra, e escreveu estas palavras:

"Continuar amanhã a espionar D. José".

Rocambole leu esta resposta, e apagou-a imediatamente.

— Mais nada? perguntou em seguida.

O cego escreveu:

"Ir amanhã à entrevista da menina Sallandrera."

— E depois?

"E prometer-lhe, continuou sir Williams, que daqui a quinze dias estará livre."

— Mas como?

O cego encolheu os ombros, parecendo dizer:

— Não sei.

Em seguida, porém, bateu na testa; gesto que significava:

— Mais hei de sabê-lo.

Rocambole tinha fé absoluta em sir Williams.

— Adeus, meu velho, disse-lhe êle; dorme bem, se pudes, e até amanhã.

E deixou o cego, que se meteu na cama, graças aos cuidados do seu criado de quarto, que se lhe apresentou mal êle tocou a campainha.

Rocambole tivera o cuidado de meter no bôlso o manuscrito de Pepita.

Depois desceu para o seu quarto, bebeu um copo de Málaga, acendeu um charuto e deitou-se.

Ao cabo de uma hora, dormia o Marquês de Chamery profundo sono, sonhando que casava com D. Pepita de Salandrera, e que se tornava grande de Espanha.

FIM DO 1º VOLUME

▪ Este livro foi composto e impresso
na GRÁFICA RÉCORD LTDA.
Rio de Janeiro — Distrito Federal